

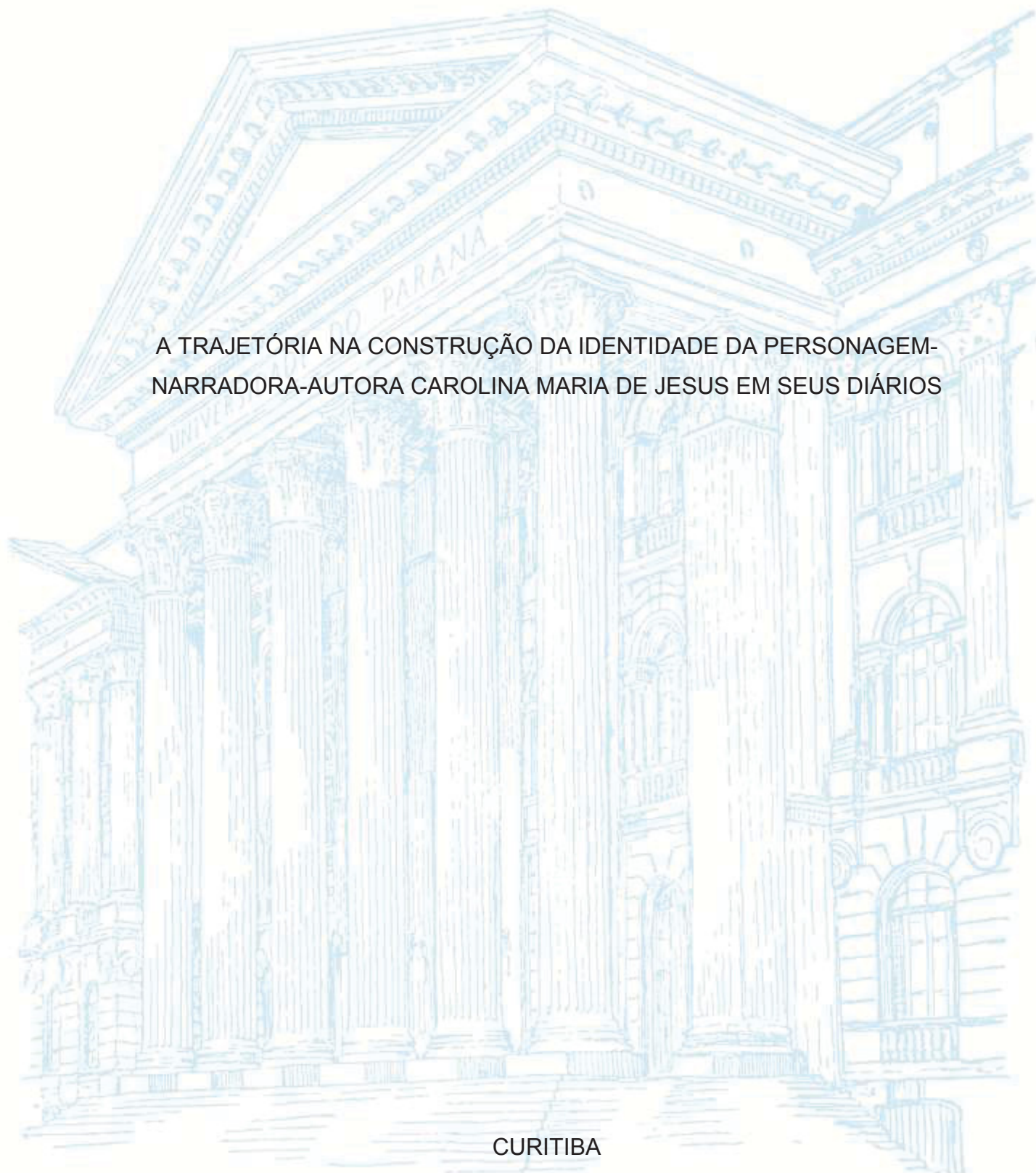
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VANESSA MARIA POTERIKO DA SILVA

A TRAJETÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PERSONAGEM-
NARRADORA-AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS EM SEUS DIÁRIOS

CURITIBA

2019



VANESSA MARIA POTERIKO DA SILVA

A TRAJETÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PERSONAGEM-
NARRADORA-AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS EM SEUS DIÁRIOS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, na Linha de Pesquisa Literatura, História e Crítica, do Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná (PPGL/UFPR), como parte das exigências para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado

CURITIBA

2019

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Silva, Vanessa Maria Poteriko da

A trajetória na construção da identidade da personagem-narradora-autora
Carolina Maria de Jesus em seus diários. / Vanessa Maria Poteriko da Silva.
– Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado.

1. Jesus, Carolina Maria de, 1914 – 1977 – Vida e obra. 2. Diários.
3. Identidade. 4. Memória. 5. Negros – São Paulo (SP) – Condições sociais.
I. Título.

CDD – 920.72



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 SETOR SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
 40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **VANESSA MARIA POTERIKO DA SILVA** intitulada: **A trajetória na construção da identidade da personagem-narradora-autora Carolina Maria de Jesus em seus diários**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 13 de Março de 2019.


 RODRIGO VASCONCELOS MACHADO
 Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


 RAFFAELLA ANDRÉA FERNÁNDEZ
 Avaliador Externo (UFRJ)


 PEDRO IPIRANGA JÚNIOR
 Avaliador Interno (UFPR)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 SETOR SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
 40001016016P7

ATA Nº905

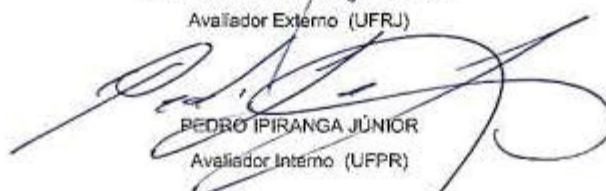
ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS

No dia treze de março de dois mil e dezanove às 14:00 horas, na sala 1013, R. General Carneiro, nº 460, foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **VANESSA MARIA POTERIKO DA SILVA** para a Defesa Pública de sua dissertação intitulada **A trajetória na construção da identidade da personagem-narradora-autora Carolina Maria de Jesus em seus diários**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: RODRIGO VASCONCELOS MACHADO (UFPR), RAFFAELLA ANDRÉA FERNANDEZ (UFRJ), PEDRO IPIRANGA JÚNIOR (UFPR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, reuniu-se e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela Aprovação da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, RODRIGO VASCONCELOS MACHADO, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 13 de Março de 2019.


 RODRIGO VASCONCELOS MACHADO
 Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


 RAFFAELLA ANDRÉA FERNANDEZ
 Avaliador Externo (UFRJ)


 PEDRO IPIRANGA JÚNIOR
 Avaliador Interno (UFPR)

Dedico este trabalho à memória da escritora Carolina Maria de Jesus, como forma de estudo e contribuição ao seu legado deixado: que sua poesia seja reconhecida, que seus contos sejam conhecidos, que suas peças sejam encenadas, que seus romances sejam lidos e que suas memórias sejam tomadas como exemplo de luta, de resistência e de determinação para todas as pessoas. Dedico-o também à família da escritora e a todos os seus pesquisadores que compartilham dos mesmos objetivos meus.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado que foi quem me apresentou a escritora Carolina Maria de Jesus e a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* em uma de suas disciplinas; agradeço pelo excelente trabalho de divulgação e análise de obras de escritores da Literatura Negra Brasileira e Ibero-americana na UFPR, bem como pela orientação durante toda esta trajetória acadêmica.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPR que contribuíram com meu crescimento acadêmico através de suas disciplinas, dentre os quais destaco o Prof. Dr. Fernando Gil e Prof. Dr. Alexandre Nodari.

À Universidade Federal do Paraná pelo ensino público gratuito e de qualidade.

A todas as minhas professoras e professores de Língua Portuguesa, Literatura e Linguística que contribuíram com a minha trajetória nas Letras desde a minha alfabetização até à graduação.

Aos meus pais, João e Arlene, que fizeram um esforço sobrecomum para que eu pudesse estudar e concluir minha base de ensino, com um apoio sempre incondicional.

Ao meu marido, Evandro, por tolerar a minha ausência e por se dedicar a nossa família durante meus estudos.

A minha querida filha Larissa que, com seus poucos quatro anos, foi minha companheira de estudos, desenhou nos meus livros e apostilas, e teve paciência enquanto a mamãe “trabalhava” com os livros.

A Deus, acima de tudo, a quem sempre recorro para minha força, esperança e fé.

A noite não adormece nos olhos das mulheres

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.*

*A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede*

Conceição Evaristo, em *Cadernos Negros*,
vol. 19

Viver - O que a senhora diria para a menina Conceição Evaristo quando ela pensou em ser escritora?

Conceição - Eu diria que ela estava no caminho certo. A vida, com suas histórias, está aí. Não se pode desprezar a vida nem a escrita que dela nasce. Por isso, e apesar de, seguimos com a nossa escrevivência.

(Conceição Evaristo - Jornal do Comércio – 13 de julho de 2018)

Eu disse: o meu sonho é escrever!

Responde o branco: ela é louca.

O que as negras devem fazer...

É ir pro tanque lavar roupa.

Carolina Maria de Jesus – *Antologia Pessoal*
(1996).

RESUMO

Carolina Maria de Jesus ficou internacionalmente conhecida no ano de 1960, após a publicação de seu diário: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que se tornou um *best seller*. Apesar de uma vasta produção escrita, Carolina foi uma mulher incompreendida pelo seu tempo e também por muito tempo depois da sua morte, porque estava completamente distante dos padrões exigidos pela academia em relação aos critérios para ser escritora ou para ter sua obra considerada como literária, sob a ótica de uma elite que prezava o cânone. Em virtude disso, por meio deste trabalho, procura-se divulgar a obra de Carolina Maria de Jesus, tomando como base a compreensão da trajetória apresentada em seus diários publicados: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960); *Casa de Alvenaria, diário de uma ex-favelada* (1961); *Diário de Bitita* (1986) e *Meu estranho diário* (1996). Ao conhecer sua trajetória, é possível estabelecer uma ligação entre a identidade de Carolina e a trajetória social do negro na sociedade brasileira que, juntamente com a memória, aparece nos relatos da autora que se configura simultaneamente como narradora e personagem dos seus escritos.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Diários. Trajetória. Identidade. Memória.

ABSTRACT

Carolina Maria de Jesus became internationally known in 1960, after the publication of her diary: *Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*, which became a best seller. Despite vast written production, Carolina was a woman misunderstood by her contemporaries and also for a long time after her death, because she was completely distant from the standards demanded by the academy in relation to the criteria to be a writer or to have her work considered as literary, under the view of an elite who prized the canon. Because of that, this work intends to divulge the work of Carolina Maria de Jesus, taking as basis the understanding of the trajectory presented in her published diaries: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960); *Casa de Alvenaria, diário de uma ex-favelada* (1961); *Diário de Bitita* (1986) e *Meu estranho diário* (1996). By knowing her trajectory, it is possible to establish a connection between the identity of Carolina and the social trajectory of the black people in the Brazilian society that, together with the memory, appears in the author's reports who is simultaneously configured as narrator and character of her writings.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Diary. Trajectory. Identity. Memory.

LISTA DE SIGLAS

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UnB: Universidade de Brasília

RJ: Rio de Janeiro

LISTA DE ABREVIATURAS

Não p.: não paginado

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2 | BIOGRAFIA INTELECTUAL DE CAROLINA MARIA DE JESUS..... | 22 |
| 2.1 | CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA BIOGRAFIA MULTIFACETADA..... | 39 |
| 3 | CAROLINA MARIA DE JESUS E A LITERATURA..... | 46 |
| 3.1 | O NEGRO NA LITERATURA..... | 46 |
| 3.2 | A QUESTÃO DO TEXTO AUTOBIOGRÁFICO E DO DIÁRIO..... | 56 |
| 3.3 | O LITERÁRIO E AS OBRAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS..... | 56 |
| 3.4 | A EDIÇÃO DE <i>QUARTO DE DESPEJO</i> | 75 |
| 4 | A QUESTÃO DA TRAJETÓRIA, DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE..... | 87 |
| 4.1 | DA ESCRAVIDÃO ATÉ A ABOLIÇÃO CONSTRUINDO UMA IDEOLOGIA DE DEPRECIAÇÃO DO NEGRO..... | 87 |
| 4.2 | O NEGRO NO MUNDO DOS BRANCOS..... | 92 |
| 4.3 | CONCEITOS REFERENTES À MEMÓRIA..... | 102 |
| 4.4 | A QUESTÃO DA IDENTIDADE..... | 105 |
| 4.5 | MEMÓRIA E IDENTIDADE NEGRA..... | 109 |
| 5 | ANÁLISE: A TRAJETÓRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM SEUS DIÁRIOS..... | 114 |
| 5.1 | A TRAJETÓRIA DA ESCRITA..... | 114 |
| 5.2 | INFÂNCIA..... | 117 |
| 5.3 | VIDA NA FAVELA..... | 133 |
| 5.4 | VIDA NA “SALA DE VISITAS”..... | 143 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 157 |
| | REFERÊNCIAS | 159 |
| | ANEXO 1 - FOTOGRAFIA DE MANUSCRITO DE CAROLINA MARIA DE JESUS..... | 166 |
| | ANEXO 2 - CAPA DO JORNAL NIGER, SETEMBRO, 1960..... | 167 |
| | ANEXO 3 - PÁGINA DO JORNAL NIGER, SETEMBRO, 1960..... | 168 |

1 INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus (1914 ¹ -1977) ficou conhecida nacional e internacionalmente no ano de 1960, após a publicação, por intermédio do jornalista Audálio Dantas, de seu primeiro diário: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que teve as primeiras dez mil cópias esgotadas em uma semana apenas, e se tornou um *best seller* na época, tanto no Brasil como em outros países, como Alemanha, Argentina, Itália, França e Estados Unidos. Mulher negra, catadora de papel, mãe solteira de 3 filhos, moradora da favela do Canindé (hoje extinta, localizada na zona Norte de São Paulo), com pouco estudo (o suficiente para aprender a ler - dois anos incompletos). Estas características configuravam-se completamente distantes dos padrões exigidos pela sociedade da época para representar uma escritora, em um campo dominado por homens, com formação acadêmica, predominantemente brancos e pertencentes à elite. Havia algumas mulheres letradas, brancas, procurando conquistar seu espaço, como Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cora Coralina, dentre outras.

No entanto, dentro do contexto em que despontava, Carolina Maria de Jesus conseguiu obter sucesso com sua primeira publicação, atingindo notáveis cem mil cópias em um ano e sendo traduzida para outros quatorze idiomas. O inédito de *Quarto de despejo* era trazer no *corpus* o retrato da favela, realizado por uma pessoa que vivia dentro desse universo, denunciando as condições miseráveis dos seus moradores, demonstrando claramente que, embora situada em uma São Paulo com o título de grande potência econômica, nem todos podiam usufruir de sua riqueza, principalmente os negros, desmascarando um país que muitos brasileiros vivenciavam, mas que as letras desconheciam, apagavam ou silenciavam. Segundo Meihy e Levine (2015, p. 38), “O livro de Carolina servia de pretexto para se criticar um tipo de sociedade fechada e que se autodesconhecia”.

Suas publicações, além de *Quarto de despejo* (1960) e suas inúmeras reedições e traduções, incluem: *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961) – assim como a primeira publicação da escritora, teve a edição de Audálio Dantas, o

¹ O ano de nascimento de Carolina Maria de Jesus é algo incerto tendo em vista que o registro de nascimento em cartório não era uma prática comum no Brasil para a população negra, consequência da tradição do regime escravocrata. Segundo Fernandez (2019, p. 7), nos manuscritos da escritora aparecem as datas de 1914, 1915 ou 1919.

repórter que “descobriu” a escritora na favela do Canindé; um disco de vinil com composições dela e cantadas por ela, *Carolina Maria de Jesus – Cantando suas composições* (1961); um romance e um texto com pensamentos, *Pedaços de fome* (1963) e *Provérbios* (1963) – a respeito dessas duas últimas obras, Carolina Maria de Jesus selecionou, contribuiu com a edição e pagou pelas publicações, pois estas não contavam com a aprovação de Audálio Dantas por prezar pela imagem dela como escritora exclusivamente de diários.

Postumamente, foi publicado um livro de memórias: *Diário de Bitita* (1982, na França e 1986 no Brasil); um diário, intitulado *Meu estranho diário* (1996), constituído por trechos sem cortes dos dois primeiros diários de Carolina Maria de Jesus e escritos inéditos da vida dela antes de se mudar para Parelheiros; e um livro de poemas, *Antologia pessoal* (1996) (essas publicações de 1996 foram organizados por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine). Há também publicações recentes como *Onde estaes felicidade* (2014) – organizado por Dinha e Raffaella Fernandez; e *Meu sonho é escrever...contos inéditos e outros escritos* (2018) organizado por Raffaella Fernandez.

No acervo de Carolina Maria de Jesus existem inúmeros textos não publicados, que transitam em gêneros como contos, romances, crônicas, peças teatrais, dentre outros. Alguns desses textos podem ser encontrados em pesquisas voltadas para os manuscritos de Carolina Maria de Jesus, como na tese de doutorado de Raffaella Fernandez, realizada em 2015 pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, *Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus*, na qual é possível encontrar poesias, trechos de teatros e dos diários que não foram publicados; bem como na tese de doutorado de Aline Alves Arruda, também de 2015, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), *Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito*, na qual pode-se conhecer o inédito romance “Dr. Silvio”, de Carolina Maria de Jesus.

Segundo Barcellos (2015, p. 13-14), seus cadernos autógrafos (manuscritos) somam o total de 56 e estão dispersos, juntamente com outros escritos dela e sobre ela (alguns microfilmados), em várias instituições custodiadoras: Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswick, em Sacramento (MG); Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro (RJ); Biblioteca do Congresso em Washington D.C., nos Estados Unidos; Acervo de Escritores Mineiros, do Centro de Estudos Literários e Culturais da UFMG; Arquivo de

Coordenadoria do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro; Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, na Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo; e Museu Afro Brasil, em São Paulo. Essa dispersão da obra de Carolina e a má conservação de grande parte do seu acervo dificultam o trabalho dos pesquisadores que procuram realizar análise mais abrangente da obra que o público ainda desconhece.

Em sua fortuna crítica, inicialmente destaca-se a visão dos estrangeiros sobre sua primeira obra, pelas inúmeras traduções. Segundo Meihy e Levine (2015, p. 36):

A crítica internacional, afastada do dia-a-dia da escritora, a considerava melhor e mais do que a imprensa brasileira. A mídia estrangeira tratava sua experiência em termos mais humanos, cumprimentando a autora por dimensionar a miséria social e por ter a coragem de apresentá-la publicamente. Não foram cobradas virtudes literárias nem coerência.

No início do prefácio da edição americana de *Quarto de despejo* (*Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*, 1962), David St. Clair, também tradutor do livro para o inglês, avalia *Quarto de despejo* como possivelmente um dos melhores livros produzidos por um brasileiro naquele século². De acordo com Meihy e Levine (2015, p. 36-37), “No prólogo da edição da *Casa de Las Américas* de 1965, com reimpressão em 1989, o cubano Mário Trejo identificou em Carolina a consciência profética e criadora de uma ‘subliteratura que brotava do solo do subdesenvolvimento’”.

Em 1983, seis anos depois da morte de Carolina Maria de Jesus, a Rede Globo adaptou o livro *Quarto de despejo* para o programa *Caso Verdade*, sendo publicado, neste mesmo ano, o livro *Os pobres na Literatura Brasileira*, organizado por Roberto Schwarz, no qual constava artigo escrito por Carlos Vogt, denominado *Trabalho, pobreza e trabalho intelectual* (*O Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*). O artigo começou com uma frase impactante – “Morreu como sempre viveu: pobre” – comum nos jornais e noticiários da época que tratavam de Carolina. Vogt destacou:

A se dar crédito aos jornais e às poucas entrevistas que se fizeram com ela no retiro do pequeno sítio em Parelheiros, morreu triste, abandonada e incompreendida. Ao que parece, sem compreender que os mecanismos sociais que promoveram o seu destaque elaboraram também o seu esquecimento (1983, p. 204).

² “Thus begins this book, the diary of a simple uneducated slum Negress that has been called by critics “possibly one of the best books to come from a Brazilian in this century” (ST CLAIR In, JESUS, 1963, p. 7).

No auge do curto período de sucesso, Carolina Maria de Jesus participou de programas de rádio e de TV, foi entrevistada por inúmeros jornais nacionais e internacionais, viajou pelo Brasil e para países da América Latina. No entanto, essa fama cobrava que sua liberdade fosse reduzida, que seu comportamento fosse ajustado a um padrão socialmente aceitável para quem queria se inserir no mundo dos brancos. Carolina recusava-se a compor um modelo de escritora, a princípio elaborado por Audálio Dantas e depois cobrado pelos jornais e por demais mídias, para melhor aceitação do público e da crítica. Ao se distanciar deste comportamento, Carolina ia cultivando o próprio esquecimento.

Estudo importante a respeito de Carolina Maria de Jesus surgiu a partir da década de 1990, após a pesquisa realizada por Levine e Meihy que resultou no livro *Cinderela negra, a saga de Carolina Maria de Jesus* (1994), publicado no Brasil e nos Estados Unidos³, e na recuperação de grande parte de seu arquivo, o que possibilitou publicações póstumas de 1996 em diante, e favoreceu inúmeras pesquisas.

Na publicação *Antologia pessoal* (JESUS, 1996), encontram-se dois artigos prefaciando a publicação poética de Carolina Maria de Jesus: “O inventário de uma certa poetisa”, escrito por José Carlos Sebe Bom Meihy (que também organizou a antologia) e “Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina”, escrito por Marisa Lajolo. Estes artigos são imprescindíveis para a recepção dos poemas de Carolina Maria de Jesus, pois compartilham com o leitor um pouco do mundo da escritora e das condições de produção dos poemas.

Em 1997, Levine escreveu o posfácio para a tradução inglesa do diário *Casa de alvenaria* (*I'm going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus*) e constatou: “Seu segundo diário oferece uma visão fascinante da jornada de Carolina de um tipo de desespero para outro”⁴ (LEVINE, 1997, p. 154), referindo-se à nova situação de Carolina, fora da favela.

No ano de 2000, Elzira Divina Perpetua defende a tese de doutorado *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo*, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) abrindo caminho para outras pesquisas no meio acadêmico, como: *Reconstruindo imaginários femininos através*

³ Segundo Machado (2006, p. 109), houve outras pesquisas publicadas no Estados Unidos sobre Carolina Maria de Jesus, como as de Arrington, 1993; Castro-Klarén, Molloy, & Sarlo, 1991; Levine, 1994; Levine & Meihy, 1995; M.K., 1987; Platt, 1992.

⁴ “Her second diary offers fascinating insight into Carolina’s journey from one kind of despair into another”.

dos testemunhos de *Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero*, tese de doutorado defendida em 2002, por Maria Madalena Magnabosco, na UFMG; em 2004, Germana Henriques Pereira de Sousa apresentou a tese de doutorado na Universidade de Brasília, intitulada *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata* (publicado como livro em 2012); em 2009, Sergio da Silva Barcellos apresenta a tese de doutorado *Escritas do Eu, refúgio do outro – Identidade e alteridade na escrita diarística*, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; em 2011, Mário Augusto Medeiros da Silva apresenta a tese *A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)*, na Universidade Estadual de Campinas, com análise comparativa de *Quarto de despejo* e outras três obras da literatura negra periférica; em 2012, Mônica Horta Azeredo defende a tese de doutorado, na Universidade de Brasília: *A representação do feminino heroico na literatura e no cinema: uma análise das obras Quarto de despejo: diário de uma favelada (Carolina Maria de Jesus), Estamira e Estamira para Todos e para Ninguém (Marcos Prado), de Salto Alto e Tudo sobre minha Mãe (Pedro Almodóvar)*; além das duas teses de doutorado de 2015, já citadas aqui, de Aline Alves Arruda e de Raffaella Andréa Fernandez, que ampliaram os estudos sobre Carolina para o plano dos textos dela ainda não publicados.

As dissertações de mestrado que tratam de Carolina Maria de Jesus e de sua obra também são numerosas, destacam-se aqui: em 2003, Luiz Eduardo F. do Amaral, *Vozes da favela representações da favela em Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins e Luiz Paulo Correa e Castro*, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; em 2006, Raffaella Andréa Fernandez apresentou na UNESP a dissertação *Carolina Maria de Jesus, uma poética de resíduos*; em 2007, Renata Jesus da Costa apresentou sua dissertação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, *Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane*; em 2008, Letícia Pereira de Andrade dissertou na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul sobre *O diário como utopia: Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus*; em 2013, Rita de Cássia Camargo dos Santos apresentou na Universidade Federal da Bahia a dissertação *Estudos das visões de mundo da narradora Carolina na produção literária Quarto de despejo*.

Sobre Carolina Maria de Jesus, ainda contamos com muitos artigos acadêmicos e com os livros publicados sobre ela, como a biografia realizada em 2007 por Castro e Machado, *Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus*; em

2009, Joel Rufino dos Santos publica *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*; em 2011, Lajolo e Zilberman publicaram em conjunto o livro *A formação da leitura no Brasil*, no capítulo “Leitoras do Povo” traz análise comparada da personagem *Carolina Maria de Jesus*, extraída de *Quarto de despejo*, com a personagem *Macabea*, de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, após a análise da linguagem, da literariedade e do contexto, as duas personagens são caracterizadas como “leitoras do quarto dos fundos”; em 2012, Germana Henriques Pereira de Sousa publica *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata*; em 2014, Elzira Divina Perpetua publica *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*.

Em 2014, ano do centenário de seu nascimento, Carolina Maria de Jesus foi tema de inúmeros eventos, como o “VI Colóquio de Mulheres em Letras”, na UFMG, no qual foi homenageada, que deu origem ao livro *Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus*, publicado em 2016. Em 2017, Tom Farias publica o que seria uma segunda biografia de Carolina Maria de Jesus: *Carolina, uma biografia*, com a apresentação de uma trajetória baseada na compilação dos textos autobiográficos publicados da escritora e de pesquisas já realizadas sobre ela, com informações que geraram conflitos com a família da escritora (como a afirmação de que Carolina Maria de Jesus teria morado no Rio de Janeiro, fato negado veementemente pela família).

Há um trabalho muito importante de catalogação da obra de Carolina Maria de Jesus organizado por Sérgio Barcellos, resultando no livro *Vida por escrito - Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*, como também na produção do site *Vida por escrito – Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus*⁵, no qual é possível encontrar inúmeras informações sobre a vida e a obra da escritora, inclusive com sua produção musical. Data também de 2017, o VI Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura (VI CONPDL) que teve como obra-base *Quarto de despejo*, resultando em duas publicações no ano de 2018 – *Direito e Literatura contra o racismo e Psicanálise e Racismo: interpretações a partir de Quarto de despejo*.

Assim, o nome de Carolina Maria de Jesus foi adquirindo reconhecimento social. Em 2001, foi-lhe outorgado o título de cidadã honorária de Sacramento, sua terra natal e, neste mesmo ano, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) selecionou *Quarto de despejo* como uma das obras do vestibular. O mesmo fez a

⁵ Disponível em <https://www.vidaporescrito.com/> Acesso em 14 out. de 2018.

Universidade de Brasília (UnB), em 2004. Ainda neste ano, a escritora foi homenageada em São Paulo em comemoração ao Ano Nacional da Mulher, promovido pelo Senado Federal, resultando em uma rua com seu nome, no bairro Sapopemba, SP. Em 2005, uma biblioteca ganhou seu nome, no Museu Afro-Brasil, no Parque Ibirapuera, SP.

Nos dias atuais, há uma rica fortuna crítica referente a Carolina Maria de Jesus, conforme os trabalhos citados anteriormente. Além de retratar as obras impressas da escritora, muitos estudos estão sendo realizados nas produções ainda inéditas, sendo possível encontrar pesquisas acadêmicas sobre ela em várias regiões do Brasil. Sua forma de escrita e condições de produção chamam a atenção daqueles que conhecem seu trabalho e motiva pesquisadores a desvendar detalhes intrigantes, comparar personagens, ressignificar suas produções diante do contexto cultural, social e econômico da época. Sua obra produz eco que mobiliza e simboliza resistência.

Apesar do epíteto a “escritora favelada” atribuído a Carolina Maria de Jesus, ela não passou sua vida toda na favela. Considerada como um local de transição, de passagem, a extinta favela do Canindé, em São Paulo, abrigou a escritora por aproximadamente uma década. Seu trajeto de vida, iniciado no município mineiro de Sacramento, foi marcado pela herança miserável destinada aos negros após a abolição, passando pelo ambiente da favela e se encerrando com a volta às suas origens rurais, no sítio em Parelheiros, São Paulo. Em vida, mesmo sem poder publicar seus textos, Carolina Maria de Jesus continuava produzindo. Segundo Vogt (1983, p. 212), “Carolina vive, então, como muitos outros pobres e negros no Brasil – Lima Barreto talvez seja o caso mais trágico de nossa literatura – a esperança de resgatar, pelo prestígio intelectual, o prestígio social que nunca tivera”.

Dessa forma, em seu difícil trajeto de vida, com a constante presença da fome, com muita persistência e insistência, Carolina Maria de Jesus se utilizava de sua paixão pela leitura e pela escrita para superar seus inúmeros desafios de vida e o principal: constatar sua existência. Portanto, neste trabalho buscou-se atingir a compreensão da escrita de Carolina Maria de Jesus por meio do estudo da trajetória apresentada nos diários publicados, onde se configura como autora-narradora-personagem: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960); *Casa de Alvenaria, diário de uma ex-favelada* (1961); *Diário de Bitita* (1986) e *Meu estranho diário* (1996). Com base nesses diários e na pesquisa de sua fortuna crítica, propomos a hipótese de que a construção identitária de Carolina Maria de Jesus está ligada à trajetória

social do negro na sociedade brasileira. Busca-se ressaltar também que essa construção identitária contribuiu para a constituição da imagem social da escritora, por meio da trajetória apresentada em seus diários, permitindo que este estudo possa também contribuir para a desconstrução de estereótipos atribuídos a ela e a sua obra, que se encontram interligadas. Com isso, pretende-se contribuir para que a obra de Carolina Maria de Jesus seja reconhecida por suas inúmeras especificidades, expandindo seu público leitor aos meios que ultrapassem as questões étnicas e de gênero e cheguem ao campo literário.

Como fundamentação teórica para a análise dos diários, na questão da fortuna crítica foram adotados os trabalhos de Meihy (1996, 2016), Meihy e Levine (2015), Sousa (2012), Fernandez (2015, 2018); na questão do gênero autobiográfico foram apresentados os pressupostos de Philippe Lejeune (2014); a respeito da questão da literatura, história, trajetória, memória e identidade do negro, tomou-se como base pesquisadores como Florestan Fernandes (1972), Stuart Hall (2003), Zilá Bernd (1988, 1992), Cuti (1985), Frantz Fanon (2008), Eduardo de Assis Duarte (2010) e Joël Candau (2011), dentre outros.

Quanto à divisão do trabalho, no segundo capítulo desta pesquisa, “Biografia Intelectual de Carolina Maria de Jesus”, é realizado um estudo sobre a vida e a produção intelectual de Carolina Maria de Jesus, com base na fortuna crítica da escritora e de suas biografias. Além disso, foram traçadas considerações sobre a dificuldade de se construir uma imagem única sobre quem foi a escritora tendo em vista que as informações que se tem sobre ela e sua vida, em grande parte, são extraídas de sua própria obra, que pode divagar entre a realidade e a ficção.

O terceiro capítulo, “Carolina Maria de Jesus e a Literatura”, traz considerações sobre a relação de Carolina com a escrita, a contextualização de sua obra, a constituição de sua forma de linguagem, o discurso literário, o diário e o texto autobiográfico e o negro na literatura.

O quarto capítulo, “A questão da trajetória, da memória e da identidade” apresenta um contexto histórico a respeito do negro no Brasil, desde o período de escravidão até o pós-abolição, contemplando a urbanização da década de 50 e 60, com considerações sobre o negro no mundo dos brancos e a construção da identidade. Nele também são apresentados conceitos sobre memória, tecendo considerações e ligações com a cultura e o contexto econômico, social e histórico, também em relação com a construção da identidade.

No quinto capítulo, “Análise: a trajetória de Carolina Maria de Jesus em seus diários”, procura-se compreender a trajetória apresentada pela escritora em seus diários, permeando nesta trajetória uma análise do contexto econômico, histórico e social que constituía a produção escrita de Carolina.

2 BIOGRAFIA INTELECTUAL DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus conheceu a escola aos sete anos de idade, segundo relatou em seu livro *Diário de Bitita* (1986). Carolina, na infância chamada de Bitita, sempre foi muito curiosa e esperta. Por meio de uma linguagem um tanto quanto humorada, no seu *Diário de Bitita* ela expõe suas dúvidas de criança: “O que será quatro anos? Será doença? Será doce?”, “Queria ver o que era baile” (JESUS, 2014a, p. 15). No entanto, sua mãe, sem instrução escolar e criada aos moldes da submissão escravocrata (“Minha mãe aprendeu dizer aos brancos, sim senhora e sim senhor” (JESUS, 2015, p. 208)), aliada à falta de instrução, não tinha respostas para as inúmeras dúvidas da menina, irritava-se com a insistência da filha e batia nela. A mãe nem mesmo foi capaz de cortar a ligação materna inicial com Carolina, representada pelo aleitamento materno, pois a menina mamou até os sete anos e só parou após o primeiro dia de aula quando a professora lhe explicou, atonitamente, que isso não procedia a uma criança da idade dela.

A princípio, o ambiente escolar não agradou Carolina, ela chorava para não ir para a escola e tinha preguiça de estudar. A professora utilizou-se de uma técnica questionável pedagogicamente, mas que foi eficaz: fez um desenho no quadro-negro de um homem com um tridente nas mãos, transpassando uma criança e disse à Carolina que esse homem era o inspetor que viria espetá-la no final do ano se ela não aprendesse a ler. Segundo Jesus (2014a,p.128-129):

O desenho permaneceu no quadro por três meses. Depois, percebi que já sabia ler. Que bom! Senti um grande contentamento interior. Lia os nomes das lojas! “Casa Brasileira, de Armond Goulart”. Não é só essa loja que é uma casa brasileira. Mas as casas, as árvores, os homens que aqui nascem, tudo pertence ao Brasil. Percebi que os que sabem ler têm mais possibilidades de compreensão. Se desajustarem-se na vida, poderão reajustar-se. Li: “Farmácia Modelo”. Fui correndo para casa. Entrei como os raios solares. Mamãe assustou-se. Interrogou-me:
- O que é isso? Está ficando louca?
- Oh, mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler!

Segundo narra Carolina no seu texto, o gosto pela leitura surgiu desde que aprendeu a ler as primeiras palavras. Segundo ela, seu primeiro livro lido foi o romance *A escrava Isaura*, de Bernardo de Guimarães, publicado inicialmente em 1876, emprestado de uma vizinha, já que a casa dela era muito pobre e nela não havia livros:

Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance *Escrava Isaura*. Eu, que já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão, decidi que deveria ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava. Analisei o livro. Compreendi que naquela época os escravizadores eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, e os que são cultos não aceitam o jugo da escravidão. (JESUS, 2014a, p. 129)

Assim, Carolina aprendeu a ler, passou a ser uma das primeiras da classe, mas permaneceu na escola somente até a metade do segundo ano escolar, quando teve de acompanhar a mãe e o padrasto no trabalho rural nas fazendas. Longe da escola, mas não da pobreza, Carolina Maria de Jesus fez dos livros seus mestres pelo hábito de leitura que desenvolveu. Segundo Silva (2007), Carolina lia mesmo enquanto trabalhava como boia-fria nas lavouras de café do interior paulista ou enquanto trabalhava de doméstica na capital do estado. Nas palavras de Carolina:

O livro... me facina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiou os meus pensamentos. Evitando os abismos que encontramos na vida. Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro, é a bussola que ha de orientar o homem no porvir [...]. (JESUS, 1996b, p. 168).⁶

A “orientação materna” de que a escritora sente falta tem a ver com conhecimento de mundo e para o mundo que os pais normalmente passam a seus filhos. Sem conhecer o pai biológico (um repentista boêmio), sem ninguém mais para orientá-la, desde pequena, os livros foram seus guias: “Nas horas vagas eu lia. Duas coisas que eu gostava. Da terra que multiplicava, e dos livros que me esclarecia, eu fui formando minha personalidade e o meu caráter porque, lendo e observando adquire-se conhecimentos sólidos”. (JESUS, 2015, p. 205).

Assim que chegou à cidade de São Paulo, Carolina conta que percebeu que seu pensamento ia se modificando, distanciando-se da tranquilidade do ambiente rural de sua criação: “Era uma transição que não me era possível domina-la. Que desordem mental tremenda. Sentia ideias que eu desconhecia como se fosse alguém ditando algo na minha mente” (JESUS, 2015, p. 214). Era como uma compulsão por escrever o que ela sentia: “Um dia apoderou-se de mim um desejo de escrever e escrevi” (JESUS, 2015, p. 214), seguem seus escritos iniciais:

⁶ As citações das obras de Carolina Maria de Jesus serão grafadas durante todo este trabalho conforme a publicação original ou como nos manuscritos, sem correções de desvios da ortografia vigente.

Adeus dias de ventura, adeus mundo de ilusão vou recluir-me na sepultura
debaixo do frio chão.
Vou satisfeita, risonha. Contente para não mais voltar. A minha vida é
tristonha, - morrendo irei descansar. Trabalho. Não tenho conforto,
Levo a vida a lutar somente depois de morta, nada mais tenho em que pensar.
(JESUS, 2015, p. 215)

Segundo Carolina, a partir do dia em que escreveu as linhas acima, passou a escrever frequentemente, e é interessante a justificativa que ela dá para este fato, como se, no ambiente rural, seus pensamentos seguissem a calma do campo, o que a cidade grande modificou: “é que as pessoas que residem em São Paulo, pensam com mais intensidade. Por isso é que o meu cérebro desenvolveu-se” (JESUS, 2015, p. 215). O trecho apresenta enunciação poética, com rimas no interior das frases, com espontaneidade, demonstrando que Carolina Maria de Jesus ainda desconhecia a estrutura do poema, forma que foi aprendida com base na leitura de livros de poesia, principalmente parnasianos e românticos.

Assim, como os livros foram seus professores, foi neles que ela descobriu o que significa ser poetisa e o que é poesia. Então, ela passou a se denominar “poetisa negra”. Na capital paulista, Carolina Maria de Jesus ia às edições de jornais e rádios para apresentar-se como uma poetisa, até que conseguiu que um poema seu fosse publicado no jornal *Folha da Manhã*, em 1941, com uma foto dela e do jornalista Vili Aureli.

Minhas vizinhas foram a comprar a Fôlha da manhã, liam e comentavam, quem havia de dizer e quem haveria de dizer. Quando eu passava nas ruas eles me olhavam outros apontavam: è aquela! Que saiu na Fôlha da Manhã. Enquanto os outros me admiravam sou uma coisa me entristecia e me preocupava. Eu lutava para ficar livre do pensamento poético que me impedia o sono. Percebi que andando de um lado para o outro o pensamento poético dissipava um pouco. Quando sentia fome as ideias eram mais intensas, comendo algo eu notava que diminuía. E passei a ter medo da fome. Passei a trabalhar de pressa, andar com rapidez, não parava um segundo para me cansar, deitar e adormecer logo. (...)
Creio que já me familiarizei com esta miniatura de calvário. Quando percebo que estou exausta, sento com um lápis na mão e escrevo. (JESUS, 2015, 218-219)

Conforme se percebe neste trecho, Carolina Maria de Jesus conta que escrever é seu calvário porque as ideias a incomodam durante seu dia a dia, até mesmo impedia o sono e a atrapalhava nas atividades diárias. Trabalhando como doméstica, dando continuidade às idas às redações de jornais e rádios, conseguindo assim que um jornalista ouvisse sua história e a publicasse em uma reportagem sobre ela no

jornal *A noite* em 9 de janeiro de 1942⁷, intitulada “Poesia, fogões e panelas”, na qual o jornalista a definiu como uma “estranha criatura”, “cor de pixe”, “falando com desembaraço e fluência”. Segundo a reportagem, Carolina Maria de Jesus afirmou que a poesia a tentava e dificultava sua continuidade nos empregos domésticos, pois acabava deixando os afazeres para escrever seus versos: “A poesia, senhor, é todo o meu sonho e todo o meu tormento” (A NOITE, 1942, p. 5). Ela apresentou ao repórter alguns poemas, tendo dois publicados na reportagem juntamente com alguns versos improvisados no momento. Carolina Maria de Jesus aproveitou para denunciar que sua cor interferia na concretização de seu sonho de viver como poetisa: “Minha cor, certamente, concorria para que eu não pudesse realizar as minhas aspirações. Revoltava-me. Bem sei que não tenho ilustração. Que não sei muito, muito, o português... mas duvido que haja por aí pessoa mais bem inspirada do que eu” (A NOITE, 1942, p. 5).

O sonho de ser reconhecida como “poetisa” foi ficando cada vez mais distante. Em 1948, ela teve seu primeiro filho⁸, João José, abandonou de vez o trabalho de doméstica e construiu pessoalmente seu barraco na favela do Canindé, passando a catar papel nas ruas de São Paulo. Em 1950, nasceu seu segundo filho, José Carlos, e, em 1953, Vera Eunice. Da venda de papel, tirava seu pouco sustento e o de seus três filhos. Também do lixo reaproveitava cadernos para escrever suas ideias em formato de poemas, romances, relatos autobiográficos, bilhetes, teatro, provérbios etc. Foi no ambiente da favela que criou os filhos e produziu grande parte de seus textos.

O livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” foi escrito em seu barraco, em formato de diário, entre os anos de 1955 e 1960. A escritora foi “descoberta” por um repórter chamado Audálio Dantas que estava incumbido de fazer uma reportagem sobre a referida favela. A espontaneidade desse encontro coube mais a Audálio Dantas, que não esperava se deparar com alguém que escrevia como Carolina Maria de Jesus no ambiente da favela. Já por parte dela, pode-se dizer que o encontro foi um tanto quanto proposital, uma vez que há muito a escritora estava tentando se apresentar como “poetisa” e viu na presença do repórter a oportunidade buscada. Ressalta-se aqui que Carolina Maria de Jesus já escrevia seus textos antes de

⁷ Arquivo disponível em <http://memoria.bn.br/pdf/348970/per348970_1942_10745.pdf> , página 5. Acesso em 08 mar. 2018.

⁸ Antes de João José, Carolina Maria de Jesus engravidou de uma menina, para a qual deu o nome de Carolina, mas ela não chegou a nascer viva.

conhecer o repórter Audálio Dantas. Do encontro, resultou na concretização do sonho da escritora de ver seu nome estampado em um livro, por isso cabe as aspas ao termo “descobriu”.

No prefácio do livro *Quarto de despejo*, Dantas relata ao leitor como ele também entrou nessa história:

Repórter, fui encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do Tietê, no bairro do Canindé. Lá, no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que, na hora, desisti de escrever a reportagem. (DANTAS, 1963, p.3).

O repórter segue contando que no barraco de Carolina Maria de Jesus havia “uns vinte cadernos encardidos” que ela guardava e que continha o relato de seus dias na favela e de sua luta contra a fome. Para Dantas, “repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história — a visão de dentro da favela”. O que Dantas não relatou era que, nos cadernos, entre as narrativas do cotidiano, havia também poemas e romances, no entanto, o olhar do repórter focalizou no que, para ele, era o que mais importava – o retrato da favela.

Vera Eunice, filha de Carolina, em entrevista a Meihy e Levine apresentou relato a respeito do primeiro encontro entre a escritora e Audálio Dantas:

Ele pediu para ler os cadernos dela, selecionou os mais legíveis entre os diários, romances, poesias, tudo escrito em folhas, alguns em papelão, outros em papel amassado, pegou alguns cadernos e levou embora para ler. Voltou depois, e disse a minha mãe que um jornal iria ajudar a publicar o diário. Só o diário, nada de romance, nem poesia. O Audálio disse para ela continuar escrevendo, contando os episódios da favela, da pobreza, das brigas, que ele se comprometia a encontrar uma editora. Minha mãe, claro, ficou entusiasmadíssima! Ela queria escrever um livro e ver seu nome na capa (MEIHY E LEVINE, 2015, p. 82).

Assim, Dantas tomou os relatos de Carolina como uma visão única e tão real quanto qualquer reportagem que poderia ser feita, visão que vinha de dentro da favela, relatada por uma moradora. Ele motivou Carolina a continuar a escrever diariamente os relatos sobre a favela, com a promessa da possível publicação, passando o repórter a integrar os relatos de Carolina no referido diário:

18 de dezembro ... Eu estava escrevendo. Ela perguntou-me:
- Dona Carolina, eu estou neste livro? Deixa eu ver!
- Não. Quem vai ler isto é o senhor Audálio Dantas, que vai publicá-lo.
(JESUS, 1963b, p. 126)

Após a edição, feita pelo próprio Audálio, com alterações que, segundo ele, foram poucas⁹, no que diz respeito a algumas mudanças na ortografia de palavras apenas que não eram compreendidas e em alguns cortes em repetições sobre a insistência do tema da fome, o diário foi publicado em 1960. As primeiras dez mil cópias se esgotaram em uma semana apenas. Foi traduzido para outros quatorze idiomas e se tornou um *best seller* em onze países. Segundo Silva (2007, p. 1-2):

O livro causou profundo impacto na opinião pública dos anos 60 porque pela primeira vez uma voz marginalizada, legitimada pelo falar “desde dentro” aparecia questionando as mazelas da política desenvolvimentista (Meihy & Levine, 1994). Embora no escrito tenha adotado o estilo autobiográfico, a autora deixava evidente que as dificuldades que enfrentava na vida pessoal eram igualmente compartilhadas por milhares de migrantes anônimos.

O público já aguardava o lançamento do livro devido a publicações de Audálio Dantas no Jornal *Folha da Noite*¹⁰, segundo Meihy e Levine (2015, p. 29):

A simples publicação desses fragmentos atraiu a atenção geral sobre Carolina, ainda que ela não recebesse nada pelos “artigos”, coisa aliás que demorou a acontecer. Audálio Dantas, por outro lado, dedicou um longo tempo preparando essa história e investiu nela sua potencialidade profissional de jovem. “Eu não estou lhes apresentando uma nova história”, dizia ele aos leitores, “e sim uma revolução”.

Mesmo com essa expectativa, Dantas teve dificuldades em conseguir editora que aceitasse publicar o livro, até que conseguiu um acordo com a Livraria Francisco Alves (na época, uma editora de prestígio que tinha publicado *Os Sertões*, de Euclides da Cunha), por intermédio de Lélcio de Castro. Após a publicação, o sucesso ocorreu instantaneamente:

Feito o livro, uma verdadeira multidão de pessoas dirigiu-se às livrarias de São Paulo nos primeiros dias do mês de agosto de 1960, quando o texto foi lançado. Carolina, sentada à mesa fora da loja, autografou 600 cópias conversando com cada um dos leitores (MEIHY E LEVINE, 2015, p. 29).

Quarto de despejo despontou na lista dos mais vendidos, ultrapassando até mesmo as vendas de Jorge Amado:

Carolina raiava então como um brado público contra as favelas. Nos três primeiros dias do lançamento do livro, dez mil volumes foram vendidos na cidade de São Paulo. Passados seis meses, 90 mil cópias haviam se espalhado por todo o país. No espaço de um ano ela havia se equiparado, em vendagem, a Jorge Amado, e, como ele, transformando no mais traduzido dos autores brasileiros de todos os tempos (MEIHY E LEVINE, 2015, p. 30).

⁹ A respeito da edição realizada por Audálio Dantas, há uma análise mais detalhada no subcapítulo 3.4 desta pesquisa.

¹⁰ *Folha da Noite* (São Paulo), 9 de maio de 1958, p. 6, Arquivo *Folha de São Paulo*.

O sucesso nacional foi a chave para que a imprensa internacional noticiasse sobre o fenômeno da “escritora favelada” e várias traduções ocorreram:

A atenção da imprensa nacional sobre a figura de Carolina foi um trampolim para o seu sucesso internacional. As 182 páginas de *Quarto de despejo* foram republicadas em 13 línguas em mais de 40 países, incluindo a então União Soviética e o Japão. Sua projeção foi vertiginosa, e jamais outro livro publicado no Brasil com testemunhos de mulheres pobres alcançou níveis equiparáveis ao de Carolina” (MEIHY E LEVINE, 2015, p. 30).

No final do ano de 1960, sua vida mudou com o lucro que obteve com as edições de *Quarto de despejo*, conseguindo adquirir uma casa de alvenaria em um bairro de classe média de São Paulo. O sucesso era tanto que *Quarto de despejo* fora adaptado para o teatro, em uma peça estreada no dia 27 de abril de 1961, denominada “Quarto de despejo” e apresentada no Teatro Bela Vista, em São Paulo. No entanto, tanto a mudança quanto o sucesso não foram para melhor:

Passados alguns meses, tudo mudou. Carolina, bem como sua família, na verdade nunca se sentiu “em casa” ou que estivesse vivendo o sonho acalentado. Os vizinhos os rejeitavam, curiosos os espiavam como *avis rara* a todas as horas, policiais eram chamados para separar brigas de bêbados e transeuntes que estacionavam em frente da casa para vê-los. Todos se referem a esta época como sendo um verdadeiro inferno (MEIHY E LEVINE, 2015, p. 32).

No seu novo ambiente da classe média, Carolina Maria de Jesus “reconheceu o que sempre existira em sua vida: o preconceito” (MEIHY E LEVINE, 2015, p. 32). Esse preconceito é relatado no seu segundo diário, publicado em maio de 1961, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, no qual ela acirrou os comentários sobre os políticos da época, fazendo com que muitos desgostassem da sua nova publicação. Segundo Meihy e Levine (2015, p. 42):

Casa de alvenaria é um texto de conteúdo muito mais agressivo que *Quarto de despejo*, e no entanto atraiu muito menos. Nele Carolina adotou uma linguagem mais radical e é provável que essa linguagem, por ser tão mais próxima da argumentação comum da esquerda, não tenha encantado a direita nem tenha se distinguido da esquerda. Estudantes e intelectuais não aceitaram sua “nova” empáfia e desprezaram seus posicionamentos públicos. Carolina aos poucos ia vestindo a roupagem de “oportunista” garantida pela opinião pública.

Assim, longe do discurso engajado e politizado da esquerda ou dos grupos de militância negra que despontavam no contexto de Carolina Maria de Jesus, tampouco agradando a direita e a sociedade conservadora, seu segundo diário estacionou nas

estantes das livrarias, da edição de dez mil exemplares, apenas três mil foram vendidos.

O descontentamento da escritora com a nova vida fora da favela também era visível, pois seu tempo para escrever e ler estava reduzido, devido ao tanto de pessoas que a procuravam para tentar alguma vantagem, pensando que ela estava rica com o sucesso do primeiro livro. Além disso, havia pressão para que ela publicasse apenas diários, principalmente por parte de Audálio Dantas. Por muita insistência, Carolina Maria de Jesus consegue lançar um LP, pela RCA Victor, hoje conhecida como Sony Music, no qual cantava suas próprias composições: *Quarto de despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições*. No texto publicado no encarte, que também trazia fotos dela na favela do Canindé, Audálio Dantas revela:

Antes da publicação do livro – lembro-me bem – Carolina me falou de “uns sambas” que escrevera em seus cadernos, mas confesso que não dei importância. Um dia, lá no barraco número 9 da Rua A, ouvi o José Carlos, a Vera Eunice e o João José cantarolando “as músicas que a mamãe inventou”. Gostei, mas nada disse, de medo que Carolina ameaçava, (ela sempre desejou muitas coisas) cantar no rádio. Mas a música nascida no “Quarto de Despejo” é boa e autêntica, com gosto de povo (JESUS, 1961b, n.p).

O sucesso de Carolina Maria de Jesus não durou muito tempo e ela não conseguiu dar continuidade ao sonho de ser reconhecida como escritora, embora tenha praticado outros gêneros, como romance, drama, poesia e escrito um livro de provérbios. Segundo Machado (2006, p. 107), Carolina

Foi assediada por numerosas pessoas que nunca havia visto e que lhe pediam dinheiro, um trator ou uma máquina de costura. Foi generosa com muita gente. Pagou passagem de avião para uma retirante que encontrara por acaso num aeroporto, sapato para um garoto pobre que viu na rua. Deu teto a desabrigados, comprou roupa e adornos para a família. Realizou o sonho da casa própria. Expôs-se muito e, por isso, foi consumida e descartada.

Sem educação financeira que a auxiliasse a conservar o dinheiro que ganhou, sem preocupação futura com um possível fim do sucesso, Carolina Maria de Jesus preocupava-se em se manter socialmente como escritora. No entanto, o populismo da época do lançamento de *Quarto de despejo* estava perdendo espaço e ela foi sendo deixada de lado. Sem o apoio de Audálio Dantas, ela publica seu terceiro livro: *Provérbios*, em 1961, com “um apanhado de dizeres populares, popularescos ou popularizados” (MEIHY E LEVINE, 2015, p.43), prefaciado pela própria Carolina:

Este pequeno livro de provérbios que apresento aos meus leitores, que me vem estimulando, no meu ideal.

Não é uma obra fastidiosa. É um deleite para o homem atribulado da atualidade.

Espero que alguns de meus provérbios possa auxiliar alguns dos leitores a reflexão. Porque o provérbio é antes de tudo uma advertência em forma de conta-gôtas, já que nos é dado a compreender mutuamente para ver se conseguimos chegar ao fim da jornada com elegância e decência. (JESUS, 1963b)

Assim, sem apoio, com o pouco do lucro conseguido em *Casa de alvenaria*, ela mesma banca sua publicação e procura, através deste livro, apresentar um tom moralizante, instrucional, de como se vencer na vida, permeando assuntos como o homem ou o comportamento humano (“A honra do homem, é uma bussola na sua vida”, p. 9), “O homem que conduz a sua vida na retidão pode viver despreocupado”, p. 9), a mulher (“A mulher virtuosa fortalece o seu lar, a adúltera desmorona-o”, p. 9), religião (“Deus não aprecia os maus. Dá sabedoria aos humildes”, p. 12), política (“Um governo é um artista exibindo a sua arte de governar para o povo, uns aplaudem outros reprovam” p. 14), filosofia (“Não existe algo mais pesado na existência do que a própria existência” p. 15), dentre outros. E assim, as frases moralizantes vão surgindo em parágrafos e em períodos curtos, até as duas últimas páginas, onde Carolina apresenta um poema, também com caráter moralizante para concluir sua obra de provérbios:

Ó minha filha querida,
Parabéns, pois vais casar.
Queres ser feliz na vida:
Ouça-me o que vou citar.

Dizem que é a mulher
Que faz feliz o seu lar,
É feliz se ela souber:
Viver e pensar.
(JESUS, 1963b, p. 60)

No total, o poema tem doze estrofes e procura durante todo o seu percurso aconselhar a mulher sobre o que seria seu papel na sociedade e na família. Assim, Carolina conclui seu livro *Provérbios*. Segundo Meihy e Levine (2015, p. 43):

Uma tônica moral revestia cada página como uma espécie de instrução de como vencer na vida. Com este tom, o livro foi desdenhado pela imprensa como mais um trabalho de “Carolina Maria de Jesus, a escritora saída da favela”. Tudo virava lugar-comum (...) *Provérbios* vendeu ainda menos cópias que *Casa*, e além de tudo não gerou nenhum lucro. Talvez, no máximo, tenha servido para satisfazer o próprio ego e a angústia de não sair de circulação e se mostrar como escritora “de literatura”. O resultado foi uma piora em suas condições financeiras, já precárias. Não mais sendo a celebridade que

denunciava de forma inédita a favela, não havia espaço para seus textos como escrita de qualidade.

A própria Carolina Maria de Jesus comenta a recepção do livro de provérbios, no prólogo de um segundo livro de provérbios, publicado em 2018:

Este é o segundo livro de provérbios que escrevo. O primeiro foi um opúsculo semi-estropiado, mas as pouquíssimas pessoas que leram o livro de provérbios enalteceram a obra. Esta gentileza dos leitores incentivou-me a escrever outro livro de provérbios mais profundo. Agradeço a gentileza do meu povo brasileiro, que recebe as minhas obras com grande apreço. Depois de um lapso de perplexidade com a literatura, em que hesitei em abandonar ou prosseguir, decidi continuar escrevendo. Pretendo escrever peças teatrais porque escrevendo peças teatrais estarei auxiliando os artistas atuais e os vindouros. Como é bom a gente saber que sempre está auxiliando a humanidade (JESUS, 2018, p. 13).

Reconhecendo o pouco sucesso de seu livro de provérbios, Carolina quase desiste de continuar a escrever, mas ela vê na sua escrita a realização de um bem para a humanidade.

Em outra tentativa de manter a imagem de escritora, Carolina consegue que uma editora pouco conhecida publicasse um romance seu denominado *Pedaços da fome*, ainda no ano de 1963. No entanto, segundo Fernandez (2019, p. 136), o romance foi “tragicamente editado”. Em sua pesquisa nos manuscritos, Fernandez (2019, p. 136-137) constata que até mesmo o nome do romance foi alterado – no original constava “A Felizarda”, de modo que se mantivesse a relação da escritora com o estereótipo da “escritora favelada” ainda atrelada ao contexto da fome e da miséria como se fosse o principal viés do enredo.

No entanto, a própria Carolina Maria de Jesus relata em uma reportagem para o jornal do Brasil em 11 de dezembro de 1976, citado por Fernandez (2019, p. 136-137) as dificuldades de publicação e a base do enredo de “A Felizarda”:

O moço que ia publicar mudou o livro todo, tirou as expressões bonitas, não gostei. Os americanos querem publicar, mas não conseguem encontrar tradutor. Os tradutores brasileiros lá ficam cheios de importância e não querem traduzir meu livro. / A Felizarda é uma moça muito rica e por isso ninguém queria casar com ela. Depois de casar com um moço pobre, viver na favela, mendigar e ser presa, o pai, um coronelão, a encontra e a leva para casa. Ela senta no piano, e relembra dos tempos de moça rica, toca valsas vienenses. O filho dela agarrado a sua saia pergunta: Mamãe quem é você?

Em *Pedaços da Fome*, a personagem principal é chamada de “Maria Clara” e não de “Felizarda”. A estrutura da edição consta de uma contracapa que informa as obras publicadas da autora (sem citar *Provérbios*), ou seja, apenas os dois primeiros

diários, bem como comunica as obras a publicar (os romances *Dr. Sílvio* e *Reminiscências*). A edição traz também “Alguns trechos da opinião internacional” com comentários sobre *Quarto de despejo* ou sobre a própria Carolina, de editores de várias traduções do primeiro diário, bem como de Jorge Amado e de Audálio Dantas, dentre outros. Enfim, um grande esforço editorial para que o livro fosse relacionado ao *best seller* de Carolina Maria de Jesus. Antes ainda do início da narrativa, há a apresentação feita por Eduardo de Oliveira, que procura preparar o leitor (humanizá-lo) para o que vai encontrar na primeira narrativa ficcional de Carolina à qual o público estava tendo acesso: “Que este livro, antes de encarnar os anátemas de uma terrível e derradeira acusação, lhes valha para despertar os sentimentos de compreensão e de amor à Humanidade” (JESUS, 1963c, p. 14). Assim, no enredo publicado, a personagem principal Maria Clara é uma moça branca, rica, filha de um coronel, que foge de seu ambiente rural para a cidade grande, tem seis filhos e conhece a pobreza de perto. Segundo Meihy e Levine (2015, p. 44):

O argumento central do romance de Carolina era básico e rasteiro: as pessoas ricas caracterizariam uma burguesia sem refinamento, sem educação ou posicionamento social aceitável. Os pobres, principalmente do campo, seriam os bons. O texto do romance foi criticado por carregar uma visão maniqueísta da sociedade que de tão simplista chegava às raias do absurdo. Segundo o enredo, havia dois tipos de ricos: os latifundiários e os industriais. As figuras masculinas da cidade eram falsas e maliciosas, e os que vinham do campo corrompiam-se em contato com o meio urbano.

Assim, mesmo com todo o “esforço” da editora para que o romance tivesse algum sucesso, o livro de Carolina Maria de Jesus não conquistou o público e foi ficando cada vez mais difícil para a escritora se manter na cidade de São Paulo. No entanto, mesmo sem sucesso, a publicação do romance *Pedaços da fome* permitiu que os críticos constatassem certa evolução no seu texto. De acordo com Meihy e Levine (2015, p. 44):

Nas palavras de um repórter do jornal *O Globo*, que se referia a ela como uma semi-analfabeta, o lado técnico de sua escrita não deixava de ser “surpreendente”, e além disso ostentava alguma “erudição”, ainda que seus escritos revelassem uma certa “confusão mental que lhe roubava a autenticidade que demonstrava na favela”. Não deveria causar surpresa qualquer progresso de Carolina em sua redação – ela sempre trabalhava muito buscando melhorar seu estilo, usando dicionários, enciclopédias, lendo jornais. Mas poucos reconheceram isto. Seu descobridor, Audálio Dantas disse mais tarde que ela era “uma pessoa de altos e baixos” e que o processo de consagração resultou em confusões que mais pareciam insanidade.

Essa personalidade de “altos e baixos” que ora remetia à “insanidade” revelam a ambiguidade presente nas ações e nos textos da escritora que aflora ao procurar compreender, vivenciar e superar as novas dificuldades trazidas pelo sucesso do seu primeiro diário. Todavia, o sonho de viver como escritora e de ser reconhecida como tal foi ficando cada vez mais distante de Carolina. Em 1969, ela se mudou para uma chácara em Parelheiros, adquirida por ela, localizada em um bairro na periferia de São Paulo. Com dificuldades financeiras, ela foi fotografada pegando papel nas ruas, virando notícia nacional e internacional.

Em Parelheiros, a vida de Carolina Maria de Jesus adquiriu uma rotina de subsistência que se resumia em plantar, criar galinhas e porcos e sua renda consistia na venda desses produtos já que muito pouco dinheiro vinha dos direitos autorais. Muitas vezes, ela recorria à antiga prática de catar papel. Uma vida de indigência para alguém que fez tanto sucesso, mesmo assim, a vida dela e de seus filhos era melhor do que na época da favela.

Em 1970, aos 57 anos, Carolina Maria de Jesus volta a ser notícia na imprensa ao enviar uma carta ao então Presidente da República Emilio Garrastazu Médici, solicitando autorização para morar entre os índios. Segundo Meihy e Levine (2015, p. 47):

A carta foi divulgada pela imprensa, que a ridicularizou bastante. Quando estas notícias sobre Carolina chegavam ao conhecimento geral, já havia uma opinião pública contrária a ela. O inevitável tom de sensacionalismo de suas novas revelações servia para demonstrar que havia fracassado nos esforços de se ajustar, minimamente, aos padrões da classe média.

A imprensa não procurou compreender as razões de Carolina Maria de Jesus (era mais para dar um susto nos filhos João e José Carlos que já não lhe obedeciam e a convivência estava conturbada) e tampouco se preocupou com o contexto em que a escritora estava vivendo. De acordo com Meihy e Levine (2015, p. 47):

Em 1972 Carolina, já pessoa gasta pela imprensa, foi ficando cada vez mais afastada do público. Por seu turno, ela procurava escrever uma autobiografia, concentrando suas atenções na juventude e especialmente na influência recebida de seu avô. Este deveria ser um texto intitulado *O Brasil para brasileiros*, e consistiria em um discurso incomum com anedotas e muito humor. A despeito da validade do projeto, particularmente por buscar enfatizar ângulos pouco comuns na literatura congênere do Brasil daqueles dias, e mesmo pretendendo iluminar positivamente sua trajetória, a imprensa em geral a crivava de clichês do tipo “Mais um esforço para reconquistar a fama e a fortuna que teve no passado e que não conseguiu equilibrar”.

Essa autobiografia não foi publicada em vida. Ela faleceu em 13 de fevereiro de 1977, com problemas respiratórios. A trajetória de Carolina Maria de Jesus enquanto escritora é marcada por sua trajetória de vida. Ao ser questionada, certa vez, em uma entrevista (publicada no posfácio de *Quarto de despejo* da Edição Popular) sobre se tinha sido bom ter mudado de vida e ter conhecido um mundo diferente da favela, ela afirmou:

Decepção. Pensei que houvesse mais idealismo, menos inveja. Mas aqui há não só muita ambição, mas também o desejo de vencer a qualquer preço. Mesmo que os meios empregados sejam podres. Quando matei um porco, lá na favela do Canindé, alguns vizinhos exigiram um pedaço de carne. Rondavam meu barraco feito bicho que fareja presa. Lá na favela era o porco, aqui é o dinheiro. No fundo é a mesma coisa. Lembrei do meu provérbio. “Não há coisa pior na vida do que a própria vida”. (JESUS, 1963a, p. 173)

Assim, a decepção com as pessoas e com a vida, que perpassou tanto a época de fome como a de sucesso, foi um possível fator de causa da ambivalência de sua personalidade, ao ponto de ser considerada uma pessoa de difícil convivência, o que pode ter contribuído, de certa forma, na dificuldade em ter suas obras publicadas:

Carolina sofreu os efeitos do rompimento com a continuidade. Não por acaso a chamaram de difícil, insubmissa, petulante, geniosa, atrevida, rebelde, transgressora, ousada, explosiva, agressiva, arrogante, desafiadora e, mais tarde, com seu sucesso em declínio, de fracassada, vítima e louca. Mas chamaram-na também de terna, alegre e corajosa. (MACHADO, 2006, p. 105)

A pesquisadora da área de psicologia Marília Novais da Mata Machado apresentou nos seus estudos as manchetes que noticiaram a morte da escritora Carolina Maria de Jesus, comentando sobre elas:

Quando Carolina morreu, em 1977, os jornais ainda pareciam injuriá-la, lembrando mais os seus fracassos do que os sucessos, reduzindo sua obra a *Quarto de despejo*, embora uma leitura cuidadosa das notícias faça supor que os repórteres se perguntavam quem afinal fora aquela mulher. Novamente algumas manchetes:

Carolina Maria de Jesus: morreu a escritora favelada que escrevia para acabar com as favelas (Jornal do Brasil, 14/2/77);

Morre Carolina, a escritora da favela (Notícias populares, 14/2/77);

Carolina Maria de Jesus: a morte longe da casa de alvenaria (Jornal do Brasil, 14/2/77);

O triste epílogo: Carolina de Jesus (Diário da Noite, 15/2/77);

O fim de Carolina, pobre e já no esquecimento (O Estado de S. Paulo, 15/2/77);

Um enterro pobre para a escritora da favela (Notícias populares, 15/2/77);

Carolina Maria de Jesus – o ponto final da escritora favelada (Revista Fatos e Fotos, 28/2/77). (MACHADO, 2006, p. 108)

É possível notar nas manchetes a repetição dos adjetivos direcionados à Carolina Maria de Jesus: favelada e pobre. Mesmo depois de tanto sucesso, a imprensa brasileira procura apagar o brilho de uma escritora que não segue os padrões estéticos dos cânones literários e, ao mesmo tempo, pretende enterrar, junto com ela, toda a sua produção literária.

No entanto, antes de morrer, Carolina Maria de Jesus entregou a duas pesquisadoras francesas as páginas do que seria sua autobiografia, denominada “Um Brasil para os brasileiros”. A publicação ocorreu postumamente na França, em 1982 (com o título diferente do que Carolina quisera – *Journal de Bitita*), e no Brasil, em 1986, como *Diário de Bitita*. Segundo Silva (2007, p. 24):

Fora a autora obrigada a retornar ao trabalho de camponesa, sustentando-se por meio de uma agricultura de subsistência que complementava os recursos escassos dos direitos autorais. *Diário de Bitita*, embora escrito em um momento difícil da vida, foi redigido como memória afetiva da infância. O texto reúne situações pueris e bem humoradas, porém, com uma novidade, pela primeira vez Carolina se dispunha a falar diretamente sobre a discriminação racial que experimentara no passado.

Diário de Bitita, diferente de *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria*, não é estruturado em formato de diário, ao contrário do que diz seu título. Trata-se de narrativas memorialísticas da infância da escritora, com uma linguagem estruturada, mais elaborada do que nos dois primeiros diários. Isso porque o trabalho de edição ocorreu duplamente (pela jornalista brasileira Cleia Pisa que traduziu do Português para o Francês, e pela editora francesa Anne-Marie Métailié que adaptou o texto para o público francês) o que resultou em outro texto, diferente da proposta original apresentada por Carolina Maria de Jesus. A versão publicada no Brasil em 1986 é a tradução da versão francesa. Segundo entrevista realizada por Fernandez em 2014 (citada por Fernandez, 2019, p. 86), a jornalista Clélia Pisa comenta da seguinte maneira a edição de *Journal de Bitita* (1982):

... Tiram os que tiramos e o que podíamos tirar. Teve que ser traduzido, e o importante no *Journal de Bitita* é que fosse um testemunho que pudesse ser lido por um francês que não tivesse nenhuma referência da Carolina. Porque este livro não é o original.

Mesmo passando pela tradução e edição, *Diário de Bitita* publicado no Brasil continua tendo seu valor enquanto narrativa memorialística que integra a trajetória de Carolina Maria de Jesus enquanto narradora e personagem de si. No ano de 1996, Meihy e Levine publicaram no seu livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de*

Jesus o texto de Carolina Maria de Jesus chamado de *Minha vida*, que, segundo os pesquisadores, “é um texto original de Carolina Maria de Jesus” (MEIHY E LEVINE, 2015, p. 197), uma versão anterior ao que depois veio integrar o livro *Diário de Bitita* (1986). Também no livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, Meihy e Levine publicaram o conto de Carolina “O Sócrates Africano”, texto que tratava das memórias de Carolina a respeito de seu avô, que também integrou a versão editada de *Diário de Bitita*.

O intenso trabalho de pesquisa e de entrevistas com familiares e com pessoas próximas, realizado por Meihy e Levine (2015), resultou na organização do diário intitulado *Meu estranho diário* (1996), constituído por trechos sem cortes dos dois primeiros diários de Carolina e escritos inéditos da vida de Carolina antes da mudança para o sítio em Parelheiros. O livro é estruturado pelos pesquisadores da seguinte forma: o preâmbulo, chamado de “Preâmbulo necessário”, onde se apresenta um pouco da história do sucesso de Carolina com o livro *Quarto de despejo* e o objetivo, que é retomar a obra caroliniana como documento de uma época e da etapa cultural que foi arquivada; depois há um texto denominado “História do Projeto” que aborda a visão dos dois pesquisadores, separadamente: “a percepção de um estrangeiro” e a “percepção de um brasileiro” mostrando a diversidade de pontos de vista sobre a vida e a obra de Carolina; na sequência, há os trechos dos diários que, segundo os pesquisadores, integralmente e originalmente transcritos, divididos em: “no quarto de despejo”, “na casa de alvenaria” e “no sítio”; depois tem o texto “A integridade das frações”, no qual se analisa as três partes do diário; e, por último, o texto “Três utopias de uma Carolina” que traz uma análise crítica do sonho da escritora, com um balanço sobre a vida dela e da contribuição das suas produções.

A pesquisa de Meihy e Levine possibilitou a publicação do tão sonhado livro de poemas de Carolina Maria de Jesus, que não se chamou *Clíris*, um neologismo criado por ela para ser o título do seu livro de poemas, mas *Antologia pessoal* (1996). Antes dos poemas, a edição conta com três artigos fundamentais para uma melhor compreensão dos poemas de Carolina: “O Inventário de uma certa poetisa”, escrito por José Carlos Sebe Bom Meihy; “Poesia no Quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina”, escrito por Marisa Lajolo; “A vida por escrito”, produzido por Armando Freitas Filho.

A partir de 2014, ano da comemoração do centenário de Carolina Maria de Jesus, novas revisitações ao trabalho da escritora vêm sendo realizadas,

principalmente nos manuscritos, e Carolina ressurgiu como forma de resistência e protesto, sendo tomada como inspiração para grupos de mulheres negras e de militâncias em geral. A obra *Onde estaes Felicidade?*, publicada em 2014, com a autoria atribuída a Carolina Maria de Jesus e com organização de Dinha (apelido da escritora Maria Nilda de Carvalho Mota) e Raffaella Fernandes (doutora e pesquisadora dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus) surge como forma de protesto, de busca pela quebra de barreiras editoriais e de afirmação da escrita do negro enquanto sujeito dentro da literatura, a começar pela editora utilizada para a publicação: Me Parió Revolução que, segundo Ferreira (2017), “edita livros artesanais e semiartesanais” disponibilizando ebooks gratuitamente, originados de um trabalho coletivo de mulheres que também financiam as edições, como uma forma de driblar as restrições do mercado editorial brasileiro à Literatura Negra e Marginal. Na edição final, *Onde estaes Felicidade?* não possui paginação especificada, a apresentação é feita por Hilton Cobra (ator e diretor teatral, na época também Presidente da Fundação Palmares), para quem a Carolina é uma “escritora atlântica” e “merece também ser descoberta pela América Latina”. O prefácio foi realizado por Raffaella Fernandez que, de antemão, atenta o leitor para a diferenciação que Carolina Maria de Jesus tinha ao escrever em gêneros diferentes. Após o prefácio, são apresentados dois textos de Carolina: um conto, que dá nome ao livro (“Onde estaes Felicidade?”) e um texto narrativo que conta a chegada de Carolina na favela do Canindé, denominado “Favela”. Na sequência, o livro apresenta “Sete ensaios sobre Carolina” que são as sete produções ensaísticas sobre Carolina Maria de Jesus, sob o ponto de vista de escritores de diversas áreas. Os ensaios produzidos sobre Carolina em *Onde estaes Felicidade?* contribuem também para a caracterização do livro como “artesanal” por todo o trabalho conjunto de escritoras que colaboraram com essa produção de Carolina Maria de Jesus.

Tanto o conto quanto a narrativa autobiográfica publicados neste livro “artesanal” permitem conhecer a escritora que precede a sua mais famosa obra publicada em 1960, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* que hoje já possui mais de três milhões de cópias vendidas nacional e mundialmente. A linguagem de *Quarto de despejo*, portanto, não é a única adotada por Carolina, mas sim a sua forma “simples” de se expressar, uma vez que ela guardava para seus poemas, romances, contos e outros gêneros que ela considerava literários, uma forma de se expressar mais elevada, mais elaborada, com um cuidado no jogo de palavras, o que por si já

desconstrói o estereótipo do analfabetismo e da pouca escolarização da escritora. Seu autodidatismo superou as barreiras da fome e da língua.

Em 2015, foi tornado público o romance *Dr. Sílvia* por meio da tese de doutorado de Aline Alves Arruda, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), denominada *Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito*, na qual se procura defender que a obra de Carolina “possui um fio condutor que revela um “projeto literário” feito de reflexões, denúncias e reivindicações que praticamente atravessam toda sua escrita (ARRUDA, 2015, p. 17). Ao analisar os manuscritos do romance, Arruda revela:

Os manuscritos nos mostraram a face escritora de Carolina. As correções, os capítulos reescritos, as mudanças de enredo e de nome de personagens, entre outros rastros, revelam uma escritora dedicada, preocupada com os rumos da narrativa, zelosa de seu texto e determinada, como um romancista deve ser, com fôlego para conduzir o enredo e seus personagens até o final. (ARRUDA, 2015, p. 233)

A reescrita é um processo muito utilizado por Carolina Maria de Jesus, principalmente nos textos de ficção, demonstrando uma preocupação e um cuidado tanto com sua escrita quanto com o estilo de escrever. Assim como seu romance *Pedaços da Fome* (1963), o romance *Dr. Sílvia* possui um caráter folhetinesco, com um enredo simples, tendo o Dr. Sílvia como personagem principal, jovem rico, bonito, que engravida Maria Alice e é obrigado a se casar com ela; muito tempo depois, ele se apaixona por Olga, desdenha muito sua esposa Maria Alice, e, assim que ela morre, ele se casa com Olga, mas passa a ter ressentimento da perda da outra esposa ao comparar Olga com ela.

Uma última publicação atribuída a Carolina Maria de Jesus foi organizada por Raffaella Fernandez, em 2018: *Meu sonho é escrever...contos inéditos e outros escritos* (2018). O livro traz uma nota da organizadora explicando o processo de edição e de escolha dos textos, que são diversificados: dois deles são prólogos diferentes que ela mesma fez para seu livro de memórias *Um Brasil para brasileiros* que foi publicado como *Diário de Bitita* (1986); outros são contos ou trechos que também integraram o livro *Diário de Bitita*; há textos chamados de “Humorismos”, curtos, com certo tom de humor.

Ainda há muitos textos inéditos de Carolina a serem publicados, como romances, contos, crônicas, poemas e peças teatrais. Voltando ao primeiro sucesso de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, os dados mais atualizados que se

tem sobre as reedições e traduções dele foram apresentados por Fernandez (2015, p. 221-222):

No Brasil, somente em 1960, *Quarto de despejo* foi reimpresso sete vezes. Foi traduzido para 14 línguas, publicado em 20 países, circulando por 40 países, cuja venda alcançou a marca de um milhão de exemplares. Hoje, em 2015, podem-se contar traduções para 19 línguas. Foram produzidas edições na Dinamarca, Holanda e Argentina. Em 1961, na França, Alemanha (Ocidental), Suécia, Itália, Checoslováquia, Romênia, Inglaterra, Estados Unidos, e no Japão, em 1962, na Polônia, em 1963; Hungria, em 1964; Cuba, em 1965 e, entre 1962 e 1963, na União Soviética. Chegou inclusive a ser proibido em Portugal, por Salazar. Em 1963, saiu nova edição pela Francisco Alves, em 1976 duas edições foram publicadas pela Ediouro; um ano antes da morte da escritora, em 1983, outra pela Francisco Alves; em 1990, uma pela Círculo do Livro; em 1993, pela Ática, que já o editou mais de dez vezes desde então. O livro é classificado como literatura infanto-juvenil.

O fato de *Quarto de despejo* ser classificado como literatura infanto-juvenil permite que cada vez mais cedo os jovens possam ter contato com essa escritora, rompendo as barreiras do preconceito racial, social e linguístico. Segundo Fernandez (2015, p. 222), “A última reimpressão em grande escala ocorreu em 2012, tendo sido distribuída em todas as escolas municipais do Estado de São Paulo, acompanhada de um CD ilustrativo”. No entanto, *Quarto de despejo* não se resume apenas ao público infanto-juvenil. Sua repercussão atravessou fronteiras, classes sociais, grupos étnicos e, principalmente, o tempo.

Em suma, a passagem pelas publicações das obras de Carolina Maria de Jesus permite ao leitor uma visão ampla, não apenas da vida da escritora, mas de sua obra enquanto conjunto literário, um projeto dentro de um processo criativo complexo e diversificado, que vai muito além do seu primeiro livro, *Quarto de despejo*.

2.1 CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA BIOGRAFIA MULTIFACETADA

Em se tratando dos aspectos biográficos de Carolina Maria de Jesus, é importante destacar as dificuldades pelas quais os pesquisadores passam para constituir uma trajetória de vida da escritora mais próxima possível da realidade. Isto porque escrever sobre ela, hoje, é como juntar peças de um quebra-cabeça, com uma infinidade de montagem, tendo várias imagens como resultado. Dependendo de quem o monta e de quais peças essa pessoa dispõe, do local de fala desta pessoa (um local de privilégios ou de restrições), do conhecimento da história do Brasil e do contexto histórico e social vivido por Carolina Maria de Jesus, do conhecimento total ou parcial

da obra da escritora, etc, é possível emitir um juízo crítico (positivo e/ou negativo) com respeito à escritora e a sua obra.

Os estudos a respeito de Carolina Maria de Jesus originaram-se de sua própria escrita, segundo Perpétua (2016, p. 57), “escrita de vida, que se transforma em vida escrita, num alucinante caleidoscópio, em estilhaços que a cada movimento conformam nova figura, multifacetada e inapreensível em sua totalidade”.

Em 2009, Joel Rufino dos Santos escreve sobre ela na obra *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*. Nesta época, segundo ele, a única biografia que existia era escrita por Castro e Machado, em 2007 (*Muito bem, Carolina!*), uma vez que *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, escrita em 1994, não era “exatamente uma biografia”. Santos (2009, p. 21) questiona:

Para que mais uma vida de Carolina? É sempre possível contar uma vida de outra maneira: quem conta um conto aumenta um ponto. O leitor não encontrar, aqui, a *vida real* de Carolina, mas o perfil de uma mulher contaminada pelo vírus literário, que demorei a reconhecer.

Joel Rufino dos Santos assume que demorou a conhecer a escritora Carolina Maria de Jesus por “puro preconceito” (SANTOS, 2009, p. 18). Um preconceito que vai além do *best seller*:

Eu terminara o curso científico; me preparava, com alguma hesitação, para o vestibular de História na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio. *Quarto de despejo* foi um *best seller*, dez mil exemplares vendidos em um mês, em um ano se equiparou em vendas a Jorge Amado, editado em quarenta países e treze línguas. Por soberba, eu não lia *best-sellers*. Nessa recusa havia preconceito – uma catadora de lixo não podia escrever um bom livro, mesmo um testemunho. A literatura de testemunho quase não se decola da vida real – e literatura será sempre um descolamento, pequeno ou grande dela. (SANTOS, 2009, p. 18)

Esse depoimento representa o pensamento de muitos estudiosos e literatos da época. *Quarto de despejo* era um *best seller* e esse viés de exploração comercial gerava críticas ao caráter literário ou não da obra. Além disso, Santos (2009) reconhece um preconceito em relação à escritora pela condição social de “catadora de lixo”, de quem não se espera “um bom livro”. Superado o preconceito, reconheceu seu valor literário e retribuiu, produzindo uma Carolina a partir de sua ótica:

O leitor perceberá, da primeira à última página, minha admiração por Bitita, apelido que a heroína adotou em criança. Admiração crítica. O lugar de onde a olhei é privilegiado – sou, portanto, suspeito. Lugar de intelectual negro, classe média, que nunca passou fome e frio. Lugar suspeito, mas não desprezível, já que este próprio lugar me permite pensar os outros e a mim *em relação* com eles (SANTOS, 2009, p. 21).

Nesse sentido, ressalta-se a questão de que as imagens projetadas sobre Carolina Maria de Jesus podem ser variadas, dependendo do local de fala de quem a analisa. É por meio desta interação entre os lugares de fala que o perfil da escritora vem sendo traçado. Santos (2009, p. 21), reconhece que, ao escrever sobre Carolina Maria de Jesus, constrói a “sua” Carolina:

Minha Carolina é, em boa medida, uma personagem que criei. A verdadeira me escapa, como escapa a todo mundo. Fiz dela aqui um retrato: bovarista, marrenta, inteligentíssima, capaz de se tornar escritora com só dois anos de escola, mulher interessante, fisicamente parecida com uma fluminense de sucesso tardio, Clementina de Jesus. Retrato infiel? Confirmei alguns clichês, fugi de outros.

Não somente o que Carolina Maria de Jesus escreveu revela direta e indiretamente quem ela foi, mas o olhar do pesquisador, o foco escolhido, seu ponto de partida, seu objetivo ao escrever sobre ela. Dentre as características atribuídas por Santos (2009) à Carolina Maria de Jesus na citação acima, destaca-se o termo “bovarista”, surgido com base na personagem do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e adotado, desde 1892, na psicologia e na psiquiatria relacionado à paranoia ou, como define Galtier (2006) citado por Kehl (2018) “o poder conferido ao homem de conceber-se diferente do que é”, ou seja, ser quem não é. Nem todos os pesquisadores concordam com esta característica atribuída à Carolina.

Portanto, um pesquisador pode avaliar Carolina negativamente enquanto outro pode não concordar. Também como exemplo dessa disparidade de pontos de vista a respeito de Carolina, o próprio termo “improvável” utilizado para caracterizar o substantivo “escritora” ao se referir a ela, no título da obra de Joel Rufino dos Santos (*Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*), pode gerar discordância entre os pesquisadores – em 2014, ano de muita revisitação à obra e à vida de Carolina, devido às comemorações do seu centenário, Meihy (201-, citado por Barcellos, 2015, p. 3) afirma:

Começamos por garantir que, tendo em vista aquele cenário frequentado, Carolina foi sim uma escritora provável. Improvável é negar-lhe o direito de participação em acontecimentos do ambiente tensionado que a inscreve. Estranha-se neste cenário não a força da retomada de Carolina como ícone, mas a falta de espessura nas abordagens contextuais que a explicam, pois, afinal, a que perguntas respondemos com estas comemorações?

Assim, o pesquisador discorda do adjetivo “improvável” atribuído por Santos (2009) à Carolina Maria de Jesus e apresenta uma preocupação quanto a pouca profundidade “nas abordagens contextuais que a explicam”, ou seja, transformá-la em

um ícone sem uma abordagem aprofundada de seu contexto correndo-se o risco de reforçar os estereótipos criados a respeito da escritora: favelada, petulante, insubmissa, rebelde, bovarista, fracassada, louca. Segundo Brookshaw (1983, p. 9): “um estereótipo pode ser inicialmente definido como sendo tanto a causa quanto o efeito de um pré-julgamento de um indivíduo em relação a outro devido à categoria a que ele ou ela pertence”. As categorias étnicas, gênero e social contribuem muito para a construção dos estereótipos a respeito de Carolina Maria de Jesus. De acordo com Brookshaw (1983, p. 10):

quem quer que seja a vítima e seja qual for o motivo, estereótipos congelam a personalidade, apagam a individualidade, dotando o receptor com características que se adaptam ao ponto de vista à priori do percebido em relação à classe social ou étnica, ou, ainda, à categoria sexual de sua vítima.

Dessa forma, um aprofundamento contextualizado com relação a Carolina Maria de Jesus e à sua obra permitem adotar um ponto de vista diferenciado referente a ela e a seu contexto, permitindo que venha à tona o que ela foi e não o que se esperava que ela fosse.

Além disso, ao tomar as narrativas autobiográficas de Carolina para a construção de uma biografia, deve haver cuidado com a questão da veracidade de datas, nomes lugares apresentados por Carolina, que podem estar ligados mais à memória do que à história. Portanto, alguns dados que aparentemente são certos, discordam nas lembranças e acabam tornando-se imprecisos. Por exemplo, na seguinte afirmação: “Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914”, conforme consta no seu registro de nascimento, porém, Castro e Machado (2007, p. 13) levantam uma polêmica quanto a esta questão:

A data de nascimento constante do registro é de 14 de março de 1914, o que lhe daria 20 anos completos em 1934. Na certidão de batismo, emitida pela Paróquia Nossa Senhora do Patrocínio do Santíssimo Sacramento, a data é de 6 de outubro de 1915. Suas próprias reminiscências de infância a mostram com seis anos em 1927, quando morreu seu avô. Artigos de jornal e revistas mencionam 1913 como o ano de nascimento.

Portanto, há imprecisão quanto à data exata do nascimento da escritora, o que é algo normal para a época, uma vez que muitas famílias no interior do Brasil não dispunham imediatamente de um órgão de registro. Dessa forma, quando o registro era efetivado, a data poderia divergir da realidade, além de que, segundo Castro e Machado (2007, p. 13) “A inscrição de nascimentos em registro público só foi

disciplinada no Brasil em 1916, pelo Código Civil, que certamente levou algum tempo para chegar à cidade de Sacramento”.

Não obstante a imprecisão da data de nascimento da escritora, um outro exemplo de data conflitante é a do óbito do avô de Carolina Maria de Jesus. Em suas memórias, a escritora remete ao dia da morte do avô: “Dia 27 de agosto de 1927 o meu avô faleceu. Eu ficava olhando o seu corpo gélido dentro do esquife. Já que não ia vê-lo. Olhava os seus lábios finos, o seu nariz afilado e a testa larga. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje (JESUS, 2015, p. 225)”. No entanto, Farias (2017, p. 28-29) apresenta o que, segundo ele, seria a cópia integral do registro de óbito do Sr. Benedito José da Silva, que consta no Cartório de Registro da cidade de Sacramento, MG, datando o óbito em 13 de agosto de 1924. É uma diferença grande de idade entre a memória de Carolina e o que atesta o registro no cartório, apresentado por Farias (2017), ou seja, são 3 anos.

Todavia, as imprecisões sobre datas na biografia de Carolina Maria de Jesus não alteram a construção da imagem de quem ela foi ou de quem foi Benedito José da Silva, seu tão adorado avô, chamado por ela de “Sócrates Africano”, por sua inteligência e cultura. Elas contribuem para dificultar a montagem das peças do quebra-cabeça sobre a vida da escritora, o que deixa os pesquisadores e biógrafos com sentimento de que falta alguma peça ou de que algo não se encaixa muito bem.

Farias (2017, p. 8), ao apresentar sua pesquisa sobre a vida de Carolina Maria de Jesus, que resultou na biografia mais recente feita sobre a escritora, revela:

Com toda a sinceridade, minha tarefa não está concluída, por mais que eu tenha me esforçado, e por uma razão mais do que simples e direta: Carolina não me permite. Ela está sempre nos desafiando a buscar por ela em lugares e situações cada vez mais misteriosos e intrincados. Em determinados pontos, parece que ela faz de propósito ao baralhar a própria história para que a tomemos como um enigma que verdadeiramente é.

O enigma referido representa as incertezas que, na realidade de Carolina Maria de Jesus, condizem com a trajetória incerta do negro na nossa sociedade, na batalha pela sobrevivência, agravadas pelo fato de se tratar de uma mulher negra e pobre, que tomou a escrita e a leitura como parte da sua vida. Assim, vai-se desvendando a Carolina escritora, mulher negra, solteira, mãe de três filhos, poetisa, narradora de si e personagem, partindo de seus próprios relatos, publicados ou não, de entrevistas dela em jornais e revistas publicadas no Brasil ou no exterior, também através do relato de pessoas que conviveram com ela publicados em pesquisas, livros e textos

acadêmicos. Enfim, são relatos que transitam entre a realidade e a ficção, sem muitas vezes haver a distinção clara entre uma e outra.

Uma ressalva importante é que, para conhecer a vida de Carolina Maria de Jesus, é necessário ultrapassar a Carolina revelada em *Quarto de despejo* que, encerrada na favela, acompanhada pela fome e por inúmeros tipos de violência, foi muitas vezes incompreendida, principalmente pela mídia. De acordo com Meihy e Levine (2015, p. 21):

A trajetória de Carolina implica a visão de um lado pouco mostrado da cultura brasileira: a luta quotidiana de uma mulher “de cor”, pobre e desprovida de favores do Estado, de organismos sociais, de instituições e até de amigos. Logicamente, isto não remete apenas a ela enquanto indivíduo, mas também a todo o sistema que abriga os despossuídos legados ao anonimato. O que a distinguiu dos demais foi o fato de ser um tipo capaz de desafiar a pobreza e seus promotores através de incomum capacidade de luta e perseverança e de uma agressiva personalidade. Sua inconquistabilidade e contradição, inerentes à sua trajetória, fizeram-na um tipo de difícil captação, e talvez por isso nunca tenha sido biografada.

Todo esse “sistema que abriga os despossuídos legados ao anonimato” a que se refere Meihy e Levine (2015) diz respeito ao contexto histórico-social da época. Por isso, realiza-se aqui neste trabalho a análise de sua trajetória como um todo, narrado por ela, por pessoas que conviveram com ela e fundamentado em um momento histórico-social especificado e analisado. Além disso, os pesquisadores Meihy e Levine se referem ao fato de ela nunca ter sido biografada até o ano da primeira publicação da obra escrita por eles, *Cinderela Negra – a saga de Carolina Maria de Jesus*, datada de 1994, por meio da qual a escritora saiu do silenciamento ao qual tinha sido confinada por décadas. O trabalho destes escritores trouxe à tona grande parte do arquivo de Carolina Maria de Jesus que se tem hoje, o que possibilitou a realização de duas publicações em 1996 (*Meu estranho diário* e *Antologia poética*), além de viabilizar a realização de várias pesquisas sobre a escritora, tendo como base tanto as publicações quanto os manuscritos.

A partir de então, o fado ao esquecimento foi quebrado durante a década de 90 e início dos anos 2000 e, hoje, é possível elencar uma extensa fortuna crítica da escritora, conforme mencionado anteriormente.

A vida de Carolina Maria de Jesus, sob a perspectiva da autora-narradora-personagem, do nascimento até à morte, será apresentada, neste trabalho, no capítulo sobre a sua trajetória, com base na análise dos diários publicados. Realidade ou ficção; mulher, autora, narradora ou personagem; a Carolina Maria de Jesus deste

trabalho foi construída com base em “peças de quebra-cabeça” historicamente analisadas, surge como uma tentativa de contrariar o estereótipo construído em volta da “escritora favelada”.

3 CAROLINA MARIA DE JESUS E A LITERATURA

3. 1 O NEGRO NA LITERATURA

A Literatura Negra configura-se como uma resposta à marginalização histórica sofrida pelo negro ao longo dos anos e como uma luta contra todas as formas de discriminação. Isso porque, dentro de um panorama histórico de imensa desigualdade social, a leitura e a escrita restringiu-se, por muitos séculos a uma minoria da população brasileira ligada à aristocracia rural, à igreja ou ao Governo. Ler e escrever fora deste grupo era um ato de rebeldia. Assim, o que ler, o gosto literário, a forma de falar e escrever prestigiada socialmente eram definidos por uma minoria privilegiada e mantidos por ela, com base em cânones ou modismos da literatura estrangeira, feitos por brancos e para os brancos. Segundo Cuti (1985), “A bibliografia do ‘problema do branco’ sobre o negro é imensa. Nela, como não podia deixar de ser, o negro é o problema. As exceções - sinal dos tempos! - estão aumentando, infelizmente a regra, idem”, assim, o surgimento de uma literatura que represente o negro é a “exceção” de que Cuti fala. No entanto, a proporção dessa literatura diante de uma outra declarada não negra ainda é muito pequena.

É importante ressaltar que a Literatura Negra não busca um espaço isolado dentro da realidade brasileira ou da arte literária produzida no Brasil, o que se configuraria também em uma forma própria de discriminação, e sim focaliza em um conteúdo compromissado com a causa do negro e que, ao mesmo tempo, mantenha-se integrada, segundo Bernd (1988, p. 53), “no tecido da arte literária brasileira e universal” e deve seguir representada assim “até que se torne inteiramente dispensável a presença como marca de uma *diferença* redutora”, uma vez que “literatura não tem cor”.

De acordo com Fernandes (1972, p. 194-195):

O branco consciente da situação histórico-cultural brasileira tem de resguardar as condições que permitam ao negro ser mais negro entre nós, não para separá-lo de si – mas para respeitá-lo, para conquistar uma perspectiva da qual possa valorizá-lo como homem e amá-lo como criatura humana. E a recíproca é verdadeira. O negro precisa lutar para ser aceito como negro, preservar sua concepção do homem e sua herança cultural. Não para segregar-se, mas para fundir-se e perder-se, sem disfarçar-se, ou ser destruído, no fluxo de crescimento duma Nação que ainda se envergonha das grandezas de suas origens étnicas, raciais e culturais.

Dessa forma, buscar um espaço na literatura nacional não é sinônimo de segregação para o negro, mas sim de autoafirmação e de valorização de sua herança cultural, enquanto parte constitutiva da cultura brasileira.

Dentro do espaço literário nacional, a Literatura Negra acaba se relacionando com a Literatura Periférica ou Marginal. Em geral, ambas tratam de “ideias”. Segundo Silva (2011, p. 19), essas “literaturas”:

Não são confecções literárias suficientemente sistematizadas e sobre as quais haja um consenso analítico razoável para serem denominadas por *conceitos*, embora muito citadas, defendidas ou atacadas. Todavia, também são mais que *categorias* explicativas de análise, como ferramentas que sirvam apenas para elucidar um problema maior. Elas, em si, já se constituem em problemáticas historicamente consistentes.

Enquanto ideia, parafraseando Silva (2011, p. 19), essas “literaturas” (Negra e Periférica) constituem-se de materialidade (livros, autores, coletâneas, críticas e análises), imaterialidade (memória coletiva, afetiva, ícones e cânones etc), movimento (condicionamento histórico e subjetividade) e emblematicidade (referenciação a outras obras e posicionamentos históricos; diálogo com conceitos ou submissão a eles – negritude, estereotipação, racismo, mobilidade e integração social, dentre outros).

Apesar da complexidade que surge até mesmo para conceituar e identificar o que seja “literatura”, a Literatura Negra pode ser identificada por um conjunto de fatores, segundo Duarte (2008, p. 21), “A partir, portanto, da conjunção dinâmica desses cinco grandes fatores – temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público – pode-se constatar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude.”

No que diz respeito à “temática”, segundo Ianni citado por Duarte (2008, p. 12), “o negro é o tema principal da literatura negra”, inserido em um contexto histórico, cultural, humano e artístico (por exemplo, denúncia da escravidão, resgate da história, glorificação de heróis negros, tradições culturais e religiosas, etc); sobre a autoria, trata-se de “uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro” (DUARTE, 2008, p. 12), contrapondo-se ao *negrismo* no qual o autor branco tematiza sobre o negro; o “ponto de vista” é um fator no qual se assume a perspectiva do negro, do seu modo de ver o mundo e sua vida como um todo, afirmando-se como negro; a “linguagem”, segundo Duarte (2008, p. 12), fundamenta-se “na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil”; o “público leitor” remete ao leitor que

intencionalmente busca essa literatura. Duarte (2008, p. 12) destaca que esses fatores devem interagir: “Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepcional são insuficientes”. O poema “Filhos na rua”, de Conceição Evaristo (2008), a seguir, possibilita, dentre as várias possibilidades de interpretações e inferências que podem ser feitas com relação a ele, ilustrar os fatores que constituem a Literatura Negra, apresentados por Duarte (2008):

Filhos na rua
 O banzo renasce em mim.
 Do negror de meus oceanos
 a dor submerge revisitada
 esfolando-me a pele
 que se alevanta em sóis
 e luas marcantes de um
 tempo que aqui está.

O banzo renasce em mim
 e a mulher da aldeia
 pede e clama na chama negra
 que lhe queima entre as pernas
 o desejo de retomar
 de recolher para
 o seu útero-terra
 as sementes
 que o vento espalhou
 pelas ruas...

Em uma das possíveis interpretações, o tema remete à diáspora negra, ao sofrimento causado pela saída forçada da terra natal motivada pela escravidão, mais especificadamente, ao sofrimento da mulher que foi “espalhada pelo vento” pela escravização. A autoria é de Conceição Evaristo, uma mulher negra, de origem humilde, escritora, participante do movimento negro, hoje reconhecida nacional e internacionalmente, com o título de Doutora em Literatura Comparada, que sofreu para conseguir conciliar os estudos com o trabalho de doméstica. O ponto de vista é marcado por um eu lírico que se reconhece como negro (“o banzo renasce em mim” / “do negror de meus oceanos” / “esfolando-me a pele”). A linguagem apresentada por Evaristo constitui uma discursividade própria do negro ao se utilizar de vocábulos e expressões como “banzo” (do quimbundo *mbanza* - “aldeia”): refere-se ao sentimento de melancolia em relação à terra natal, depressão; “negror”: qualidade do que é negro, “oceano” caminho por onde eram trazidos os escravizados; “mulher da aldeia”: a aldeia simboliza a constituição social na terra natal; “útero-terra”: África, terra natal. O público leitor é algo externo ao poema, é representado pelas pessoas, especialmente as mulheres negras, que se reconhecem nos textos da escritora Conceição Evaristo.

Enfim, no movimento literário negro, há a busca de um discurso que represente o negro ou que seja dele. Ao buscar sua própria identidade, o negro procura representatividade enquanto um sujeito cidadão tal qual como os demais cidadãos não negros. De acordo com Cuti (1985), “O texto escrito começa a trazer a marca de uma experiência de vida distinta do estabelecido. A emoção - inimiga dos pretensos intelectuais neutros - entra em campo, arrastando dores antigas e desatando silêncios enferrujados. É a poesia feita pelo negro brasileiro consciente”.

Como se trata do negro brasileiro, Cuti (2010) enfatiza a questão da denominação desta Literatura que é “Negra” e não “Afro”:

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil.

Na Literatura Negra Brasileira, destacam-se escritores que contribuem com a afirmação de uma identidade negra, bem como criticam as estruturas sociais racistas herdadas pelos negros após o longo período de escravidão vivido no nosso país. Em 1960, quando Carolina Maria de Jesus despontou com a publicação de *Quarto de despejo*, ela passou a ser disputada por intelectuais, por políticos e também pelos grupos negros organizados. Segundo Silva (2016, p. 69-72), havia em São Paulo dois grupos militantes negros, a ACN (Associação Cultural do Negro, fundada em dezembro de 1954) e o Clube 220 (um clube de dança no qual ocorreram os primeiros bailes de música negra de São Paulo) que disputavam entre si:

Se a ACN promove um número de seu recém-lançado jornal e uma homenagem na casa de seus principais líderes à escritora, o clube 220, espécie de organização rival, sediada no mesmo prédio, a partir da publicação de *Quarto de despejo* passa a promover O Ano Carolina Maria de Jesus (1960-1961) SILVA (2016, p. 72).

A homenagem da ACN no jornal *Niger* (1960) trouxe Carolina Maria de Jesus na capa (Anexo 2), bem como “um editorial (sobre a figura de De Jesus e a mulher negra)”, “o poema apócrifo de Oswald de Camargo” (Anexo 3), “um samba em deferência à escritora, de autoria de B. Lôbo” (SILVA, 2016, p. 70). O Clube 220 lançou a campanha para a aprovação do título de Cidadã Paulistana a Carolina.

No entanto, para muitos dos militantes negros contemporâneos de Carolina Maria de Jesus, o discurso dela, tanto em *Quarto de despejo*, quanto em suas aparições públicas é oscilante, e as constatações dela não representavam os ideais da militância negra. Por exemplo, o discurso de agradecimento realizado por ela em ocasião da entrega do título de cidadã paulistana em 28 de setembro de 1961, do qual Silva (2016, p. 79) extraiu o seguinte trecho:

A transição da minha vida foi impulsionada pelos livros. Tive uma infância atribulada. Não me foi possível concluir o curso primário, mas desde que aprendi a ler passei a venerar os livros fantasticamente, lendo-os todos os dias. [...] Se não fosse por intermédio dos livros que deu-me boa formação, eu teria me transviado, porque passei 23 anos mesclada com os marginais. [...] Devo agradecer aos brancos de São Paulo que deram oportunidade aos pretos, aceitando as nossas criações e acatando-nos no núcleo social. Este gesto contribui para abolir preconceitos raciais.

Assim, a fala de Carolina foi tomada como algo na contramão dos ideais de luta pela igualdade da militância negra, atribuindo ao branco o crédito pela abolição dos preconceitos raciais. No entanto, Carolina Maria de Jesus compreende o papel de todos na busca pela democracia racial, conforme afirma Fernandes (1972, p. 194-195), citado anteriormente:

O branco consciente da situação histórico-cultural brasileira tem de resguardar as condições que permitam ao negro ser mais negro entre nós, não para separá-lo de si – mas para respeitá-lo, para conquistar uma perspectiva da qual possa valorizá-lo como homem e amá-lo como criatura humana. E a recíproca é verdadeira.

Sob essa ótica, deve haver uma reciprocidade entre o papel do branco e do negro para que o respeito prevaleça, ao seu modo, Carolina Maria de Jesus compreendia essa questão mas suas palavras não eram compreendidas assim, de modo que ela cada vez mais ia assumindo um papel de “negra exótica” explorada comercialmente pela venda de *Quarto de despejo*, isolando-se dos demais escritores negros de sua época.

Ao analisar a obra poética de Carolina Maria de Jesus, Meihy (1996, p. 25) afirma que inexiste na poesia dela (o que se pode também estender para seus textos autobiográficos) um “eu enunciator negro” tal qual se propõem os escritores da chamada Literatura Negra:

Considerando a obra dos chamados poetas negros, e as definições correntes sobre poesia negra, dificilmente poder-se-ia classificar Carolina como tal. Como não é a utilização de uma temática antirracista nem o fato de ser negro, epidermicamente falando, que caracteriza a poesia negra, tem-se que no caso de Carolina inexistia a emergência de um eu *enunciador negro*. O que resta é um eu *titubeante entre si mesmo* e o *universalismo*. É evidente que os textos poéticos de Carolina refletem aspectos dessa cultura, mas sua vivência ultrapassa a exclusividade de qualquer compromisso com uma *causa negra*. Neste ponto, sua experiência poética foi paralela à posição de Augusto dos Anjos e o contraste perfeito de Solano Trindade, ambos negros. Meihy (1996, p. 25)

O poema “A vida”, publicado em *Antologia pessoal* (Jesus, 1996a, p. 166), é um exemplo da temática voltada a si mesma, adotada por Carolina Maria de Jesus:

A vida
A vida é concernente
Aos que dela tiram proveito.
Eu sofro horivelmente
Ao ver o meu sonho desfeito
Será banalidade...
Sonhar com a felicidade?

No auge dos sofrimentos
Quem não maldiz a sua sorte
Todos nós temos momentos
Que desejamos a morte
Breve: quem sabe farei
A viagem da eternidade
Recordações levarei
Não sei se deixo saudades.

Não tenho mãe para chorar
A perda do filho amado
Sou uma ave sem lar
Um infausto exilado.
Vivo ao céu sem ter abrigo
Somente Deus é meu amigo
(Jesus, 1996a, p. 166)

Ao se ter contato com a vida da escritora, é possível relacionar o poema “A vida” com a trajetória relatada por Carolina em seus diários. A temática do sofrimento aparece como reflexo do sonho desfeito, do desejo da morte, do isolamento, do exílio, da solidão, ao molde dos poemas do Romantismo brasileiro, diferentemente do que Evaristo (2008) retratou no poema “Filhos na rua”. Porém, o sofrimento do eu lírico caroliniano não diverge do que a mulher negra passa na sociedade, sendo chefe de família, sem formação e com trabalho informal de subsistência.

Divergindo da ótica de Meihy (1996), a pesquisa realizada por Fernandez (2015) constatou que, na edição do livro de poesias de Carolina Maria de Jesus, *Antologia pessoal*, publicado postumamente em 1996, várias poesias ficaram de fora da publicação, bem como o preâmbulo escrito pela própria escritora:

No estudo dos originais, realizado em minha pesquisa de doutorado, observei que não haveria apenas um livro original de poemas, mas duas versões finais, compostas por 101 poemas cada, além de diversos poemas e versos curtos registrados em quase todos os seus cadernos, escritos nas capas ou mesmo nos fólhos. As versões dos dois livros de poemas definidos por Carolina de Jesus estão precedidas de prólogos, redigidos por ela com algumas alterações de conteúdo. Assim, pode-se notar, que a versão publicada com 80 poemas não corresponde minimamente aos intentos gerais de Carolina de Jesus, como, por exemplo, o título do livro, que deveria ser, segundo ela, “Clíris”. Tampouco vem acompanhada de um dos dois importantes preâmbulos, que prescreveriam sua inserção no universo literário, com as respectivas dimensões de seu impacto enquanto autoria negra (FERNANDEZ, 2018, p. 384).

Conforme já foi analisado anteriormente, não é a primeira vez que a edição das publicações obnubila algum aspecto da identidade, da personalidade ou da forma de escrever de Carolina Maria de Jesus. Fernandez (2018) toma como exemplo o poema “Os Feijões” que não consta na publicação de *Antologia pessoal*:

Os Feijões
 Será que entre os feijões
 Existem o preconceito
 Será que o feijão branco,
 Não gosta do feijão preto?
 Será que o feijão preto é revoltado?
 Com seu predomador
 Precebe que é subjugado
 O feijão branco será um ditador.

Será que existem rivalidades?
 Cada um no seu lugar
 O feijão branco é da alta sociedade.
 Na sua casa o feijão preto não pode entrar
 Será que existem desigualdades
 Que deixa o feijão preto lamentar
 Nas grandes universidades

O feijão preto não pode ingressar
 Será que existem as seleções
 Preto pra cá e branco pra lá
 E nas grandes reuniões
 O feijão preto é vedado a entrar?
 Crêio que no núcleo dos feijões
 Não existem as segregações.
 (JESUS citado por FERNANDEZ, 2018, p. 386-387)

Neste poema, percebe-se a presença de um eu enunciador que questiona a desigualdade entre negros e brancos, a exclusão do negro das “grandes universidades”, embora ela constate que todos pertençam à mesma espécie “Crêio que no núcleo dos feijões/ Não existem as segregações” (feijões = humanos). Enfim, por mais que as edições tenham subtraído de Carolina Maria de Jesus algo que remete a sua essência enquanto escritora, enquanto sujeito negro, levando a acreditar

que ela esteja mais preocupada com a sobrevivência e com seu reconhecimento enquanto escritora do que com a luta dos negros de sua época, o fato de ela ser capaz de escrever em um ambiente de iletrados, de registrar sua vida sofrida em meio a tantas adversidades, representa uma forma de resistência, ao seu modo, individualmente. Nos diários publicados, sua trajetória revela resistência também ao refletir aspectos da cultura negra, tanto dela em relação ao negro quanto dos brancos em relação a ela:

14 de setembro ...Hoje é o dia da páscoa de Moisés. O Deus dos judeus. Que libertou os judeus até hoje. O preto é perseguido porque a sua pele é da cor da noite. E o judeu porque é inteligente. Moisés quando via os judeus descalços e rotos orava pedindo a Deus para dar-lhes conforto e riquezas. É por isso que os judeus quase todos são ricos. Já nós os pretos não tivemos um profeta para orar por nós. (JESUS, 1963a, p. 107-108)

Neste trecho, Carolina denuncia, por meio de uma comparação, a perseguição do negro e do judeu. Os judeus são favorecidos pela inteligência e por terem um profeta que orava por eles, diferentemente dos negros. A denúncia da perseguição do negro, no entanto, se dá no contexto de resignação, por não haver um profeta por eles, levando mesmo ao sentimento de aceitação desta condição. Este é um ponto de vista que diverge do adotado pelos escritores militantes negros o que reforça o aspecto do isolamento de Carolina em detrimento da coletividade:

Curiosamente, nem os militantes de esquerda, nem os membros da ciosa direita brasileira a apoiaram de maneira linear. Para os primeiros ela não parecia suficientemente estridente para provar as teses da luta de classes ou da vítima consciente da marginalização inconformada. Até, pelo contrário, sob alguns pontos de vista, Carolina mostrava-se conservadora e mesmo racista, sobretudo isolada. Para a direita, seus testemunhos incomodavam o pressuposto da pobreza domesticada, útil sem dúvida para os discursos disciplinadores, mas, ao mesmo tempo, ela elogiava alguns comandantes políticos e por isso servia como massa de manobra. (MEIHY E LEVINE, 2015, p. 24)

O isolamento é, muitas vezes, consequência da incompreensão em relação ao discurso empregado por Carolina Maria de Jesus, que chegava a ser vista como “racista”. Para exemplificar como isso pode ocorrer, o trecho abaixo, tomado fora do contexto de produção da escritora, pode ser inferido por quem não a conhece como um discurso “racista”:

20 de setembro ...Fui no empório, levei 44 cruzeiros. Comprei um quilo de açúcar, um de feijão e dois ovos. Sobrou dois cruzeiros. Uma senhora que fez compra gastou 43 cruzeiros. E o senhor Eduardo disse:

- Nos gastos quase que vocês empataram.

Eu disse:

- Ela é branca. Tem direito de gastar mais.

Ela disse-me:

- A cor não influi.

(JESUS, 1963a, p. 108)

O “discurso racista” empregado por Carolina Maria de Jesus pode ser entendido por alguns leitores no momento em que ela diz que a senhora branca tem “direito” de gastar mais do que ela, que é negra. Conforme se observa, este diálogo retrata um fato ocorrido com Carolina no seu dia a dia e, na sua representação escrita, muitas coisas ficam subentendidas, como o próprio sentido do termo “direito” no ato de fala dela. Este pode se referir a sua percepção de um fato diário, ou seja, como a constatação de algo que costumeiramente se repete no seu círculo de convivência, uma vez que era comum que os brancos gastassem mais que os negros no contexto retratado. Neste caso, trata-se de uma constatação da realidade e não uma imposição de algo ou de uma ideia. Além disso, há outros fatores que não se identificam na representação da realidade do diálogo citado acima, como a forma que os interlocutores interagem entre si, qual o tom de voz de cada um, se houve ironia por parte de algum deles, dentre outros.

Neste sentido de desconstrução da interpretação do discurso “racista” por parte de Carolina Maria de Jesus, no próprio trecho destacado há ainda possibilidades de interpretação que reforçam a constatação do contexto vivido, que constituem uma denúncia das desigualdades pelas quais os negros estavam submetidos, como o comentário do personagem “Eduardo”, “Nos gastos quase que vocês empataram”, em que compara Carolina e a senhora branca, permitindo a suposição de que elas quase empataram, naquele momento, no quesito gastos, enquanto que, nos demais, uma delas perderá, e não seria a senhora branca, pelo contexto da época. Um outro aspecto a ser ressaltado é a fala da senhora, “A cor não influi”, que reflete o mito da democracia racial também vigente no Brasil, combatido pelos intelectuais negros e que Carolina Maria de Jesus claramente demonstra no seu diálogo.

Quanto à questão do isolamento de Carolina Maria de Jesus em relação aos demais intelectuais negros, cabe aqui ressaltar as considerações de Silva (2011, p. 117):

mesmo quando em coletivos literários, a formulação dos mundos ficcionais em seus textos parte de um *sujeito fora de lugar*. Entre os negros ou entre os periféricos, no seio familiar – na maior parte dos casos – ou em grupos políticos, a criação literária não aparece como um fato facilmente compreensível ou aceitável, puro e sem função. Ela é um corpo estranho, moldado por uma ideia fora de lugar – a criação literária e seu esforço de publicação, cujas funções e utilidades são sempre questionadas – cujo diálogo com o entorno por vezes é tenso, com sucesso relativo e consagração conseguida a custos significativos, no próprio âmbito grupal e com independência relativa dos movimentos sociais (SILVA, 2011, p. 117).

Assim, ao sair do seu meio social iletrado e oculto da Língua Portuguesa e querer se inserir em um meio letrado, sendo uma mulher negra e pobre, Carolina Maria de Jesus acabava não pertencendo a nenhum dos dois lugares, por isso, por vezes é tida como “solitária” e/ou “exótica”. No entanto, a recepção dos seus escritos remete hoje mais à representatividade do que ao isolamento. Por meio de uma revisitação às suas obras, sejam elas publicadas ou manuscritas, há uma ressignificação ao que Carolina representou na sua época, tomando como base o contexto econômico e sociocultural vivenciado por ela. Seu isolamento cedeu espaço a grupos que se identificam com ela, como o Coletivo Carolina de Mulheres Negras, grupo que se espelha em Carolina e difunde sua escrita para outras mulheres. Segundo Guimarães (2014, n. p.):

Podemos dizer que o mais significativo para, principalmente, nós, mulheres negras, é “o quê” Carolina Maria de Jesus produziu mais do que “o quanto”. A quantidade de escritos com os seus diversos desejos (editorial/livro, teatro, música etc.) é vasta, mas o que importa mesmo é o fato de a produção literária (poética, contos e romances) desta mineira nos causar tantos impactos devido ao seu impressionante conteúdo, pois a força e lucidez emitida por meio de suas palavras escritas representam espelhos refletindo cada uma de nós.
Por isso, somos Carolinas!

Essa representatividade, consequente da revisitação às obras da escritora, desconstrói também o estereótipo de “machista” atribuído a ela por escritos como a seguir:

8 de agosto ... A pior praga da favela atualmente são os ladrões. Roubam a noite e dormem durante o dia. Se eu fosse homem não deixava os meus filhos residir nesta espelunca. Se Deus auxiliar-me hei de sair daqui, e não hei de olhar para trás.
(JESUS, 1963a, p. 164)

Ao afirmar que gostaria de ser homem para fazer certas coisas, como melhorar o país, ou simplesmente mudar de vida, há novamente uma constatação de uma sociedade patriarcal, machista, que inferioriza o papel da mulher. No entanto, na

prática, Carolina Maria de Jesus rompeu com muitas das barreiras impostas pela sociedade que ela retratava, ao recusar-se a casar, ao ter três filhos e criá-los sem marido, ao aprender a dirigir e, principalmente, em almejar viver como escritora e ser reconhecida como tal. Além disso, a fama não fez com que ela se dobrasse aos padrões de comportamentos embranquecidos que tentaram impor a ela. Segundo Guimarães (2014): “Carolina rompeu com o lugar imposto à mulher negra pela sociedade, mas também não precisou estar no lugar de mulher branca, ou melhor, embranquecida, constituído por uma parcela da elite hegemônica do nosso país”. Elite essa que define o que é canônico ou não:

Carolina se tornou, por meios próprios, uma escritora cuja produção está escrita e inscrita na eternidade, sem ter precisado submeter-se ao canônico. Ainda, a força que emana de suas palavras é convertida em poder e como muitos sabem este elemento é algo muito disputado nas sociedades em geral. Na sociedade brasileira o grupo hegemônico não abre mão de dominar todos os poderes, mas, talvez, este seja um que mesmo que este grupo tente se apoderar, não lhes pertence (GUIMARÃES, 2014, não p.).

O poder que ela dava às palavras não pode ser tirado hoje pela elite e pela tradição canônica, além disso, seus escritos também empoderam cada vez mais aqueles que a conhecem e reconhecem seu feito.

3.2 A QUESTÃO DO TEXTO AUTOBIOGRÁFICO E DO DIÁRIO

A definição de autobiografia apresentada por Philippe Lejeune (2014) parte de seu ponto de vista como leitor, tendo como base um conjunto de textos submetidos por ele à leitura. Assim, chegou à seguinte definição: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história, individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16). O pesquisador agregou nesta definição elementos de quatro categorias: forma da linguagem, assunto tratado, situação do autor e posição do narrador. Para ser uma autobiografia, portanto, segundo Lejeune, a obra deve preencher ao mesmo tempo as condições indicadas em todas as categorias. Didaticamente, Lejeune (2014, p. 16-17) especifica cada categoria:

1. *Forma da linguagem:*

a) narrativa;

b) em prosa.

2. *Assunto tratado:* vida individual, história de uma personalidade.

3. *Situação do autor:* identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador.

4. *Posição do narrador:*

a) Identidade do narrador e do personagem principal;

b) perspectiva retrospectiva da narrativa.

Essas categorias, somadas, constituem a definição inicial de autobiografia apresentada anteriormente. Lejeune (2014) preocupa-se também em explicar se é possível identificar como autobiografia uma narrativa cujo autor esteja anônimo, para ele:

Para qualquer leitor, um texto de aparência autobiográfica que não é assumido por ninguém se assemelha, como duas gotas, a uma ficção. Penso, contudo que essa definição, longe de ser arbitrária, ilumina o essencial. O que define a autobiografia para quem a lê é, antes de tudo um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio. E isso é verdadeiro também para quem escreve o texto. Se eu escrever a história da minha vida sem dizer meu nome, como meu leitor saberá que sou *eu*? É impossível que a vocação autobiográfica e a paixão do anonimato coexistam no mesmo ser. (LEJEUNE, 2014, p. 39)

O diário é uma tipologia textual, segundo Lejeune (2014, p. 17) vizinha da autobiografia, por não incorporar o item “b” da “Categoria 4”, constituinte da definição de autobiografia, ou seja, no diário, a posição do narrador é sempre atual, presente. Segundo Lejeune (2014):

Uma entrada de diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia.

No caso dos diários publicados de Carolina Maria de Jesus, há duas questões que contribuem para que as publicações sejam consideradas “autobiografias”. A primeira diz respeito à motivação da escrita que, muitas vezes é realizada como uma construção consciente e proposital, com intenção futura de ser um meio de melhoria de suas condições de vida – “Faz tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo” (JESUS, 1963, p. 26), o que atesta que a maioria dos relatos publicados não ocorre “na mais absoluta ignorância quanto ao futuro”. A segunda questão diz respeito à edição feita nos textos

manuscritos para a publicação, que subtraiu muito da essência e da originalidade do conteúdo dos cadernos manuscritos de Carolina Maria de Jesus.¹¹

Portanto, essa produção intencional, segundo Lejeune (2014), abre espaço para que a obra adquira um valor literário, colocando os diários impressos de Carolina Maria de Jesus no rol da prosa memorialística, juntamente com outros tipos textuais como autobiografias, biografias, cartas, confissões, memórias e testemunhos, por possuírem em comum uma referencialidade “que transmite a ilusão de que se está à frente de um conjunto de fatos reais: uma história transcrita pelo próprio autor que acumula os atributos de narrador e de sujeito de uma ação assumidamente não-fictícia, reproduzindo a sua própria história” (ANDRADE, 2011, p.108). Esses textos apresentam, segundo Lejeune (2014), um “pacto autobiográfico”, ou seja, quando a identidade entre autor, narrador e personagem coexistem.

Ou seja, no livro *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, “o nome exposto na capa, Carolina Maria de Jesus (equivalente a uma assinatura autoral) é igual ao nome do narrador e da personagem principal, acrescida da indicação no subtítulo de que se trata de um diário, um tipo de texto autobiográfico” (idem, p. 108). Segundo Jozef (1997) *apud* Andrade (2011), o material autobiográfico inclina-se tanto à história como à ficção, pois os processos próprios da memória implicam uma teoria ficcional”.

É comum conferir ao texto autobiográfico um caráter sociológico, antropológico ou histórico apenas, no entanto, não se pode ignorar o fato de que se trata de uma recriação da realidade, e não a realidade em si. De acordo com Lejeune (2014, p. 301):

O diário é um *vestígio*: quase sempre uma escritura manuscrita, pela própria pessoa, com tudo o que a grafia tem de individualizante. É um vestígio com suporte próprio: cadernos recebidos de presente ou escolhidos, folhas soltas furtadas ao uso escolar. (...) Quando se lê “o mesmo texto” impresso em um livro, será de fato o *mesmo*? Assim como as obras de arte, o diário só existe em um único exemplar.

Portanto, o diário publicado em 1960 deixou de ser as anotações pessoais de Carolina Maria de Jesus e passou a ser visto como um outro texto, pertencente também a uma narradora e personagem.

Uma outra questão é quanto à veracidade dos fatos relatados. Segundo Gomes (2004, p. 16), deve-se estar atento à “ilusão biográfica”:

¹¹ A respeito da edição dos manuscritos, há uma análise mais detalhada no item 3.4 desta dissertação.

Uma delas retoma o ponto da “ilusão biográfica”, isto é, da crítica que destaca a ingenuidade de se supor a existência de “um eu” coerente e contínuo, que se revelaria nesse tipo de escrita, exatamente pelo “efeito de verdade” que ela é capaz de produzir. A sinceridade expressa na narrativa, que pretende traduzir como que uma essência do sujeito que escreve, obscureceria a fragmentação, a incoerência e a incompletude do indivíduo moderno. O risco para o pesquisador que se deixa levar por esse feitiço das fontes pode ser trágico, na medida em que seu resultado é o inverso do que é próprio dessas fontes: a verdade como sinceridade o faria acreditar no que diz a fonte como se ela fosse uma expressão do que “verdadeiramente aconteceu”, como se fosse a verdade dos fatos, o que evidentemente não existe em nenhum tipo de documento.

Dessa forma, ao tomar um texto autobiográfico ou uma representação por meio do diário como verdadeira, o leitor deve aguçar sua criticidade e ao historiador cabe a função de averiguar em outras fontes documentais o grau de realidade do fato narrado. Além da “ilusão biográfica”, Gomes (2014, p. 20) atenta para a questão da “escrita de si”:

De um lado, haveria a postulação de que o texto é uma “representação” de seu autor, que o teria construído como forma de materializar uma identidade que quer consolidar; de outro, o entendimento de que o autor é uma “invenção” do próprio texto, sendo sua sinceridade/subjetividade um produto da narrativa que elabora. Uma dicotomia que tem sido apontada como um falso paradoxo, mas que pode ser útil para se entender a dinâmica própria da escrita de si. Nessa questão, começa a ganhar terreno a posição que considera que o indivíduo/autor não é nem “anterior” ao texto, uma “essência” refletida por um “objeto” de sua vontade, nem “posterior” ao texto, um efeito, uma invenção do discurso que constrói. Defende-se que a escrita de si é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de “produção do eu”.

Portanto, a forma como o autor produz seu relato pode estar ligada condicionalmente a sua identidade, sendo o “eu” um editor e produtor de si mesmo:

Tal abordagem converge com a ideia de se entender a escrita de si como tendo “editores” e não autores propriamente ditos. É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um autor e uma narrativa. Uma ideia que se alimenta do entendimento de que a escrita de si foi mobilizada pelos indivíduos modernos com múltiplas intenções, entre as quais a de permitir o autoconhecimento, o prazer, a catarse, a comunicação consigo mesmo e com os outros. Uma modalidade de ação que permitiria a seu autor uma mudança e/ou um controle maior sobre a própria vida, numa dimensão quer religiosa, quer laica. Mas esse entendimento não supõe nem uma presumida essência anterior de quem escreve, nem sua completa fatura pelo discurso que elabora, nem uma unidade perfeita entre quem escreve e quem é produzido pela escrita. (GOMES, 2014, p. 20-21)

Ao analisar algumas autobiografias de escritores mineiros (Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Nava), Antonio Candido atenta para o papel da imaginação nos textos analisados, por isso foram qualificados por Candido como:

autobiografias poéticas e ficcionais, na medida em que, mesmo quando não acrescentam elementos imaginários à realidade, apresentam-na no todo ou em parte como se fosse produto da imaginação, graças a recursos expressivos próprios da ficção e da poesia, de maneira a efetuar uma alteração no seu objeto específico (CANDIDO, 1989, p. 51).

Antonio Candido não referia sua análise à escritora mineira Carolina Maria de Jesus, mas sim a escritores consagrados pelo cânone. No entanto, é possível estender esse prognóstico a demais textos autobiográficos e, no caso de Carolina Maria de Jesus, como um produto próprio do modo como ela escrevia seus textos autobiográficos. Segundo Candido (1989, p. 55):

Por isso, uma experiência privada, como a do menino que procura vistas indiscretas pelas frinchas do assoalho, é tão pitoresca e tão espetáculo, mas também tão exemplar, quanto a referência a objetos exteriores ao eu, como, por exemplo, a mineiridade dos comerciantes turcos, que são sírios, os ingleses da mina, os excêntricos da cidade. A experiência pessoal se confunde com a observação do mundo e a autobiografia se torna heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade; sem sacrificar o cunho individual, filtro de tudo, o Narrador poético dá existência ao mundo de Minas no começo do século.

Esse tipo de particularidade que remete a outros ocorre com frequência na obra *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, que, apesar do termo “diário” no título, é uma narrativa autobiográfica, sem a marcação temporal própria dos diários e que também passou por edição para ser publicado (lembrando que *Diário de Bitita* primeiramente foi traduzido para o francês e a versão em português que se tem publicada é a tradução do francês, o que modificou bastante o texto original escrito por Carolina Maria de Jesus). Mesmo com a modificação do original, ao narrar sua infância, Carolina Maria de Jesus, com o apelido de “Bitita”, estende seus relatos a outros negros que, como ela, receberam a dura herança do fim da escravidão no Brasil.

Cabe aqui adentrar na questão social das narrativas autobiográficas e, no contexto brasileiro, da função social que o diário representou na nossa cultura a partir do final da década de 50 e início dos anos 60, quando a apreciação dos diários tomou forma na cultura brasileira. Segundo Meihy (2016, p. 13):

em termos de gênero textual, os *diários* escritos por mulheres e homens comuns – ou “ordinários”, como diria De Certeau – apenas ganharam destaque no Brasil depois dos anos de 1960. Isto, aliás, se inscreve no circuito de abertura do debate nacional sobre representatividades e expressões populares.

Nesta época, o povo passou a ter interesse em histórias e fatos do qual se via como sujeito e não como objeto:

Sem cair no conceitualismo raso da polêmica que se perde discutindo se diário é ou não literatura – se testemunho, documento histórico, gênero indefinido e/ou híbrido – partamos para o significado social e oportuno que esse tipo de escrita provocou e que teve efeito, qual dinamite poderosa, de abrir fendas em muros consistentes, comprometendo o formalismo machista dominante. Ainda, convém lembrar que a recepção desses textos provava a alteração do gosto dos leitores que passavam a pedir relatos baseados na vida tangível. Decorrência natural do novo mercado de livros, o surgimento de padrões estéticos de consumo cultural até então garantido aos chamados “grandes personagens” (MEIHY, 2016, p. 28)

Assim, o ponto principal da consideração do historiador Meihy a respeito dos diários não é a questão literária, e sim o significado deles no contexto social. O padrão de consumo ganhou um novo foco temático “o povo”. O comprometimento ao “formalismo machista” se deu a partir do momento em que mulheres se apropriaram deste gênero e tiveram seu público, como ocorreu com Carolina Maria de Jesus, mesmo que fruto de um contexto com um período de tempo curto. Além disso, outros gêneros, como o jornal, também tiveram que se adaptar a esse “novo tempo”:

os diários eram iluminados com remessas a pessoas, fatos, situações que mencionavam datas e locais possíveis. O custo para o andamento literário convencional foi caro. O impacto no jornal também foi severo, pois em muito teve que abdicar da pompa formal e comprometer linhas editoriais consagradas. Não eram mais os grandes nomes da política e da sociedade que apareciam com exclusividade. O “povo”, por sua vez, deixava de ser protagonista de crimes ou calamidades e figurava como elemento comum, identificável, personagem de carne, osso e presença. E só o “novo” jornal poderia promover o encurtamento do caminho. (MEIHY, 2016, p. 29)

Dessa forma, o diário promoveu um impacto que acarretou mudanças na literatura, no jornalismo, e na sociedade, com indivíduos que passaram a ter voz em um meio onde o povo só existia enquanto objeto.

3.3 O LITERÁRIO E AS OBRAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

A obra de Carolina Maria de Jesus, por muito tempo, foi representada por seus diários, principalmente o mais conhecido, *Quarto de despejo*. Devido ao caráter autobiográfico deste tipo de texto, seu diário foi por tomado como algo documental, ou seja, um retrato da realidade, escrito por uma moradora da favela, com sua

linguagem e seu jeito próprio de escrever, com referencialidade a lugares, pessoas e fatos históricos, itens que remetem a um “discurso natural”, o que no contexto da obra não o é.

Bárbara Smith (1971) aborda essa questão do “discurso natural” que são enunciados realizados por pessoas em ocasiões particulares, dentro de um contexto, em resposta a um conjunto particular de circunstâncias. Segundo a autora:

By “natural discourse”, I mean here all utterances – trivial or sublime, ill-wrought or eloquent, true or false, scientific or passionate – that can be taken as someone’s saying something, somewhere, sometime: i.e., as the verbal acts of real persons on particular occasions in response to particular sets of circumstances. In stressing all this particularities, I wish to emphasize that a natural utterance is an historical *event*: like any other event, it occupies a specific and unique point in time and space. (SMITH, 1971, p. 260)¹²

Nesse sentido, a autora define como discurso natural uma enunciação dentro de seu respectivo contexto, historicamente única, que não ocorrerá novamente, como, segundo ela mesma exemplifica, a coroação de Elizabeth I em quinze de janeiro de 1559, ou seja, um evento que só pode ser considerado como tal em relação ao contexto no qual ocorreu (Idem, p. 262).

O discurso natural pode ser verdadeiro ou falso, real ou fictício, porém ele difere da enunciação literária no que diz respeito à sua historicidade. Segundo a Smith, o discurso literário não tem um contexto histórico definido, uma vez que o narrador pode “fingir” se referir a algo ou ao fato histórico. Para ela, alguns gêneros literários apresentam um discurso facilmente reconhecido como fictício como romances, contos, poemas dramatizados, etc. No entanto, isso pode se apresentar um pouco mais complexo do que aparece uma vez que certos eventos e personagens narrados podem parecer muito reais:

Indeed, as we all know, many novels such as *War and Peace* allude to quite real persons and events, a consideration that has created theoretical problems for many literary theorists. The essential fictiveness of novels, however, as of all literary artworks, is not to be discovered in the unreality of the characters, objects, and events alluded to, but in the unreality of the *alludings* themselves. In other words, in a novel or tale, it is the *act* of reporting events, the *act* of describing persons and referring to places, that is fictive. The novel

¹² Por “discurso natural”, quero dizer aqui todos os enunciados - trivial ou sublime, mal forjado ou eloquente, verdadeiro ou falso, científico ou apaixonado - que pode ser tomado como alguém dizendo algo, em algum lugar, em algum momento: ou seja, como os atos verbais de pessoas reais em ocasiões especiais em resposta a conjuntos de circunstâncias particulares. Ao enfatizar todas essas particularidades, gostaria de enfatizar que um enunciado natural é um evento histórico: como qualquer outro evento, ele ocupa um ponto específico e único no tempo e no espaço. (Tradução nossa)

represents the verbal action of a man reporting, describing, and referring.
(SMITH, 1971, p. 272)¹³

Sob essa ótica, a autora afirma que não é o evento ou o personagem narrado que dá o tom do fictício, mas o ato de narrar, a narração em si, a ação verbal de uma pessoa reportando, descrevendo ou se referindo a algo ou a alguém.

Em *Quarto de despejo – diário de uma favelada* o perfeito retrato da vida na favela existe a partir do relato de uma narradora que, apesar de se imergir em um local e um tempo definido na narrativa, pode hoje ser tomado como algo mais abrangente, ultrapassando aquele contexto específico da autora. Ou seja, a fome apresentada não é mais a mesma de 1958, 1959 e 1960 da autora Carolina Maria de Jesus, mas pertence a uma narradora que, ao mesmo tempo em que relata sua experiência, dá a oportunidade ao atual leitor de reconstruir, de vivenciar e de retomar essa realidade cada vez que entra em contato com a obra. Em outras palavras, a fome, segundo apresenta a narradora Carolina Maria de Jesus, é amarela; no entanto, o tom do amarelo quem dá é o leitor, o que permite que esse discurso se enquadre no tipo literário.

Para Derrida (2014), o discurso literário permite uma “transcendência” do que foi lido:

(...) Um discurso filosófico, jornalístico ou científico pode ser lido de forma “não transcendente”. “Transcender”, nesse caso, significaria ultrapassar o interesse pelo significante, pela forma, pela linguagem (observe que eu não digo pelo “texto”), na direção do sentido ou do referente (essa é a definição da prosa, um tanto simplista mas cômoda, de Sartre). É possível fazer uma leitura não transcendente de qualquer tipo de texto. Além disso, não há nenhum texto que seja literário *em si*. A literariedade não é uma essência natural, uma propriedade intrínseca do texto. É o correlato de uma relação intencional com o texto, relação esta que integra em si, como um componente ou uma camada intencional, a consciência mais ou menos implícita de regras convencionais ou institucionais – sociais, em todo caso.

Essa transcendência permite que seja inferido, no caso de *Quarto de despejo* que a favela apresentada não seja mais a do Canindé em São Paulo, não só porque já não existe mais, mas sim aquela que o leitor reproduz em seu interior, com base

¹³ Na verdade, como todos sabemos, muitos romances, como *Guerra e a Paz*, alude a inúmeras pessoas e eventos bastante reais, uma consideração que criou problemas teóricos para muitos estudiosos literários. A ficção essencial dos romances, no entanto, assim como de todas as obras literárias, não deve ser descoberta na irrealidade dos personagens, objetos e eventos aludidos, mas na irrealidade dos personagens, objetos e eventos aludidos, mas na irrealidade da alusão deles. Em outras palavras, em um romance ou conto, é o ato de relatar eventos, o ato de descrever pessoas e se referir a lugares, que é fictício. O romance representa a ação verbal de um homem que reportando, descrevendo e se referindo. (Tradução nossa)

em cada comunidade desprovida de recursos básicos, como aquela que existe no país e no mundo. O mundo representado por Carolina Maria de Jesus se expandiu a partir do momento em que ela o colocou em palavras, e se expande a medida que o leitor se apropria dessas palavras.

Em outro trecho de *Quarto de despejo*, há uma denúncia e crítica à realidade que cerca a narradora:

Passei na sapataria. O senhor Jacó estava nervoso. Dizia que se viesse o comunismo ele havia de viver melhor, porque o que a fabrica produz não dá para as despesas.
Antigamente era os operarios que queria o comunismo. Agora são os patrões. O custo de vida faz o operario perder a simpatia pela democracia. (JESUS, 1963 p. 99)

Nessa perspectiva, ao retratar o cotidiano por meio do diário, seu discurso ganhou um tom atemporal, passando tanto a representar o que ela viveu, quanto o que muitas pessoas passam hoje, passarão, ou nem de perto viverão isso, conforme Derrida (2014):

...o que *acontece* – em outras palavras, o acontecimento único cujo rastro gostaríamos de conservar – é também o próprio desejo de que o que não acontece deva acontecer, sendo, portanto, uma “história” na qual o acontecimento já intercepta, dentro dele próprio, o arquivo do “real” e o da “ficção”.

O que não acontece ficou marcado, no discurso de Carolina Maria de Jesus, pelas pausas na escrita de seu diário ou pelas reticências recorrentes que abrem espaço para que o leitor infira também o não dito.

Derrida comenta sobre o limite entre a Literatura e a Filosofia, muitas vezes enfocando a reflexão histórica ou teórica, propondo um deslocamento desse foco para a própria escritura (DERRIDA, 2014, p. 45-46.) Ele relembra suas escritas sobre si enquanto era um adolescente e afirma que, ao escrever sua autobiografia “No fundo, havia algo como um movimento lírico em direção às confidências ou confissões” (DERRIDA, 2014, p 46). Isso pode ser percebido no diário que, no decorrer dos relatos de fome e de dificuldades em seus períodos curtos, Carolina intercala na narrativa frases com traços poéticos, como: “Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço” (JESUS, 1963, p. 23). Neste trecho, Carolina Maria de Jesus poeticamente se compara aos pássaros para expressar seu momento de alegria, de contemplação da natureza. No entanto,

há uma restrição nesta comparação que remete diretamente à realidade da narradora, observada no trecho “que cantam apenas ao amanhecer”, no qual a palavra que “apenas” limita o período em que este momento de felicidade e contemplação ocorre – apenas no amanhecer – permitindo que o leitor infira que, para outros momentos do dia, reservam-se agruras e tristezas.

Outro exemplo de traços poéticos na narrativa de Carolina Maria de Jesus pode ser observado em: “... A noite está tepida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido” (JESUS, 1963, p. 28). Um céu salpicado de estrelas remete a um tecido para confeccionar um vestido, uma imagem poeticamente construída por meio da expressão de Carolina Maria de Jesus.

É possível perceber nestes trechos a utilização de linguagem conotativa com frases dispostas assemelhando-se a versos. No contexto, é um momento de quebra e de pausa no relato de sua realidade: “Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido”. Há também a utilização de figuras de linguagem, como comparação (“Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer”) e personificação (“As folhas movia-se. Pensei: elas estão aplaudindo este meu gesto de amor a minha Patria” (JESUS, 1963, p. 32)). No entanto, tanto nos diários quanto na produção poética de Carolina Maria de Jesus, é necessário observar que seu modo de escrever encontra-se distante da estética literária canônica. Meihy (1996) refere-se com ironia a quem procura relacionar a expressão poética de Carolina Maria de Jesus com o modelo canônico altamente apreciado na sociedade brasileira:

Composições variadas – variadíssimas – constituem o inventário da escritora favelada. Mesmo antes de abordar sua produção poética, até à guisa de aviso aos navegantes de mares surpreendentes e acidentados, deve-se garantir que, em face dos cânones sagrados da Literatura (com “L” maiúsculo), a qualidade de seus escritos é de uma pobreza estilística que faria arrepiar até mesmo os mais tolerantes críticos. Sem levar em consideração o contexto da produção da obra, a poesia de Carolina padecerá de lastimáveis comparações com os escritos dos autores consagrados não como uma produção que precisa ser vista com olhos de sua estrutura circunstancial e de seu código expressivo próprio (MEIHY, 1996, p. 10).

Portanto, a linguagem poética utilizada por Carolina Maria de Jesus em suas obras reflete contextos e circunstâncias que contribuem para a valorização de seus escritos. A “pobreza estilística” a que ironicamente se refere Meihy (1996) é uma

avaliação depreciativa face aos textos da escritora por parte de quem desconhece esse seu “código expressivo próprio” e busca encontrar neles apenas o belo canônico:

Independente da cobiçada *qualidade textual*, a explicação que justifica zelo face a estes textos remete ao quilate social da mensagem e à expressão da vontade comunicativa de uma mulher que, sabendo-se segregada, jamais aceitou a condição de submissa, favelada, mãe solteira, inferior. Seu registro, constantemente biográfico, funcionava como documentação de experiências até então jamais autenticadas por autorias de quem padecia vida miserável. Entre seus escritos e o resto do mundo haviam que se constituir vasos comunicantes capazes de correr realidades pouco percebidas por uma cultura domesticada para perceber o belo aristotélico (bom porque bonito, bonito porque prazeroso, prazeroso porque certo). (MEIHY, 1996, p. 11)

Assim, seus escritos, como os publicados em *Quarto de despejo*, destacaram-se “num momento em que as mulheres, até mesmo as brancas – apesar das Lispectors, Meirelles, Carraros e outras –, tinham ainda que vencer dificuldades para parecerem capazes de figurar no cenário nacional” (MEIHY, 1996, p. 11). Sua produção poética era ignorada em detrimento dos diários. Enquanto mulher, negra, favelada e com pouca escolaridade, havia muito preconceito a ser superado, até mesmo na época do sucesso de sua primeira obra. Em uma entrevista em sua passagem por Curitiba, em abril de 1961, Carolina Maria de Jesus foi questionada a respeito da qualidade de sua obra, suas palavras foram que:

seu livro não foi escrito para homens que se atrapalham com adjetivos, sintaxes, verbos e substantivos. Não escreveu para concorrer a prêmios na Academia Brasileira de Letras. Escreveu seu livro com a finalidade de retratar a miséria imperante na favela. (Correio do Paraná¹⁴, 1961, citado por MEIHY, 1996, p. 33)

Santos (2009) confessou que superou seu preconceito com relação a *Quarto de despejo* anos depois, quando tomou outra postura diante da leitura dele:

Anos depois, quando li sem pé atrás, pude reconhecer que havia boa literatura em *Quarto de despejo*. Largando o critério elitista, vi que a norma culta, estranha a Carolina, só pode transmitir conteúdo culto. No máximo, como em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, pode exibir o silêncio do conteúdo popular. Nada pode dizer sobre ele.” (SANTOS, 2009, p. 18)

Neste caso, Santos (2009) refere-se ao fato de as personagens da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, expressarem-se muito pelo silêncio, pelos pensamentos do que por sua linguagem oral, limitada de palavras, em uma vida dominada pela seca em todas as instâncias. Além disso, a pouca ocorrência do discurso direto traz o

¹⁴ Correio do Paraná, Curitiba, 8 de abril de 1961, p. 5.

diálogo ao plano do narrador, que se utiliza da língua culta para representar as falas dos personagens, como no trecho a seguir:

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra (RAMOS, 1984, p. 93).

Conforme se pode perceber, o diálogo entre o personagem Fabiano, que não concorda com o valor do acerto de seu trabalho realizado pelo patrão, ocorre de modo indireto, em plano de pensamento e, mesmo com expressões regionais e populares como “miolo”, “perdeu os estribos”, “no toco”, “mão beijada”, “pancada”, “amunhecou”, dentre outros, é um diálogo realizado na língua culta do narrador: “via-se perfeitamente que era bruto”, “não fora ensinado”, “até estranhara as contas dela”.

Já para Carolina Maria de Jesus, as agruras da vida a motivavam a falar, a transcrever no papel imagens sobre a sua realidade, construídas à sua maneira, conforme atesta Fernandez (2015, p. 17):

Carolina de Jesus era, antes, uma sonhadora quixotesca. Algumas vezes é poética na própria miséria, em sua forma mais agressiva. Por exemplo, quando escreve que a “fome é amarela” e que os “favelados são corvos” sobrevivendo de restos, à beira do rio Tietê. A partir da plasticidade dessas imagens, sua obra pode ser vista como expressão significativa da re-apresentação de uma realidade expressa por meio do “povo que faltava” (DELEUZE e GUATTARI, 2004). A escritora se dispõe a significar e vai, ela mesma, retalhando sentidos pré-moldados, fornecendo condições de possibilidade de expressão para o lugar social da paisagem, expondo a semiótica dinâmica e particular das margens.

Essas palavras constroem imagens até então inéditas na literatura, como ao dizer que a fome possuía cor e a cor era “amarela”, demonstra uma perspectiva única de representação da fome, vista por alguém que a conhece bem e que é capaz de se expressar artisticamente por meio de palavras. Por isso, a linguagem de Carolina Maria de Jesus configura-se como a “voz do povo”, entendendo-se aqui como “povo”

assumindo a posição de sujeito da enunciação e não como o objeto descrito por alguém que não compartilha do mesmo local de fala.

A “voz do povo”, portanto, surge dessa relação da escrita com a vida, e da vida com a escrita, que Carolina demonstra em sua trajetória literária. Assim, mesmo no texto poético, a “poetisa negra” versifica seu cotidiano, e vai além dele:

Muitas fugiam ao me ver
pensando que eu não percebia
Outras pediam para ler.
Os versos que eu escrevia

Era papel que eu catava
para custear o meu viver.
E no lixo eu encontrava
livros para eu lêr
Quantas coisas eu quis fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascêr
Num país que predomina o preto.

Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E dêixo estes versos ao meu país
se e que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz
(JESUS, 1996, p. 33)

A linguagem poética de Carolina Maria de Jesus, adquirida com suas próprias experiências de leitura, é permeada de simplicidade, de oralidade, com um tom de nacionalismo crítico (contra o preconceito) e subjetivismo diante da morte (a liberdade do eu lírico), ao molde dos poetas do romantismo brasileiro.

O verso “Muitas fugiam ao me ver” revela que muitas pessoas procuravam se afastar de Carolina porque conheciam sua fama de escritora e isso assustava porque sua escrita não fazia distinção entre políticos, funcionários públicos, empresários, operários e moradores da favela; havendo o que dizer, ela anotava para a posteridade o que ela considerava relevante, pois sua arma era a escrita. Não apenas uma arma, escrever e ler eram coisas indissociáveis do dia a dia de Carolina Maria de Jesus, era a forma de atestar a sua existência e de resistir nela.

Entre denúncia da realidade miserável de mulher negra catadora de papel (“Era papel que eu catava / para custear o meu viver”), entre a pouca escolaridade e o autodidatismo (“E no lixo eu encontrava / livros para eu lêr”), há uma forma de expressão própria de Carolina Maria de Jesus, que transita entre a oralidade e a escrita, entre a realidade e a ficção, denunciando o preconceito sofrido em vida e que

perdurou após sua morte durante décadas de silenciamento e de apagamento de sua obra.

Segundo Lajolo, (1996, p. 42) “Precisamos de uma história cultural que se construa a partir de categorias analíticas mais flexíveis. Categorias, por exemplo, que inscrevam a polifonia constituinte de nossa cultura na linguagem”. Nestes termos, os escritos de Carolina contribuem para a constituição de uma “outra” história:

Poemas como os de Carolina são raríssimos na tradição brasileira letrada e podem, por isso mesmo, adensar e dar um norte a esforços contemporâneos da escrita de uma história da cultura brasileira. Não a escrita ingênua de uma outra história que retifique ou que substitua a *história em circulação*. As histórias, como es estrelas do céu e os grãos de areia, são sempre – e precisam ser cada vez mais – multidão. (LAJOLO, 1996, p. 42)

Assim, a polifonia peculiar da cultura brasileira contribui para o enriquecimento da nossa história, indo além dela, promovendo uma “multidão” de histórias que melhor caracteriza a vasta cultura brasileira.

Carolina se apropria da língua, por meio da leitura de outros textos, e a recria, ao seu jeito, dentro das suas condições de produção. Ela estava certa de que produzia arte literária em seus mais variados gêneros. A respeito de sua forma de escrever, atesta Fernandez (2015, p. 16):

mesmo sendo uma escritura opaca, foi trabalhada com o lirismo dos românticos, que, na busca de uma perfeição formal, parnasiana, confunde-se com a linguagem das radionovelas, do romance policial, da fábula e da crônica. Carolina de Jesus inventa a língua da fome, da escassez, do descarte, fazendo seu texto valer por si mesmo.

Além da análise de sua linguagem publicada, a revisitação dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus permitiu adentrar em seu processo criativo. Segundo Fernandez (2018, não paginado) os manuscritos apresentam uma materialidade que remete ao formato de um barraco, tanto fisicamente quanto poética e linguisticamente, com a forma da escrita, os recortes, as reconstruções e as autocorreções, ao que, no geral, a pesquisadora chamou de “poética de resíduos”:

Carolina de Jesus se vale de sua existência, aproximando-se de um tipo de “estética do empréstimo” como dispositivo ou técnica de composição que tanto favorece a montagem de seus textos, a partir de elementos emprestados e repetidos, deslocados, aprimorados e expandidos, quanto tem o objetivo de embelezar ao agregar elementos poéticos a sua linguagem.

A respeito dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus, Meihy (1996, p. 21) afirma:

A leitura do conjunto da obra de Carolina Maria de Jesus, considerando-se principalmente os textos não publicados, equivale a uma viagem surpreendente. Não tenho pudor em colocá-la como uma das mais profundas experiências que a vida acadêmica tem me oferecido. Seria difícil sair indiferente da leitura desses textos, principalmente quando se tem uma formação tradicional. Impossível, diga-se melhor. (MEIHY, 1996, p. 21)

Assim, o contato com a escrita de Carolina Maria de Jesus, principalmente em seus manuscritos, apresenta uma experiência diferenciada por colocar o leitor de frente com um material que era lixo e que Carolina reutilizou e transformou em seus escritos. Uma experiência de leitura que alguém com uma “formação tradicional” não encontraria em outro local. A construção do sentido diante dos textos de Carolina Maria de Jesus exige do leitor uma visão diferenciada:

A análise desses escritos – distanciada no tempo de sua produção, amainadas as paixões – munida de pressupostos de historiador social da cultura, desprezando-se cobranças estilísticas colocadas para crivar como *intelectual* aquela produção, permite rever as considerações estabelecidas sobre o papel daquela mulher negra – e o sentido de sua produção – enquanto alguém que almejava a fatia possível no mundo dos letrados. Decorrido o tempo, é-nos permitido ir além do ataque/defesa de uma obra instigante que exige ser, mais que retomada, vista por inteiro, ou pelo menos em sua essência. (MEIHY, 1996, p. 21)

Há uma essência nos escritos de Carolina Maria de Jesus que gira em torno do seu papel e do sentido de sua produção, dentro do seu contexto. No entanto, essa singularidade da produção artística da escritora passou por muito tempo despercebida do público. Encerrada no estereótipo de “escritora favelada de diário”, com valor documental, não literário ou infimamente literário, a “poetisa negra” teve suas poesias publicadas postumamente, dezenove anos após sua morte, sem o título que ela havia escolhido para seu livro de poesias (“Clíris”, segundo a escritora, um neologismo criado por ela mesma em contribuição à língua portuguesa). O título da obra que encerra suas poesias é *Antologia pessoal*, publicado em 1996, contendo oitenta poemas, inclusive o do início deste capítulo. Sobre esta obra poética, Ferreira (2016, p. 104) argumenta:

Há nesses versos a coragem e originalidade da escritora em ultrapassar os limites do testemunhal, reservado à escrita de mulheres na época, e adentrar um espaço que era difícil até para as mulheres “estudadas” e brancas - a poesia. Uma poesia que feriu o cânone brasileiro, não só ao adentrar um lugar que não era seu, mas ao “deixar escapar” seus desvios gramaticais, inadmissíveis em poesia. O que há é uma tolerância à infração, porém não se tolera o desconhecimento do que se infringe, que era o caso de Carolina. O “erro”, em Carolina, não era estratégico, como nos escritores modernistas, mas desconhecimento da forma culta, pois, uma das marcas de Carolina era justamente a hipercorreção. Como os escritores que influenciaram sua escrita, ela fazia questão de recorrer ao dicionário, pesquisar novas e belas

palavras, imitar a linguagem do Romantismo, Parnasianismo, entre outras Escolas, que, unida à linguagem da favela revelam sua escrita singular.

Como uma autodidata em constante aprendizagem, buscava um “tom elevado” para escrever sua poesia e suas demais obras, indo além da “imitação” dos cânones lidos por ela, a que se refere Ferreira (2016) na citação acima. Sobre a questão da “hipercorreção”, trata-se de um fenômeno sociolinguístico acometido pela escritora ao procurar se distanciar da linguagem cotidiana, o que pode ter contribuído para o preconceito contra sua linguagem. De acordo com Calvet (2002, p. 78):

Essa hipercorreção é testemunha de insegurança linguística. É por considerar o próprio modo de falar como pouco prestigioso, que a pessoa tenta imitar, de modo exagerado, as formas prestigiosas. E esse comportamento pode gerar outros que vêm se acrescentar a ele: a hipercorreção pode ser percebida como ridícula por aqueles que dominam a forma “legítima” e que, em contrapartida, vão julgar de modo desvalorizador os que tentam imitar uma pronúncia valorizada. Esse círculo pode ir ao infinito ou quase, e nos mostra o profundo enraizamento social das atitudes linguísticas.

No entanto, Carolina não sofria de uma “insegurança linguística”, mas de uma propriedade linguística que lhe dava autonomia para criar uma obra à sua maneira, com base no que lia:

Nesse sentido, a constante assimilação do belo à poética de resíduos não se faz somente e simplesmente por meio da “imitação” do elevado, do seletivo ou da “alta” linguagem letrada e classicista, gerando em sua obra uma “linguagem fraturada”, como, por exemplo, afirma Sousa: “a linguagem fraturada de Carolina deve ser entendida pelo que de fato é: a tentativa de uma pessoa das camadas subalternas de dominar os códigos da cidade letrada” (Sousa, 2012, p. 21). Ao contrário, no contato com os seus textos originais compreende-se que o estilo rebuscado, experimentado por Carolina de Jesus, favorece uma criação inusitada que compreende a arte da escrita como conhecimento e beleza. (FERNANDEZ, 2018, não p.).

Assim, a forma de se expressar de Carolina Maria de Jesus constitui uma expressão singular, sempre em busca de aprimoramento. Procurando o “elevado” ela alcançou o inédito com sua escritura. A poesia de Carolina apresentava uma musicalidade que, segundo Ferreira (2016, p. 107):

A musicalidade encontrada em sua obra poética deixa transparecer também a Carolina compositora e cantora, que poucos conhecem. Assim, em seus poemas temos como a própria autora salientou em seus registros, o seu melhor. É a junção de suas diversas faces, na intenção de oferecer o melhor de si para o outro, para o presente, para o futuro, para a eternidade.

Portanto, sua escrita singular, seu estilo rebuscado ganha tons dependendo do gênero. Tais diferenças ficam evidentes para o leitor com a publicação do livro *Onde*

estaes Felicidade? (JESUS, 2014c), que traz o conto que dá nome ao livro, “Onde estaes Felicidade?” e uma narrativa autobiográfica denominada “Favela”. A leitura sequencial desses dois textos permite ao leitor perceber claramente a diferença na linguagem adotada pela escritora. No prefácio do livro, a pesquisadora Raffaella Fernandez, procura, de antemão, preparar o leitor para perceber a diferenciação que Carolina Maria de Jesus tinha ao escrever em gêneros diferentes:

Quando reescreve seu conto *Onde estaes Felicidade?* ela não economiza nos processos elaborativos, fixados desde as correções e hesitações sobre a pontuação, a escolha das palavras, até as duas linhas narrativas: a do marido apaixonado e a do sedutor caixeiro-viajante, atando a personagem da Mocinha deslumbrada com os progressos da cidade ao nó da narração. Carolina de Jesus trabalha com perspicácia o desfecho, construído a partir de um trocadilho com a palavra “felicidade”, nome próprio e comum. Esse texto é substancializado pela estrutura da fábula, isto é, tem um conselho a dar. (JESUS, 2014, n.p.)

Carolina Maria de Jesus “reescreve” seu conto, ou seja, por meio da releitura dele, ela própria fazia melhoramentos, demonstrando um cuidado com o texto literário. Ao fazer com que o leitor tenha conhecimento deste processo de reescrita e deste cuidado com a forma de escrever, antes da leitura do conto, é possível revelar uma escrita diferente daquela que o leitor dos diários estava acostumado a encontrar nos textos de Carolina Maria de Jesus.

No texto narrativo autobiográfico “Favela”, apresentado na sequência, Carolina Maria de Jesus narra a chegada à favela do Canindé, a forma como construiu sua casa e o nascimento dos seus filhos. A partir da comparação do conto com o texto autobiográfico, o leitor pode compreender então como a escrita dela era diferenciada:

Neste texto, no entanto, parece não haver uma preocupação estética como no outro; as incertezas da voz que alterada no relato toma o lugar da pontuação pensada, da escolha das palavras adequadas, da magia da comunicação artística que lhe permitia um momento de imersão poética. Neste, a revolta se transfigura em necessidade de se livrar dos acontecimentos, de quase cuspir no papel “as injúrias” e as desolações da “poeta do lixo” ou “idealista da favela”, como costumava se autodenominar nos momentos de fúria. (FERNANDEZ in JESUS, 2014, n.p.)

Tanto o conto quanto a narrativa autobiográfica publicada neste livro contribuem para conhecer a escritora que precede a publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960). A linguagem de *Quarto de despejo*, portanto, não é a única adotada por Carolina Maria de Jesus, mas sim a sua forma “simples” de se expressar, uma vez que ela guardava para seus poemas, romances, contos e outros gêneros que ela considerava literários, uma forma de se expressar mais elevada, mais

elaborada, com um cuidado no jogo de palavras, o que por si já desconstrói o estereótipo do analfabetismo e da pouca escolarização da escritora. Seu autodidatismo superou as barreiras da fome e da língua. Mesmo nesta linguagem “mais simples” do seu diário renomado, Vogt (1983, p. 210) aponta a existência de um trabalho intelectual, uma vez que Carolina, ao mimetizar a sua realidade em *Quarto de despejo*, ao mesmo tempo se vinga dela:

Não se quer afirmar que Carolina Maria de Jesus exagera por um tique de escola literária, a que não pertence, a tragédia dos humildes e as tintas da autocomiseração. Mas também é verdade que o documento que nos oferece sobre a pobreza da favela tem um expediente intrínseco de distanciamento que produz no livro uma espécie de duplo complementar e antagônico da realidade que ele retrata. De um lado, a autora pertence ao mundo que narra e cujo conteúdo e fome e privação compartilha com o meio social em que vive. Do outro, ao transformar a experiência real da miséria na experiência linguística do diário, acaba por se distinguir de si mesma e por apresentar a escritura como uma forma de experimentação social nova, capaz de acenar-lhe com a esperança de romper o cerco da economia de sobrevivência que tranca a sua vida ao dia-a-dia do dinheiro-coisa.

Assim, ao descrever seu mundo, ela se distancia dele. A palavra lhe dá o poder no seu meio dominado pelo analfabetismo, violência e abandono público. Ainda assim, desconhecendo ou desvalorizando a existência de um modo próprio e único de produzir sua arte por meio da utilização da palavra, há quem diga que os textos de Carolina Maria de Jesus não possuam valor literário. A questão do registro documental que alguns críticos insistem em atribuir à Carolina, principalmente a seus diários, procura encerrar sua obra em outras áreas do conhecimento humano que não sejam a Literatura.

De acordo com Ferreira (2016, p. 98), em 29 de setembro de 1996, houve uma publicação de um artigo na Folha de São Paulo, feita pela jornalista Marilene Felinto¹⁵, que criticava a publicação de *Meu estranho diário* (1996) e *Antologia pessoal* (1996) que, segundo a jornalista, era “mais uma tentativa da academia de dar à obra de Carolina Maria de Jesus o estatuto literário”. Para Felinto, os textos de Carolina não passavam de desabafos que possuíam apenas valor documental e não literário. Segundo Felinto (1996, não paginado), Carolina “foi equivocadamente trazida a público como escritora de literatura”. No artigo jornalístico, confirma-se também o

¹⁵ FELINTO, Marilene. **Clichês nascidos na favela**. Folha de S. Paulo. Caderno Mais! São Paulo, p. 11, 29 set 1996. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/29/mais!/28.html>> Acesso em: 22 jul. 2018.

preconceito linguístico sofrido por Carolina Maria de Jesus (“E continua comovente o discurso cheio de erros gramaticais de Carolina” (FELINTO, 1996, não paginado).

Bosi (2002, p. 261) disse a respeito da fama da escritora: “Sem dúvida, um tento difícil de repetir-se”. Realmente, o que Carolina Maria de Jesus iniciou na Literatura Brasileira não se repete, mas se alastra. Sua escritura ganhou força e uma proporção que hoje ela é tida como a precursora do que se chama de Literatura Marginal, na qual se reúnem os escritores, a partir do ano de 2000, que como ela, buscam do seu espaço nas letras, mas dessa vez com uma diferença: “O letrado não é mais um parceiro de tão boa vontade assim. O pobre deixou de ser objeto da escrita; agora é sujeito. Não precisa de mediadores” (PENTEADO, 2016, p. 26). Segundo Ferréz, um dos grandes nomes dessa literatura grafada como marginal, “Pra mim, a primeira autora marginal foi Carolina de Jesus. Ela era negra, favelada e catava papelão. Escreveu o livro Quarto de despejo, que foi publicado em 40 países, ganhou dinheiro, mas cometeu o erro de ‘entrar para sociedade’” (Ferréz citado por Nascimento, 2009, p. 236).

Carolina Maria de Jesus é hoje referência para esse grupo, classificado como marginal, mas que vem fazendo história e resistência por meio das palavras. Segundo Assis (2014, n.p.):

Estamos vivendo um momento único em nossa história literária, momento em que grupos até então excluídos do contato com a literatura, da leitura e, principalmente, da produção literária, estão se apropriando desse espaço majoritariamente branco e altamente elitizado. Podemos dizer que esse processo tem um marco fundador, um momento altamente simbólico em que vemos a literatura negra sendo forjada no fogo e nos moldes da pobreza e abandono. Longe da academia e do cânone, é no lamaçal da favela, em um barraco de tábuas, cercada pela fome, que vemos surgir o primeiro grande sucesso dessa literatura.

Assim como Ferréz, Assis (2014, n.p.) também coloca Carolina Maria de Jesus como precursora da Literatura que quebra com a tradição canônica e que vem conquistando seu espaço, na verdade, vem se apropriando de um espaço que, até então, lhes era marginal.

É importante frisar que se trata de um espaço de resistência política, porém uma resistência por meio da arte. Logo, seus ativistas são artistas sensíveis que nos brindam a todos com muito mais do que manifestos e relatos de sua luta e resistência diárias, nos oferecem o que os poetas e artistas sempre ofereceram: beleza, deleite, estesia, enlevo, revolta, amor, ódio, horror... Enfim, nos mostram leituras únicas de uma realidade que, quando não fazemos parte - no caso das classes dominantes que se curvam aos prazeres da arte e cultura negra e periférica - torna-se uma aventura constante, repleta de sensações confusas, misto de revolta, repúdio e fascínio; e quando

vivenciamos - somos negros e periféricos - vemos nossa realidade cotidiana se pintar de cores fortes que nos motivam, orgulham e impressionam.

Assim, Carolina apresenta-se como uma divisora de águas para os artistas que hoje tentam tomar seu espaço que por muito tempo lhes foi negado no âmbito das artes, principalmente, da literatura.

O papel da geração atual com relação aos escritos de Carolina Maria de Jesus é desafiador. Para Rios (2014, n.p.):

Para nossa geração, ficou o desafio de interpretar – nas diversas acepções desse vocábulo – as contradições de Carolina, em sua forma própria de olhar o mundo e de enfrentar a sociedade e seus valores, e, sobretudo, o seu lirismo. A obra de Carolina de Jesus permanece porque ainda comove. Mas, acima de tudo, podemos dizer que se trata de uma grande escritora, pois ela conseguiu transcender a sua realidade, construindo interpretação sensível do mundo, assim como o fizera Anne Frank relatando em seu diário de adolescente o terror da segunda guerra e a experiência do holocausto. Ambas testemunharam o indizível e desenharam, em letras, um retrato avesso de nossa modernidade.

Assim, só é possível dizer que Carolina é 100 porque a boa literatura é aquela que carrega as contradições de seu tempo, atinge públicos diversos e ainda atravessa gerações, inspirando-as a ir mais longe.

A ensaísta fala a respeito dos trabalhos realizados a respeito da vida e da obra de Carolina por meio dos quais, hoje, é possível que as novas gerações tenham “acesso às informações e à complexidade da escritora”. Assim, é importante destacar que as contradições apresentadas por Carolina Maria de Jesus devem ser reinterpretadas pelas novas gerações uma vez que as gerações anteriores não souberam reconhecer seu importante papel, principalmente para a Literatura.

3.4 A EDIÇÃO DE *QUARTO DE DESPEJO*

Tendo em vista a importância que o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* representou na vida de Carolina Maria de Jesus, cabe aqui um estudo a respeito das intenções de Carolina ao produzir seu diário que acabou sendo, tanto o meio pelo qual a escritora conseguiu o dinheiro necessário para sair da favela quanto o precursor do que pode se chamar de uma carreira literária a que a escritora Carolina Maria de Jesus tanto almejou. O diário foi escrito em seu barraco, em cadernos reaproveitados do lixo, entre os anos de 1955 e 1960.

Carolina Maria de Jesus sempre desejou ser reconhecida por sua poesia e por seus textos ficcionais. Ela sabia muito bem a diferença de linguagem que ela apresentava nos textos que compunham os diários e nos demais que ela classificava como ficcionais. Segundo Ferreira (2016, p. 12-103):

Mas logo percebeu que o jornalista só se interessara pelos diários, que, para ela, não eram seus melhores escritos. Pois Carolina entende seus poemas como pertencentes a um gênero elevado, que mereciam uma linguagem também elevada, diferente da cotidiana, que ela utilizava nos diários. Para ela, a linguagem do dia-a-dia não era uma forma artística de expressão. Assim, a própria escritora avaliava seus textos e os classificava em dois grupos distintos, que mereciam linguagens distintas: o primeiro compreendia sua obra ficcional e merecia uma linguagem “clássica”, inspirada nos poemas que leu. Já o segundo grupo, que compreendia os diários, merecia uma linguagem popular.

De posse de sua linguagem mais popular, Carolina Maria de Jesus continuou a escrever seu diário, a pedido do próprio Audálio que, por vezes é citado em suas páginas, participando como personagem dos relatos dela. Além da intenção financeira, a escrita e a publicação do diário poderiam trazer visibilidade à escritora e abrir caminhos para a publicação de seu tão sonhado livro de poesias, conforme Ferreira (2016, p. 103):

Mesmo não vendo seu diário como arte, a autora continuou a escrevê-lo para atender ao pedido de Audálio, que via nesses textos (como bom jornalista que era) além de uma grande matéria, um depoimento fascinante de quem sofria as desigualdades do Brasil na época, logo, garantia de muitos exemplares vendidos. Já a obra ficcional não tinha o mesmo impacto, justamente porque era ficcional. Mas, para a escritora, os diários seriam um meio para divulgação e publicação de sua obra poética, continuar a escrevê-los era também uma estratégia para manter-se na mídia e conseguir recursos e visibilidade para lançar a obra ficcional. Por isso ela acreditava que, se continuasse a registrar seus dias, como Dantas solicitou, em breve, teria seu *Clíris* publicado.

Assim, o livro foi publicado após a edição feita pelo próprio repórter, que manteve a linguagem e a ortografia original dos manuscritos, segundo ele, havendo mudanças apenas nas palavras que não seriam compreendidas e em alguns cortes em repetições sobre a insistência do tema da fome. No entanto, por vezes é possível encontrar no decorrer do texto o uso das reticências entre parênteses, (...), demonstrando cortes na narrativa.

O relato no diário se inicia em 15 de julho de 1955 e, no dia 27 de julho, Carolina Maria de Jesus apresenta as intenções da escrita: “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela”

(JESUS, 1963, p. 25). Para a escritora, a favela atacava a dignidade das pessoas, “...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 1963, p. 28); “Favela, sucursal do Inferno, ou o proprio Inferno” (JESUS, 1963, p. 145).

Porém, em menos de um mês de iniciado seu diário, a escritora o interrompe por um longo período de quase três anos, após um ocorrido que ela relatou no dia 28 de julho de 1955, no qual uma senhora colocou fogo em cinco sacos de papel que seriam vendidos para o sustento dela e dos filhos.

Esse período de silêncio é quebrado com as seguintes palavras:

2 de maio de 1958 Eu não sou indolente. Faz tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.
... Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários. (JESUS, 1963, p. 26)

Novamente Carolina Maria de Jesus demonstra que há um propósito no seu diário, utilizando o termo “valor” que tanto pode ser inferido, dentro deste contexto, como recompensa financeira (ela não podia perder tempo porque precisava catar papel) quanto como adquirir notoriedade por parte de quem o leria. No final deste trecho do livro, a escritora se compromete em ser amável para as crianças e operários, demonstrando que há uma preocupação consciente com o tom de seu discurso. O tom muda ao realizar suas denúncias:

10 de maio Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amável! Se eu soubesse que ele era tão amável, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a patria e ao pais. Pensei: Se ele sabe disto, por que não faz um relatorio e envia para os politicos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades.
... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.
Quem passa fome aprende a pensar no proximo, e nas crianças. (JESUS, 1963, p 26)

Há uma rigidez ao falar do descaso dos políticos, utilizando de intelectualidade para formular pensamentos e teorizar sobre política. É possível notar também neste trecho e durante toda a obra que, ao citar os políticos, Carolina Maria de Jesus faz questão de mencionar seus nomes, às vezes com o sobrenome, como se o diário também servisse como carta direta a eles, um discurso que representa uma arma

contra todas as formas de opressão que ela estava sentindo, assim como o fazia com demais colegas que dividiam o mesmo infortúnio de morar na favela, bem como com funcionários de departamentos governamentais:

8 de maio (...) ...Fui no Juiz. Receber o dinheiro que o pai da Vera me dá por intermédio do Juizado. (...) O advogado não quis me dar a ficha.

- Sem a ficha eu não atendo!

E bateu a porta no meu rosto. Fui falar com o advogado que o Dr. Walter não queria atender-me sem a ficha. Ele mandou um guarda acompanhar-me e disse-me:

- Muito bem, Carolina! Põe todo o mundo no Diário.

Acompanhei o guarda, que disse para o Dr. Walter Aymberê que devia atender-me sem a ficha.

- Não atendo! Se não trazer a ficha vou falar com o advogado chefe.

A Vera assustou-se e disse:

- Que homem! Porque é que a gente precisa de advogado, mamãe?

Eu disse para o guarda deixar. Eu vou embora. O Dr. Walter já está no meu Diário. Ele é muito grosseiro. (JESUS, 1963, p 146)

O trecho “- Muito bem, Carolina! Põe todo o mundo no Diário” demonstra claramente que a escrita era a força que Carolina Maria de Jesus tinha e a utilizava tanto fora da favela quanto dentro dela. Porém, em uma interpretação minuciosa, o enunciado pode ser caracterizado como irônico, vindo por parte de uma pessoa instruída, no caso, um advogado diante de uma moradora negra da favela. Dentro da favela, há um certo receio dos moradores diante de sua capacidade de escrita:

01 de julho

... Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar. (JESUS, 1963, p. 69)

18 de dezembro ...Eu estava escrevendo. Ela perguntou-me:

- Dona Carolina, eu estou neste livro? Deixa eu ver!

- Não. Quem vai ler isto é o senhor Audálio Dantas, que vai publicá-lo.

- E porque é que eu estou nisto?

- Você está aqui por que naquele dia que o Armim brigou com você e começou a bater-te, você saiu correndo nua para a rua.

Ela não gostou e disse-me:

- O que é que a senhora ganha com isto?

...Resolvi entrar para dentro de casa. Olhei o céu com suas nuvens negras que estavam prestes a transformar-se em chuva (JESUS, 1963, p. 126).

A publicação de seu diário começou a ser algo mais concreto possível quando recebe uma confirmação em junho de 1959:

08 de junho

... Quando cheguei e abri a porta, vi um bilhete

Conheci a letra do repórter. Perguntei a Dona Nena se ele esteve aqui. Disse que sim. (...) O bilhete dizia que a reportagem vai sair no dia 10, no *Cruzeiro*. Que o livro vai ser editado (JESUS, 1963, p. 149).

No dia 10 de junho de 1959, uma outra reportagem sobre a “escritora da favela” foi publicada, conforme ela mesma relatou em seu livro, e o diário foi lançado em 1960.

Em suma, antes mesmo da edição, pode-se dizer que houve um cuidado de Carolina com a constituição de seus relatos, uma vez que ela estava certa de que aquele diário não a pertencia, não seria apenas lido por ela, mas que existia por um propósito: mudar sua vida e a de seus filhos para melhor, já que de seu trabalho ela mal conseguia comprar a alimentação diária. Sendo assim, em suas palavras não há uma realidade pura, mas uma recriação da realidade à maneira de Carolina Maria de Jesus que se configura na obra como a autora, como a narradora e como uma personagem de si mesma.

Antes de virar um *best seller* no ano de 1960, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e sua escritora passaram por uma recepção previamente preparada pelo jornalista Audálio Dantas, que foi quem descobriu a escritora na favela e se interessou por sua história. Segundo Meihy e Levine (2015, p. 28):

Dantas selecionou um dos trinta e seis cadernos que perfaziam a cobertura de três anos de vida da estranha favelada. Levou para casa e com muito critério procedeu a exames demorados. Leu-os e profetizou sucesso. De início, ela recusou-se a deixá-lo mostrar ao editor, e é difícil definir se havia nisso estratégia ou legítimo receio. Afirmava que seu diário fazia referências pesadas às pessoas e que isto poderia complicá-la. Ao mesmo tempo, porém, ela havia provocado o encontro. Dantas ignorou seu aparente protesto e publicou, esparsamente, trechos acompanhados de sua história no jornal *Folha da Noite*.

Portanto, no dia nove de maio de 1958, através de seu artigo, Dantas “atraiu a atenção geral sobre Carolina”, apresentou trechos do diário escrito por Carolina Maria de Jesus para o público através de um artigo publicado em 1958, no jornal *Folha da Noite* (contendo trechos do diário), e de outro artigo publicado em 1959, na revista *O Cruzeiro*, dando novo destaque à escritora e a sua história (DANTAS, 1963, p. 3).

Enquanto ele trabalhava na edição dos vinte cadernos que continham o relato do cotidiano da favela, as publicações sobre Carolina Maria de Jesus e seu diário atraíam a atenção do público, nas palavras de Dantas: “Eu não estou lhes apresentando uma nova história, e sim uma revolução” (MEIHY E LEVINE, 2015, p.29). Portanto, ao ser publicado, a escritora então chamada de favelada já era aguardada.

Audálio Dantas fez questão de mencionar seu trabalho de edição, que durou um ano, no prefácio do livro de Carolina, escrito por ele mesmo:

Fui o responsável pelo que se chama edição de texto. Li todos aqueles vinte cadernos que continham o dia-a-dia de Carolina e de seus companheiros de triste viagem.

A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos. (DANTAS, 1963, p.3)

Neste trecho, Dantas (1963) afirma que realizou cortes na narrativa para evitar a exaustão da rotina da favelada, deixando apenas os trechos “mais significativos”. Ou seja, ao identificar o que é “mais significativo”, ele acabou se utilizando de uma subjetividade própria, enquanto conhecedor do momento histórico, político e social no qual estava inserido, bem como conhecedor do que um público aceitaria ou não vindo de uma favelada. Logo em seguida, Dantas afirma:

No tratamento que dei ao original, muitas vezes, por excessiva presença, a Amarela saiu de cena, mas não de modo a diminuir a sua importância na tragédia favelada. Mexi, também, na pontuação, assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E foi só, até a última linha. (DANTAS, 1963, p.3)

A “Amarela” é uma referência dada à fome, que é a cor que, segundo Carolina Maria de Jesus, as coisas e o mundo passam a ter quando se está sob o efeito dela. Esses apontamentos podem conduzir o leitor ao entendimento do que foi cortado ou alterado no texto: fome, pontuação e algumas palavras ortograficamente incompreensíveis, somente.

Com tanto sucesso, houve quem desconfiasse da autoria do diário. Segundo Meihy (1996, p. 13):

Críticos ferrenhos da escritora pobre – entre eles principalmente Wilson Martins – insistem em considerar a produção dela como editada ou produzida, sugerindo, sem sutilezas, que seria um produto oportunista de Audálio Dantas e de empresários atentos ao crescimento do mercado de consumo de livros.

Dantas sempre se defendia dizendo que os manuscritos comprovavam a autoria de Carolina Maria de Jesus. A publicação de *Meus estranho diário*, em 1996, organizado por Meihy e Levine, dois pesquisadores que tiraram Carolina Maria de Jesus do esquecimento na década de 1990, trouxe ao conhecimento do público trechos integrais dos cadernos manuscritos de Carolina Maria de Jesus que fizeram parte tanto de *Quarto de despejo* (1960) quanto de *Casa de alvenaria* (1961). Esses trechos integrais trouxeram à luz do público como foi o trabalho de edição que Dantas elaborou nos dois diários publicados.

Para uma melhor análise da edição realizada por Dantas, foram selecionados e comparados trechos do livro *Quarto de despejo* (edição de 1963) e de *Meu estranho Diário* (1996) que se referem ao dia 30 de outubro de 1958.

A seguir, há um trecho do livro de *Meu estranho Diário*. Os trechos grifados (durante esta e as demais citações ao longo desta análise) foram destaques nosso e representam o que foi publicado em *Quarto de despejo*:

30 de outubro de 1958

Diário

Deixei o leito as 5 horas e fui carregar água. Que suplicio! a minha lata esta furada, e eu não sei quando poderei comprar outra. Acendi o fogo e pus água esquentar para os filhos lavar os rostos.

Eles não gostam de água fria.

Fui comprar pão e manteiga. Estou gastando 30 so de manhã. Os filhos foram a escola e eu sai com a Vera porque não esta chovendo. A Vera entrou no Frigorifico para pedir a salshicha Eu notei anormalidade porque a policia esta nas ruas.

Fui conversar com um servidor Municipal. Ele queixou-se que pagou 5 de onibus.

Que desse gêito, não vae. Que foi o dr. Adhemar quem aumentou as passagens Que êle, não esta contra o dr. Adhemar. Que todos aumenta que êle não é o único que agora começa os comentários maldosos em torno do nome do dr. Adhemar e que ha de prejudicar-lhe a sua ida para o Catête. O povo ha de compreender que o unico politico bom do Brasil é o dr. Adhemar. Tirou o chapéu olhou para o ceu e disse: Deus ha de ajudar que êle vá para o Catête.

Eu segui. Olhando os paulistas que circulam pelas ruas com a fisionomia triste.

Não vi ninguém sorrir.

Hoje pode denominar-se o dia da tristeza (JESUS, 1996, p. 33-34, grifo nosso).

Assim, extraindo deste trecho do livro *Meu estranho diário* as partes grifadas, tem-se o que foi publicado no livro *Quarto de Despejo* no que se refere ao dia 30 de outubro, conforme a citação abaixo:

30 de outubro ... Saí com a Vera. Notei anormalidade porque a Policia está nas ruas. Fui conversar com um servidor municipal. Ele queixou-se que pagou 5 cruzeiros de onibus.

Eu segui. Olhando os paulistas circular pelas ruas com a fisionomia triste.

Não vi ninguém sorrir. Hoje pode denominar-se o dia da tristeza. (JESUS, 2014, p.128)

Dessa forma, percebe-se que a ordem do relato não foi alterada por Dantas na edição. Essa ordem se mantém como Carolina Maria de Jesus escreveu originalmente em todos os demais trechos analisados a seguir. Quanto ao que foi cortado, segundo o próprio editor, diziam respeito à recorrência constante da fome ou da rotina da favelada.

No entanto, o que ele considera ou não significativo pode trazer em si um complemento à imagem complexa que o leitor vai construindo a respeito de Carolina Maria de Jesus. Por exemplo, no trecho que vai de “Deixei o leito as 5 horas e fui carregar água” até “Os filhos foram a escola...”, percebe-se um corte que reforça uma imagem de Carolina enquanto mãe esforçada para fazer o gosto dos filhos, buscando água em lata furada para esquentar para os eles lavarem o rosto antes de ir para a escola, a preocupação de que eles comessem bem (foi comprar manteiga), de se ter um asseio antes de ir para a escola. Vale ressaltar que, neste dia, a fome não esteve presente para todos da narrativa durante a manhã, já que há a referência ao fato de irem alimentados para a escola.

Em outro trecho cortado que vai de “Que desse gêito, não vae” até “... que êle vá para o Catêto” é possível perceber que há a preocupação de Carolina de relatar as falas do Servidor Municipal de modo que se tenha a imagem dele, um defensor religiosamente fiel do prefeito Adhemar, uma vez que vive em cargo público e necessita deste cargo. Tivemos, portanto, o corte de trechos que permitem ao leitor a inferência de, pelo menos, duas imagens que poderiam complementar o relato, uma de Carolina e outra do servidor municipal.

Na sequência, mais um trecho integral do dia 30 de outubro de 1958, publicado em *Meu estranho diário*, com as marcações em cinza que representam o que ficou em *Quarto de despejo*:

Eu comecei fazer as contas quando levar os filhos na cidade quanto eu vou gastar de bonde.
 3 filhos e eu, 24 ida e volta pensei no arroz a 30,0 quilo o pão, e outras despêzas.
 penso: e se a maioria ficar loucos de tanto pensar na vida? Uma senhora chamou-me para dar-me papeis. Disse-lhe que devido o aumento de condução a policia estava nas ruas.
 Ela ficou triste. Percebi que a noticia de aumento entristece todos. Ela disse-me:
 Eles gastam nas eleições e depois aumentam qualquer coisa.
 O Auro perdeu, aumentou a carne. O Adhemar perdeu, aumentou as passagens.
 Um pouquinho de cada um, êles vão recuperando o que gastaram. Quem paga as despêzas das eleições é... o povo! Eu fui na Dona Julita. Vi o seu filho Fausto pela primeira vez. Ele é muito bonito Ela deu-me café e comida Esquentei e comi lá mesmo.
 Acho que a pior coisa do mundo é tolerar o tal homem. Se os homens soubessem como êles torram a paciência das mulheres, não haviam de ser tão pretenciosos.

Ela deu-me um casaco preto. Teve uns tempos que eu só ganhei Roupas Vermêlhas. Agora é preta. Cheguei até enjôar de vermelho Catei muitos ferros.
 Dêixei um pouco no deposito e outro pouco eu trouxe
 (JESUS, 1996, p. 34, grifo nosso)

O primeiro trecho não marcado nesta citação (“...o pão, e outras despêzas/ penso: e se a maioria ficar loucos de tanto pensar na vida?”), poderia contribuir mais ainda para que o leitor visse uma Carolina Maria de Jesus que vai além de uma expectadora da sua miséria, como alguém que é capaz de analisar criticamente sua condição e a de seus colegas de infortúnio. Em outros momentos da narrativa integral ela se utiliza da mesma estratégia: colocar um parágrafo à parte com seu pensamento, que foram também cortados durante a edição.

Ao analisar a sequência que vai de “Eu fui na Dona Julita” até “... não haviam de ser tão pretenciosos”, é possível inferir que Carolina Maria de Jesus destaca a solidariedade de Dona Julita que lhe dá roupas e alimentos, mais um ponto em que a fome não está presente. Também é possível notar que o olhar detalhado ao filho de Dona Julita, que faz perceber a beleza masculina, pode aludir a uma imagem de Carolina que, apesar de namoradeira, é capaz de possuir uma visão crítica a respeito do convívio turbulento entre homens e mulheres no ambiente da favela, justificando sua predileção à condição de mãe solteira.

Segundo Meihy e Levine (2015), Carolina Maria de Jesus “orgulhava-se, por exemplo, de poder afirmar que nunca havia se casado por não aceitar sequer a dependência econômica de um homem”. Por fim, há uma referência à cor das roupas ganhas, que poderia ser relacionada pelo leitor à condição da vida difícil do negro ou da própria escritora, que desabafa, quase no final de *Quarto de despejo*: “A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (JESUS, 2014, p. 167). Carolina sempre se dizia “preta” referindo-se à sua pele e a sua raça.

Seguindo com as citações comparativas entre *Quarto de despejo* e *Meu estranho Diário*, o trecho abaixo foi completamente retirado na edição feita por Dantas de *Quarto de despejo*:

Quando passei na banca de jornaes li este eslôgam dos estudantes
 - Juscelino esfola!!!
 Janio mata!!!
 - Adhemar rouba!!!
 - A Camara apoia!!!
 - E o povo paga!!!
 pensei nestas palavras que o dr. Adhemar disse num comício. Que enquanto os salário sobe de escada, os preços sobe de elevador.

Aproveitei as palavras sensatas do dr. Adhemar e fiz esta quadrinha:
 Que vida sacrificada!
 Do pobre, trabalhador
 O salário sobre de escada
 E os preços de elevador.
 penso: será que o dr. Adhemar esqueceu o que disse!.. Ou esta Revoltado?
 pensando que ele é muito bom e o povo não lhe da valor.
 (JESUS, 1996, p. 34-35)

Há um slogan feito por estudantes que provavelmente foi cortado por Dantas para evitar a receptividade negativa politicamente, já que uma coisa é a voz de uma favelada ou dos favelados revoltados, outra coisa é o slogan de estudantes revoltados. Carolina, na sequência, utiliza-se das palavras de um político pelo qual ela tem afeição, e escreve alguns versos, demonstrando que fatos do seu cotidiano também serviam de inspiração para a escrita dos poemas, porém Dantas procurou fidelizar o diário e não incentivou em Carolina a ideia de “poetisa negra”. Mesmo tendo predileção política pelo prefeito Adhemar, a escritora também utiliza seu ponto de vista afiado sobre as atitudes deste político.

O trecho a seguir, que representa a narrativa de 30 de outubro de 1958, também não foi contemplado na publicação de *Quarto de despejo*:

Cheguei em casa ha 11 horas esquentei a comida para os filhos Depois dêitei um pouco para descansar. Depois levantei e fui pedir o carrinho da Rosalina para eu ir na Cruz Azul. vender umas latas.
 O João e a Vera foram comigo.
 Que suplicio! Eu não sei lidar com carrinho. Os sacos iam caindo. Na rua Pedro viçente um senhor que estava retirando seus apetrechos de trabalho deu-me umas latas. Ali a onde é escola Eu disse-lhe: já vai indo, em compadre? Foi o bastante para ele me dar as latas (JESUS, 1996, p. 35).

O final deste trecho mostra a tentativa de iniciação de diálogo com um senhor (“já vai indo, em compadre?”) o qual Carolina obteve apenas como resposta a doação de latas, uma mostra de que o diálogo com ela era evitado ou de que todos conheciam sua extrema necessidade e dificuldade financeira e temiam que ela se aproximasse com intenção de pedir algo.

Na sequência, mais um trecho não publicado em *Quarto de despejo*, revela a determinação de Carolina e a aversão a um costume mineiro, segundo ela, de deixar as coisas para serem realizadas depois: “O carro já estava lotado, foi um sacrifício para eu levar as latas. Mas eu levei porque quando quero fazer uma coisa, eu faço. Eu tenho pavor dos mineiros por causa do “deixa pra amanhã!” (JESUS, 1996, p. 35).

Na sequência do dia 30 de outubro de 1958, Carolina continua relatando:

Puis a Vera e o João dentro do carrinho.
parei na linha do trem para pegar as latas. porque eu havia deixado perto da gurita e pidi ao guarda O guarda perguntou-me quanto eu ia receber pelas latas.
Respondi que era 300,00. Que ja estou farta de biscates. Ele disse que antes isso do que nada. Eu disse-lhe que as latas de oleo eram 70,0 agora esta a boa Ele disse: em vez de subir desçe. Que a vida esta muito cara. Que até as mulheres estão caras Que quando êle quer dar uma fôda, as mulheres quer tanto dinheiro, que êle acaba dissistindo -. Fingi que não ouvi porque eu não falo pornografia.
Sai sem agradecê-lo. (JESUS, 1996, p. 35).

Neste trecho, também não publicado em *Quarto de despejo*, Carolina Maria de Jesus dialoga a respeito da dificuldade gerada pelo custo de vida, que está cansada de fazer “biscates”, ou seja, trabalho irregular, bicos. Já o guarda leva a conversa para outro tom, o “pornográfico”, mesmo diante dos filhos dela no carrinho, fazendo com que saísse sem agradecer as latas recebidas, o que permite deduzir que ela ficou nervosa com a situação.

Em geral, há ainda um trecho muito grande que faz parte das anotações de Carolina Maria de Jesus a respeito do dia 30 de outubro de 1958, mas que não foi utilizado por Dantas na publicação de *Quarto de despejo*, não somente pela repetição de fatos, mas também pela escolha do editor ao que chamaria mais a atenção do “público”, que já aguardava a publicação do diário. Segundo Pertétua (citado por Fernandez 2015, p. 222):

Das três modalidades de alteração observadas no cotejo do livro com os manuscritos – acréscimos, substituições e supressões – as mais frequentes são as supressões, que vão desde a omissão de partículas como pronomes, até vocábulos, orações, parágrafos, páginas que registram dias inteiros, até meses e podem abranger até um caderno inteiro, como é o caso do Caderno 21, com 400 páginas manuscritas inéditas. Não há caderno que tenha sido publicado integralmente.

Com isso, é possível averiguar que Audálio Dantas realmente não acrescentou nada ao relato de Carolina Maria de Jesus ao editar os manuscritos para publicar o primeiro diário. No entanto, sua edição contribuiu com uma significativa alteração de sentido na imagem da escritora, conforme atesta Perpétua (2014 citado por Fernandez 2015, p. 222):

Audálio Dantas decompôs, selecionou, formatou e extraiu passagens do diário de Carolina de Jesus, transformando-o em um texto diferente do original, assim como a estratégia de *marketing* editorial formatou a escritora numa pessoa ingênua, rasa e sem grandes intentos.

Portanto, o trabalho de edição de Audálio Dantas baseou-se em cortes de trechos com temas diversos, não apenas os que relatavam a ocorrência insistente da

fome. Os cortes, na visão de Dantas, contribuía para a construção de uma imagem de Carolina Maria de Jesus mais aceitável no momento. Os trechos não utilizados por Dantas, aos quais o público teve acesso graças à publicação de *Meu estranho diário* (1996), representam atitudes, falas, relatos de fatos do cotidiano da escritora que permitem complementar a imagem dela em relação a si e aos outros.

4 A QUESTÃO DA TRAJETÓRIA, DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE

O significado denotativo de “trajetória” remete a uma linha reta ou curva descrita ou percorrida por um corpo impelido por uma força. Portanto, para haver “trajetória”, minimamente são necessários três itens: o “corpo” ou objeto, o “trajeto” e uma “força” propulsora. Transferindo esse conceito para a área de ciências humanas, sociais, antropológicas, em geral, a definição de “trajetória” ganha complexidade, uma vez que esse “corpo” remete a um ser humano que percorrerá um “trajeto” de vida, impulsionado por forças diversas que circundam esse indivíduo, já que a trajetória humana representa histórias de vida. Segundo Guérios (2011, p.13) “uma questão chave acerca dos estudos que empregam histórias de vida diz respeito às conexões estabelecidas, nestes trabalhos, entre uma trajetória individual e o meio social em que ela se desenrola”. No caso da população negra, sua trajetória na sociedade brasileira apresenta uma particularidade que a difere da trajetória dos brasileiros brancos: os trezentos anos de escravização do povo negro.

Para compreender as origens de Carolina Maria de Jesus enquanto autora-narradora-personagem de seus diários é necessário ir além da data e do local de nascimento, ou seja, não basta o conhecimento de que ela nasceu em 1914, em Sacramento, Minas Gerais. É imprescindível analisar o contexto histórico do seu nascimento: a abolição da escravidão havia acontecido há apenas 26 anos e Carolina foi uma herdeira da miséria, da exploração e da falta de perspectiva que essa “abolição” trouxe para a maioria da população negra.

Segundo Farias (2017), antes da formação de Sacramento, a região era um local de Quilombolas e de tribos indígenas. Em *Diário de Bitita* (1986), Carolina revela suas origens ao falar de sua mãe, seu avô, sua história. Carolina é herdeira da escravidão. Como tal, é necessário enfatizar o que o regime escravocrata deixou para os negros libertos, após séculos de exploração.

4.1 DA ESCRAVIDÃO ATÉ A ABOLIÇÃO: CONSTRUINDO UMA IDEOLOGIA DE DEPRECIAÇÃO DO NEGRO

"Houve um tempo em que lugar do negro era na senzala
Hoje trancam a gente na favela"
(Carolina Maria de Jesus)

Desde o início do século XIX, o Brasil se vê forçado a produzir argumentos sólidos que embasem e justifiquem a continuidade do sistema escravocrata aqui, tanto diante da pressão inglesa, quanto diante da noção europeia de nação moderna e civilizada que se espalhava nacionalmente e internacionalmente entre políticos e pensadores abolicionistas da época.

Os trezentos anos de escravidão no Brasil e o esforço empregado para que ela não tivesse fim, enquanto um sistema econômico rentável para uma elite minoritária, fundamentam uma ideologia ainda existente (mas camuflada) de superioridade da raça branca, da inferioridade da mulher e do negro, da existência de uma língua pura, culta e correta em detrimento de uma inculta e “errada”.

Olhando para trás, na época da escravidão, é possível compreender os mecanismos de manutenção dessa ideologia. Nesse contexto, a elite escravocrata procurou difundir no país um ideal de depreciação da raça negra em todos os aspectos (físicos, intelectuais, culturais, psicológicos, religiosos, morais, etc). Segundo Taunay (2001, p. 52-53):

A inferioridade física e intelectual da raça negra, classificada por todos os fisiologistas como a última das raças humanas, a reduz, naturalmente, uma vez que tenha contatos e relações com outras raças, e especialmente a branca, ao lugar ínfimo, e ofícios elementares da sociedade. Debalde procuram-se exemplos de negros cuja inteligência e produções admiram. O geral deles não nos parece suscetível senão no grau de desenvolvimento mental a que chegam os brancos na idade de quinze a dezesseis anos. A curiosidade, a imprevisão, as efervescências motivadas por paixões, a impaciência de todo o jugo e inabilidade para se regerem a si mesmos; a vaidade, o furor de se divertir, o ódio ao trabalho, que assinalam geralmente a adolescência dos europeus, marcam todos os períodos da vida dos pretos, que se podem chamar homens-criança e que carecem viver sob uma perpétua tutela: é pois indispensável conservá-los, uma vez que o mal da sua introdução existe, em um estado de escravidão, ou próximo à escravidão; porém, esta funesta obrigação dá os seus péssimos frutos, e o primeiro golpe de vista nos costumes, moralidade e educação desengana o observador e o convence de que a escravidão não é um mal para eles, e sim para os seus senhores.

Este trecho, retirado da obra *Manual do Agricultor Brasileiro* escrita por Taunay, em 1829, mas publicada em 1839, demonstra que o autor representa os defensores do sistema escravocrata, descrevendo o negro como um ser completamente inferior e que a escravidão é um mal para o senhor que é obrigado, pelo regime, a conviver com ela.

Sob essa ótica, uma das justificativas para a continuidade da escravidão é o fato de a raça negra estar em posição completamente inferior à do branco, e os

senhores é que “sofrem” por terem que conviver com este “mal” e de trazê-lo no seio de sua família, que corre o risco de se corromper com ele. Todavia, este mal é necessário, segundo Alencar (2009 – com primeira publicação em 1867) o homem foi o primeiro capital do próprio homem (2009, p. 286) e “se a escravidão não fosse inventada, a marcha da humanidade seria impossível, a menos que a necessidade não suprisse esse vínculo por outro igualmente poderoso”.

Já os abolicionistas da época procuravam rebater a questão da inferioridade da raça e atribuíam ao sistema escravocrata o embrutecimento do negro. José Bonifácio de Andrada e Silva publicou em 1823:

Se os negros são homens como nós, e não formam uma espécie de brutos animais; se sentem e pensam como nós, que quadro de dor e de miséria não apresentam eles à imaginação de qualquer homem sensível e cristão? Se os gemidos de um bruto nos condoem, é impossível que deixemos de sentir também certa dor simpática com as desgraças e misérias dos escravos; mas tal é o efeito do costume, e a voz da cobiça, que veem homens correr lágrimas de outros homens, sem que estas lhes espremam dos olhos uma só gota de compaixão e ternura. Mas a cobiça não sente nem discorre como a razão e a humanidade (SILVA, 2000, p. 25).

Apelar para a questão da humanidade em uma cultura intitulada católica e seguidora dos preceitos de Cristo, leva ao questionamento de como um cristão poderia escravizar outro homem. Os escravocratas argumentavam que era para torná-los também cristãos que a escravidão tinha valor. Segundo Taunay (2001, p. 72):

Vimos que uma das cláusulas tácitas da compra dos escravos era a sua conversão: os senhores têm portanto obrigação, não menos como cidadãos do que como cristãos, de lhes mandar ensinar e praticar a religião, sendo aliás o meio mais eficaz de os conservar obedientes, laboriosos, satisfeitos da sua condição e de ocupar inocentemente as horas de domingo.

A preocupação em tornar os escravos cristãos também dava-se mais por uma questão de dominação do que de humanidade:

A religião católica romana, como se ensina e pratica em Portugal e no Brasil, conforma-se muito pelo lado da indulgência com os preceitos do Evangelho, e sua tendência para a superstição a torna ainda mais apropriada ao gênio dos pretos, crédulos e supersticiosos por natureza. Os sublimes dogmas e considerações transcendentais da metafísica estão pouco ao alcance da sua inteligência, mas a pompa, as imagens, as orações, os escapulários, as glórias do paraíso, as chamas do inferno cativam a sua imaginação. A crença em um Deus e nos seus santos, e entre estes alguns da sua cor, que não desdenham o pobre escravo, entretém a alegria e a esperança no coração dos pretos. A religião reabilita a sua condição, e consagra suas relações com os senhores, que não aparecem mais a seus olhos como proprietários, ou como tiranos, mas sim como pais, como retratos do mesmo Deus, aos quais devem amar e servir com o sacrifício de todos os seus trabalhos e suores,

para merecerem a bênção do Céu e uma eternidade de bem-aventurança (TAUNAY, 2001, p. 73).

Portanto, para a Igreja, a “inteligência do negro” não permitia que ele compreendesse os “sublimes dogmas”, por isso era necessário que ele participasse da fé dos senhores para suprir a “alegria e a esperança no coração dos pretos” e como forma de amenizar a relação senhor/escravo, o que, na realidade, surtiu mais como um apagamento da cultura e das crenças que os negros possuíam.

Além disso, vem do livro religioso cristão, a Bíblia, a “associação da cor preta com maldade e feiura, e da cor branca com bondade e beleza” (BROOKSHAW, 1983, p. 12). Assim, toda a religiosidade cristã trazida ao Brasil pelos portugueses não impediu a prática dos maus tratos em relação aos escravos, como algo corriqueiro e como regra para manter a ordem do sistema. De acordo com Taunay (2001, p. 54-55):

A escravidão priva o homem livre da metade de sua virtude. Este rifão não foi feito para os pretos, sim para brancos, oriundos da primeira das raças humanas, da caucásica, e até para republicanos, gregos e romanos. Que diremos dos pretos de raça ínfima e sujeita aos apetites brutos do homem selvagem? Qual será a mola que os poderá obrigar a preencher os seus deveres? O medo, e somente o medo, aliás empregado com muito sistema e arte, porque o excesso obraria contra o fim que se tem em vista. Sempre que os homens são aplicados a um trabalho superior ao prêmio que dele recebem, ou mesmo repugnante à sua natureza, é preciso sujeitá-los a uma rigorosa disciplina, e mostrar-lhes o castigo inevitável.

Medo e castigos eram os meios para a disciplina diante de tanto trabalho forçado. O autor, ainda afirma, na sequência, que sem castigo “um preto se não sujeitaria nunca à regularidade de trabalhos que a cultura requer” (TAUNAY, 2001, p. 55). A preocupação em tornar os escravos cristãos também se dava mais por uma questão de dominação do que de humanidade.

Além disso, nem os abolicionistas conseguiram se livrar totalmente do ideal escravocrata, uma vez que, até mesmo sua “‘consciência abolicionista’ era antes um patrimônio dos próprios brancos, que lideravam, organizavam e ao mesmo tempo continham a insurreição dentro de limites que convinham à ‘raça’ dominante” (FERNANDES, 1972, p. 87).

Portanto, em prol da moral, da cristandade, da economia e do progresso nacional, a elite foi procurando manter vivo seu ideal nas gerações seguintes. Segundo Bernd (1988), “o maior perigo da ideologia, como se sabe, não é apenas permitir a dominação de um grupo sobre o outro, mas procurar atribuir a causas falsas,

apresentadas de preferência através de um discurso pretensamente científico e verdadeiro, a dominação real”. E assim, tendo como pano de fundo uma ideologia de uma elite construída com base na importância econômica do trabalho escravo, fecundada por ideias da superioridade da raça branca e da maldição que acompanha a raça negra no campo religioso (os filhos de Cam).

A ideologia favorecia os dominadores na medida em que também era uma forma de controle do escravo. Carolina Maria de Jesus relata em *Diário de Bitita*:

Os abolicionistas instigavam os negros a não obedecer aos senhores. Mesmo que eles quisessem fazer um levante estariam sós, não poderiam contar com a cooperação dos seus escravos. Começaram a dar presentes aos escravos. Furavam orelhas das negrinhas, ofereciam-lhes brincos de ouro com a pretensão de reconquistá-los. Mas já eram quase 400 anos de sofrimento. (...) Os senhores haviam espalhado que eles eram amaldiçoados pelo profeta Cam. Que eles haviam de ter a pele negra e ser escravos dos brancos. A escravidão era como cicatriz na alma do negro (JESUS, 2014a, p. 61).

Assim, por meio dessa de uma ideologia dominante que favorecia ao senhor branco, a abolição no Brasil foi muito tardiamente assinada. Segundo Bernd (1988, p. 7-8):

Último país da América a proceder à abolição do ultrapassado sistema escravocrata, o Brasil o faz de maneira a beneficiar mais uma vez a classe dominante, não criando as condições mínimas para que o contingente negro, egresso das senzalas, fosse absorvido pelo mercado de trabalho urbano na nova sociedade brasileira.

Além de ter sido um processo que beneficiou a classe dominante, não possibilitou que o negro construísse uma “consciência social própria da situação”:

Quanto ao negro, com a Abolição ele perdeu os laços humanitários que o prendiam aos brancos radicais ou inconformistas e deixou de formar uma consciência social própria da situação. Como foi mais tutelado que a gente do processo revolucionário, não tinha uma visão objetiva e autônoma dos seus interesses e possibilidades. Converteu a liberdade em um fim em si e para si, sofrendo com a destituição uma autêntica espoliação - a última pela qual a escravidão ainda seria responsável (FERNANDES, 1972, P. 87)

Assim, após a abolição, o negro ficou entregue à própria sorte dentro de um contexto histórico, cultural e econômico que o excluía, pois toda a justificativa que a sociedade escravocrata utilizou durante anos para colocar o negro como um ser inferior não iria naturalmente nem facilmente desaparecer das práticas sociais. Agora então é que o processo de abolição se inicia e o negro terá uma batalha árdua para enfrentar que continua até os dias atuais. No diário *Quarto de despejo*, Carolina Maria

de Jesus afirma: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (JESUS, 1963, p.27).

Carolina conheceu as atrocidades da escravidão e do período pós-abolição por meio das narrativas do seu avô, relatadas em *Diário de Bitita*:

O meu avô era um vulto que saía da senzala alquebrado e desiludido, reconhecendo que havia trabalhado para enriquecer o seu sinhô português. Porque os que haviam nascido aqui no Brasil tinham nojo de viver explorando o negro.

O vovô dizia que os brasileiros eram os bons homens, de mentalidades puras, iguais às nuvens no espaço.

– Deus que ajude os homens do Brasil – e chorava, dizendo: – O homem que nasce escravo, nasce chorando, vive chorando e morre chorando. Quando eles nos expulsaram das fazendas, nós não tínhamos um teto decente, se encostássemos num canto, aquele local tinha dono e os meirinhos nos enxotavam. Quando alguém nos amparava, nós já sabíamos que aquela alma era brasileira. E nós tínhamos fé: os homens que lutaram para nos libertar não de nos acomodar, o que nos favorece é que vamos morrer um dia, e do outro lado não existe a cor como divisa, lá predominarão as boas obras que praticamos aqui (JESUS, 2014a, p. 60).

Neste trecho, além de retratar o sofrimento do escravo, mostra que Bitita tem uma visão ufanista do povo brasileiro nato (“bons homens”, “mentalidades puras”) e negativa em relação ao estrangeiro que vivia no Brasil (exploradores). Além disso, a morte é apresentada como libertação dos sofrimentos e fim das desigualdades. A abolição configura-se como uma “expulsão”, um “despejo”, e coloca a fé como um modo de suportar o sofrimento.

4.2 O NEGRO NO MUNDO DOS BRANCOS

A obra de Florestan Fernandes *O negro no mundo dos brancos* (1972) procura apresentar a situação do negro e do mulato na sociedade brasileira após a abolição. Fernandes (1972) analisa também a questão específica do negro em São Paulo, local de onde partia para o Brasil e para o mundo a teoria de democracia racial que muito agradava a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – fundada em 1946 em Paris, uma agência especializada das Nações Unidas) pelo interesse dessa organização em tomar o Brasil como modelo para o restante do mundo, pois “se os brancos, negros e mestiços podem conviver de “forma democrática” no Brasil, porque o mesmo processo seria impossível em outras regiões?” (FERNANDES, 1972, p. 21). Dessa forma, houve fomentação de pesquisas

e estudos¹⁶, por parte da UNESCO, que afirmassem que a realidade racial brasileira era livre de preconceito.

Considerando que São Paulo era a região em que a proporção de negros era menor em todo o Brasil e em que a escravidão tinha se manifestado de um modo diferente de outras regiões, Fernandes, juntamente com outros sociólogos (Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Renato Jardim Moreira), procuraram ampliar os estudos e constataram uma visão distorcida da realidade brasileira em relação ao negro.

Partindo do contexto de São Paulo, em comparação com demais regiões, quanto ao contingente populacional de negros e mulatos, segundo dados do IBGE referente ao ano de 1950, São Paulo possuía uma porcentagem de 11% enquanto que, no estado da Bahia, a porcentagem de negros e mulatos somava 70% (FERNANDES, 1972, p. 50). Com um contingente populacional menor de negros e mulatos, a condição de vida deles em São Paulo não condizia com a ideia de democracia racial, muito pelo contrário:

São Paulo ilustra a alternativa da região meridional que discrepa fortemente dos índices nacionais. Os negros e os mulatos tendem a concentrar-se nas posições menos vantajosa na estrutura socioeconômica e entram em quotas ultra-ínfimas (bem abaixo dos índices através dos quais concorrem para constituir a população global). Os brancos, que concorrem com 86% da população fornecem 84% dos empregados e 92% dos empregadores. Doutro lado, o negro e o mulato, que em conjunto formam 11% da população, concorre com 15% dos empregados e apenas 2,5% dos empregadores. (FERNANDES, 1972, p. 51)

São evidências de que há uma discrepância na sociedade paulista com relação ao negro e ao branco. A princípio, Fernandes (1972) aponta dois problemas mais evidentes na atitude da sociedade brasileira da época: o primeiro é o preconceito de não ter preconceito e o segundo é o mito da existência da democracia racial.

Para a sociedade brasileira, o preconceito de cor é considerado algo ultrajante e degradante, algo completamente condenado. No entanto, isso fica mais no plano ideal e conceitual porque, na ação concreta e direta, o racismo se apresenta como algo absorvido em manifestações que não são consideradas como preconceituosas. Ou seja, uma adaptação de “falsa consciência”, resultado do grande período de escravidão (FERNANDES, 1972, p. 25). Para o pesquisador,

¹⁶ Fernandes (1972, p. 21) cita pesquisadores que colaboraram com estes estudos: Alfred Métraux, Warley, Thales de Azevedo, René Ribeiro, Roger Bastide, etc).

Esse mecanismo adaptativo só se tornou possível porque as transformações da estrutura da sociedade, apesar da extinção da escravidão e da universalização do trabalho livre, não afetaram de modo intenso, contínuo e extenso o padrão tradicionalista de acomodação racial e a ordem racial que ele presumia (FERNANDES, 1972, p. 25).

Trata-se, portanto, de um mecanismo historicamente firmado em que não há “um esforço sistemático e consciente para ignorar ou deturpar a verdadeira situação racial imperante”, dessa forma, o mecanismo se configura em uma prática de esquecer o passado ou deixar que as coisas se resolvam por si mesmas, que condenam o negro e o mulato “à desigualdade racial com tudo que ela representa no mundo histórico construído pelo branco e para o branco” (FERNANDES, 1972, p. 25-26).

O mundo feito pelos brancos causou uma cissura na relação entre negros e mulatos, narrada por Carolina Maria de Jesus em *Diário de Bitita*:

A tia Ana Marcelina, irmã de minha avó materna, era mulata clara. A mulata cabedal. Não gostava de preto. Dava mais atenção aos brancos. (...) Tenho pouca coisa de dizer dessa tia, porque ela era mulata. E havia, como divisa das famílias, o preconceito de cor. Minha tia vestia roupas finas iguais às dos brancos. Esforçava-se para viver igual aos ricos. Residia numa casa confortável. (...) As filhas gostavam de dançar. Nos bailes dos brancos, elas não iam porque não eram convidadas. Nos bailes dos negros, elas não queriam ir. Quando nós, os sobrinhos pretos, íamos visitá-la, não tínhamos o direito de entrar. Casa de mulato, o negro não entra (JESUS, 2014a, p. 70).

No mundo dos brancos, o mulato ficava em um entre-lugar, pois não era negro nem branco. Esse mundo feito por brancos e para eles se acomoda na ideia da democracia racial que, segundo Fernandes (1972, p. 26) “constitui uma distorção criada no mundo colonial, como contraparte da inclusão de mestiços no núcleo legal das “grandes famílias” - ou seja, como reação a mecanismos efetivos de ascensão social do “mulato”. Esse mulato integrado à família antes escravagistas compõe o processo de miscigenação, que deu continuidade a ordem racial e sua hierarquia são mantida pelo regime escravista.

Por isso, à miscigenação corresponderam mecanismos mais ou menos eficazes de absorção do mestiço. O essencial, no funcionamento desses mecanismos, não era nem a ascensão social de certa porção de negros e de mulatos nem a igualdade racial. Mas, ao contrário, a hegemonia da “raça dominante”, ou seja, a eficácia das técnicas de dominação racial que mantinham o equilíbrio das relações raciais e asseguravam a continuidade da ordem escravista. (FERNANDES, 1972, p. 27).

Com isso, muitos mestiços integrados eram socializados e educados dentro das famílias para agirem como “brancos”, sendo este o parâmetro para integração

social. Surge, com essa prática, a ideia do “negro de alma branca” um protótipo do “*negro leal*, devotado ao seu senhor, à sua família e à própria ordem social existente” (FERNANDES, 1972, p. 27). Sob essa ótica, esse comportamento ocorria em benefício do próprio negro e, nos casos em que os negros ou mulatos não atingissem esse ideal do negro como imitação do branco, atribuíram-se a eles uma “incapacidade residual do ‘negro’ de igualar-se ao ‘branco’” (FERNANDES, 1972, p. 28).

A partir de 1930, havia já um padrão branco estipulado e firmado e quem quisesse participar das garantias e dos direitos sociais deveria segui-lo. Assim, muitos negros acabaram desenvolvendo, por esforço próprio, autoeducação e auto esclarecimento para a assimilação dos “bons” costumes que pregavam o mundo dos brancos, como a família instituída com a figura do pai ao centro, aquisição da casa própria, aprendizagem de uma profissão, instrução escolar, participação política, etc. De modo a contribuir com a instrução dos negros em escala coletiva, surge um movimento negro, dentro de uma pequena classe média negra na capital paulista que, segundo Fernandes (1972, p. 37):

Alguns líderes mais esclarecidos e bem informados, apoiados por companheiros que percebiam a importância desses empreendimentos para a população negra, desde 1930 vêm difundindo ensinamentos que mostram as vantagens inerentes à assimilação de formas de organização das atividades sociais dominantes no meio ambiente. Assim, realizaram campanhas para a reabilitação da “mãe solteira”, grave problema porque aumenta o número de menores desamparados e dificulta o casamento ou a constituição da família; para o incentivo da responsabilidade do pai na educação dos filhos e na manutenção do lar; para o abandono dos “porões” e dos “cortiços” e a aquisição da casa própria; para a valorização da aprendizagem de profissões acessíveis aos negros, tendo em vista suas habilitações; para o combate ao analfabetismo; para a participação mais vigorosa e consciente nas atividades políticas etc.

No entanto, esse movimento não teve tanto sucesso, uma vez que a mobilidade social vertical herdada do regime escravocrata afastava cada vez mais as chances de o negro conseguir superar as barreiras impostas. Assim, com a universalização do trabalho livre, o negro e o mulato ficaram relegados à economia de subsistência ou a “setores econômicos que não se inserem normalmente no fluxo da redistribuição da renda” (FERNANDES, 1972, p. 50), em uma competição desigual com o imigrante ou com o branco que disputavam o trabalho livre:

A passagem da sociedade escrava para a sociedade livre não se deu em condições ideais. Ao contrário, o negro e o mulato viram-se submergidos na economia de subsistência, nivelando-se, então, com o “branco”, que também não conseguia classificar-se socialmente, ou formando uma espécie de

escória da grande cidade, vendo-se condenados à miséria social mais terrível e degradante” (FERNANDES, 1972, p.42).

Por outro lado, mesmo o negro que conseguia uma ascensão social, tinha que encarar estereótipos raciais nas relações sociais. “Ao igualar-se ao “branco”, ao nível do emprego e da participação da renda, o “homem de cor” rompe um bloqueio à sua participação cultural.” FERNANDES, 1972 p. 54). Ele sofre com as barreiras impostas pela sociedade “branca” ao tentar desfrutar do estilo de vida que sua condição social poderia proporcionar. Segundo Fernandes (1972, p. 54):

É o amigo “branco”, que o trata com consideração no trabalho e nas conversas casuais, mas não o convida para ir à sua casa ou não retribui suas gentilezas. É o colega que passa a sentir a sua presença competitiva no trabalho e vê-se forçado a aceitar a competição em termos usuais nas relações dos brancos entre si. É a filha que reclama das atitudes das coleguinhas ou da professora na escola. É a mulher que se enfurece com o comportamento dos fornecedores, que a tratar como se fosse empregada da casa. É a *boîte*, o hotel ou o clube que o repelem, como freguês ou como sócio.

Ao negro, cabe aceitar as regras do jogo que impõe os limites da linha de cor, ou romper com esse padrão, que o torna um inferior permanente na convivência com o branco. Mas este não era o caso da maioria da população negra. De acordo com Fernandes (1972, p. 85):

Tudo se passou, historicamente, como se existissem dois mundos humanos contínuos, mas estanques e com destinos opostos. O *mundo dos brancos* foi profundamente alterado pelo surto econômico e pelo desenvolvimento social, ligados à produção e à exportação do café, no início, e à urbanização acelerada e à industrialização, em seguida. O *mundo dos negros* ficou praticamente à margem desses processos sócio-econômicos, como se ele estivesse dentro dos muros da cidade mas não participassem coletivamente de sua vida econômica, social e política.

Os negros que não voltaram para suas regiões de origem, após a abolição, para trabalhar no campo (também de forma explorada), continuaram nas cidades grandes em busca da sobrevivência em trabalhos precários de subsistência reclusos a cortiços e depois concentrados nas favelas. Na disputa com os imigrantes, o negro saía perdendo, sendo que os imigrantes ocupavam as novas oportunidades e, ao negro, cabiam certas atividades que mais ninguém queria realizar:

Por isso, o “negro” não ficou apenas à margem dessa revolução. Ele foi selecionado negativamente, precisando contentar-se com aquilo que, daí por diante, seria conhecido como “serviço de negro”: trabalhos incertos ou brutos, tão penosos quanto mal remunerados. Em consequência, achou-se numa estranha situação. Enquanto a prosperidade bafejava todas as demais camadas da população, o “negro” sentiu-se em apuros até para manter ou

conquistar as fontes estáveis de ganho mais humildes e relegadas. (FERNANDES, 1972, p. 88).

Fernandes (1972, p. 88-91) agrupa em cinco fatores as razões para a dificuldade do negro em conseguir até mesmo os trabalhos dispensados pelos brancos pobres ou pelos imigrantes. Seguem elencados a seguir:

Primeiro fator: há um novo quadro da sociedade promovido pelo trabalho livre, porém o negro não possuía treino técnico, nem mentalidade, nem a autodisciplina do assalariado. Querendo ser “Senhor” do seu próprio nariz, apresentavam atitudes e comportamentos que desagradavam o empregador:

Suponham que, se eram “livres”, podiam trabalhar como, quando e onde preferissem. Tendiam a afastar-se dos encargos do trabalho quando dispunham de recursos suficientes para se manterem em ociosidade temporária; e, em particular, mostravam-se muito ciosos diante de admoestações, advertências ou reprimendas (FERNANDES, 1972, p. 88).

Essas atitudes não condiziam com o regime de trabalho assalariado e contribuíram para que estereótipos a respeito do negro fossem criados pelos patrões: “negro preguiçoso”, “negro irresponsável”, “negro imprestável”, etc.

Segundo fator: a abundância de mão de obra melhor qualificada, com a presença do imigrante, contribuiu para a mudança de mentalidade dos empregadores cuja tolerância era cada vez menor, de modo que as exigências para a vaga do trabalho fossem cada vez maiores.

Terceiro fator: a escravidão desproveu o negro de sua herança cultural deixando-o sem recursos psicossociais e institucionais para se ajustar ao padrão exigido pela sociedade (instituição de família com núcleo patriarcal, instrução escolar e técnica, casa própria, etc).

Quarto fator: após a abolição a mobilidade da população negra era alta e o deslocamento frequente e em massa (principalmente para as cidades grandes) colocaram-na à margem da moradia, dos empregos e de frente com inúmeros tipos de violência. A mulher podia contar mais frequentemente com um emprego assalariado nos serviços domésticos enquanto que o homem ficava mais ocioso, de modo que, com o passar do tempo, tornou-se em uma relação “cavilosa e sociopática de um ser humano por outro”. A miséria coletiva, a degradação moral e a desorganização social trouxeram problemas sociais como o menor ou o idoso abandonado, “mães solteiras”, alcoolismo, vadiagem, prostituição e criminalidade.

Esses fatores contribuíram para degradar a imagem do negro, que aparecia frequentemente nos noticiários ligado à criminalidade, reforçando os estereótipos.

Quinto fator: da parte do negro e do mulato não havia técnicas sociais que lhes proporcionasse a superação dos seus dilemas e desafios, falta de solidariedade da sociedade diante do problema, inexistência de políticas públicas de apoio humanitário ou uma rede de serviços sociais. Com isso, houve a difusão de um espírito derrotista com relação ao negro com afirmações como “o negro nasceu para sofrer”, “vida de negro é assim mesmo”, “não adianta fazer nada” etc.

Em suma, Fernandes (1972, p.17) aponta a pobreza da brasilidade herdada do passado escravocrata:

A brasilidade que herdamos do passado escravocrata e das primeiras experiências de universalização do trabalho livre, é demasiado estreita e pobre para fazer face aos dilemas humanos e políticos de uma sociedade racial e culturalmente heterogênea. Temos de aprender a não expurgar os diferentes grupos raciais e culturais do que eles podem levar criadoramente ao processo de fusão e unificação, para que se atinja um padrão de brasilidade autenticamente pluralista, plástico e revolucionário.

Diante desta pobreza até mesmo de identidade herdada da escravidão, em busca da identidade plural, uma quebra desta tradição é necessária, de modo que se busque a democracia tanto racial, como em geral:

Quanto ao mais, não é só a democracia racial que está por constituir-se no Brasil. É toda a democracia na esfera econômica, na esfera social, na esfera jurídica e na esfera política. Para que ela também se concretize no domínio das relações raciais, é mister que saibamos clara, honesta e convictamente o que tem banido e continuará a banir a equidade nas relações de “brancos”, “negros” e “mestiços” entre si. A chamada “tradição cultural brasileira” possui muitos elementos favoráveis à constituição de uma verdadeira democracia racial. (FERNANDES, 1972, p.23)

Assim, é a democracia que se enfraquece quando se ignora os problemas que a tradição cultural ligada à escravidão gerou em nossa sociedade. Ao conhecer e reconhecer esses problemas, estratégias para superá-los podem ser traçadas de modo que todos possam contribuir igualitariamente para a consolidação da democracia no país.

Em *Diário de Bitita*, Carolina Maria de Jesus demonstra, por meio dos relatos de sua memória, o que Fernandes (1972) constatou em seus estudos sobre o “negro no mundo dos brancos”, a saber:

- A degradação moral, o negro enquanto mau exemplo:

Quando os negros bebiam, eu pensava: “Por que é que só os pretos bebem?”. Mas os brancos bebiam dentro de suas casas. Se um branco cambaleava nas ruas diziam que era indisposição, mal-estar. Se um branco bebia nos bares era repreendido: – Você está imitando os negros? Arranjou um negro para ser seu professor? A única coisa que está ao alcance do negro para ele nos ensinar é beber pinga. Na pinga eles são catedráticos (JESUS, 2014a, p. 55).

- Emprego de violência contra o negro:

Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto (JESUS, 2014a, p. 55).

- Falta de instrução técnica e falta de autodisciplina do assalariado:

Eu notava que os brancos eram mais tranquilos porque já tinham seus meios de vida. E para os negros, por não ter instrução, a vida era-lhes mais difícil. Quando conseguiam algum trabalho, era exaustivo. O meu avô com setenta e três anos arrancava pedras para os pedreiros fazerem os alicerces das casas. Os pretos, quando recebiam aquele dinheirinho, não sabiam gastar em coisas úteis. Gastavam comprando pinga (JESUS, 2014a, p. 59).

- Concorrência desfavorável com o imigrante no mercado de trabalho:

Minha tia Claudimira trabalhava para os sírios que vinham com imigrantes para o Brasil. E aqui conseguiam até empregadas. Ganhava trinta mil-réis por mês, para lavar a roupa, passá-la, cuidar das crianças, da casa e da cozinha. Pensava: “Por que será que eles deixam a sua pátria e vêm para o Brasil?”. E dizem que o nosso país é um pedacinho do céu. Não havia motivos para odiá-los. Porque gostavam do país, e não perturbavam. Pensei: “Será que o Brasil vai ser sempre bom como dizem eles? Por que será que o estrangeiro chega pobre aqui e fica rico? E nós, os naturais, aqui nascemos, aqui nós vivemos e morremos pobres?”.

Ouvia dizer que os estrangeiros que já estão há mais tempo no Brasil auxiliavam os patrícios pobres. Que os brasileiros ricos não auxiliavam o brasileiro pobre. Que não confiam. Os estrangeiros não vinham pobres. Eles não eram analfabetos e dominavam o comércio (JESUS, 2014a, p. 63-64).

Assim, as práticas sociais memorizadas desfavorecem a trajetória do negro em relação à trajetória do branco, como consequência do longo período de escravidão. Em São Paulo, Carolina Maria de Jesus vivenciou e retratou nos seus manuscritos como foi sua trajetória nesta grande metrópole.

O contexto histórico vivido por Carolina de Jesus na capital paulista favoreceu tanto seu sucesso quanto o seu apagamento. Sucesso, fruto de uma mudança que favoreceu o surgimento de “novos tipos sociais”. Segundo Meihy (2016, p. 17):

O impacto das mudanças do campo ou da cultura rural justifica o que se chama de “rápida urbanização do território brasileiro” que, segundo especialistas, não deve ser apenas visto como “um processo estritamente demográfico”, pois “tem dimensões muito mais amplas”. Foi no sensível momento de virada do epicentro produtivo nacional, da agricultura e pecuária para indústria, que se operaram as mudanças que explicam os novos tipos sociais.

Essa rápida urbanização, centrada no final dos anos 50 até a década de 80, contribuiu para o surgimento dos movimentos populares em uma chamada *contracultura* que “dava sentido a um Brasil novo, repleto de proposituras políticas e culturais desafiadoras, coerentes com o devir modernizador” (MEIHY, 2016, p. 18). A modernidade contrasta com o antigo, e o ano de 1958 aparece como o divisor de águas:

Refere-se a um lustro – em particular a um ano, 1958 – em que se expressaram, por exemplo, junto com a bossa nova, a chamada jovem guarda, além do cinema novo, do teatro de Gianfrancesco Guarnieri, da construção de Brasília e dos resultados da industrialização acelerada que pretendia efetivar o *slogan* presidencial “*cinquenta anos em cinco*”. Arrola-se também o feito da Seleção Brasileira de Futebol, ganhando, pela primeira vez, a Copa do Mundo e mais: *misses*, atletas, mulheres aparecendo no cenário artístico, em diferentes esferas. (MEIHY, 2016, p. 18-19)

Nesse contexto, o movimento negro brasileiro ganha destaque em vários setores da sociedade: nas artes (Grande Otelo, Elza Soares, Elizete Cardoso, Zé Keti, Cartola, Lupicínio Rodrigues, Abdias do Nascimento, dentre outros), no esporte (Pelé, Didi, Garrincha, etc), na sociologia (Otavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, João Batista Borges Pereira etc).

Ao vir à tona como escritora de diários por meio das mãos de Audálio Dantas, Carolina Maria de Jesus não percebeu o caráter momentâneo de seu sucesso, colocado enquanto “exceção cultural”:

Carolina Maria de Jesus, a autora de diários, foi expressão de uma situação única onde o sucesso de uma negra poderia ter ocorrido além do destaque como cantora ou esportista. Ela só conseguiria, contudo, ter existido enquanto exceção cultural e alguém feito para aquele momento exato. Assim mesmo, precisou do prestígio de um homem, branco, já reputado jornalista, Audálio Dantas, para apresentá-la à sociedade brasileira. Sozinha, possivelmente pouco teria feito além de cuidar dos filhos e catar papel. (MEIHY, 1996, p. 13)

O negro de sucesso visto como exceção é fruto da tradição cultural escravocrata, que, além disso, desfavorecia a mulher:

Ser negra num mundo dominado por brancos, ser mulher num espaço regido por homens, não conseguir fixar-se como pessoa de posses num território em que administrar o dinheiro é mais difícil do que ganhá-lo, publicar livros num

ambiente intelectual de modelo refinado, tudo isto reunido fez da experiência de Carolina um turbilhão. MEIHY E LEVINE (2015, p. 70)

Carolina Maria de Jesus cita inúmeras vezes na sua obra *Diário de Bitita* que o negro, ao receber salário não sabia o que fazer com ele (“Os pretos, quando recebiam aquele dinheirinho, não sabiam gastar em coisas úteis. Gastavam comprando pinga” (JESUS, 2014a, p. 58-59). Ela própria não fugiu à regra e, não sabendo lidar com o dinheiro que conseguiu com a publicação de *Quarto de despejo*, viu sua vida se acabar na pobreza e no esquecimento:

Tão grande quanto sua inabilidade para lidar com certas cedilhas e outras tantas concordâncias é o completo despreparo de Carolina para mover-se por entre as astúcias de um sistema cultural complexo, semi-capitalista e semi-profissionalizado. Indefesa face às contradições de um tal sistema, Carolina morreu pobre, uma vez que, como se viu, seus livros sequer representaram o capital cultural necessário para a tão sonhada publicação de seus versos. O que dizer, então, de sua obra encarada como investimento capaz de promover a tão sonhada ascensão social (LAJOLO, 1996, p. 41).

É claro que o fato de Carolina ter conseguido sair da favela, juntamente com seus três filhos, já seria um enorme feito para uma mulher negra, favelada, sozinha, semialfabetizada. Mas ela não queria apenas sair da favela, objetivava ser reconhecida como escritora, como uma cidadã com plenos direitos, não como uma exceção. No entanto, para isso, ela teria que ter cedido ao preço cobrado pela mídia – tornar-se “branca”, ou seja, adotar comportamentos aceitáveis dentro daquela sociedade, afinal, a escravidão já tinha acabado, ela queria uma liberdade que ainda era relegada ao contexto feminino, principalmente ao negro:

Carolina foi, pode-se dizer, uma guerreira valente contra as tropas de herança racista, anti-interiorana, preconceituosa em relação às mulheres e, sobretudo uma pessoa afrontadora da marginalidade e da negligência política. Rebelava-se sozinha e por isso jamais chegou a ser revolucionária ou heroína permanente. Sequer foi musa de causas coletivas. Houve um momento em que, ainda que de maneiras contraditórias e estranhas, ela cabia em todas as frentes e, ao mesmo tempo, não servia por longo período a nenhuma. Por isso é provável que tenha sido deixada por todos. De qualquer forma, não se rendeu ao Estado ou a instituições, nem a maridos, ainda que muitas vezes estivesse tão próxima de adúl-los como de feri-los. (MEIHY E LEVINE, 2015, p. 21)

O estado de exceção vivido por Carolina colocava-a em uma “moldura” com um retrato empalidecido, o que definitivamente ela não aceitou e, sem conhecimento de como modificar a situação, ela demonstrava comportamentos contraditórios:

Negra, favelada, sozinha, semi-analfabeta, cabeça de família e pretensamente de oposição à ordem estabelecida, Carolina teria tudo para não dar certo. Neste sentido, suas constantes contradições argumentativas e vivenciais, antes de diminuí-la, a engrandecem, pois a tornam mais *normal* em sua *anormalidade contextual*. Excluídos os estalados momentos de *glórias*, sua obra não se constituiu em exceção do tratamento racista que a sociedade delegava aos que habitavam as franjas do progresso. Fora da moldura que segurava seu retrato, pálido para a efetiva sociedade dos brancos, ela não conseguiu praticamente nada. Sequer exibiu-se poetisa. (MEIHY, 1996, p. 13)

Portanto, a retomada de sua trajetória permite compreender melhor a jornada contraditória de Carolina no mundo dos brancos e no mundo dos negros, em uma tentativa de sobreviver nestes mundos e de existir neles, ela acabava se distanciando e se isolando cada vez mais no seu próprio mundo: o das letras.

4.3 CONCEITOS REFERENTES À MEMÓRIA

De acordo com Joël Candau (2016, p. 21), “as noções de ‘identidade’ e ‘memória’ são ambíguas, pois ambas estão subsumidas no termo *representações*, um conceito (...) referindo-se a um *estado* em relação à primeira e a uma *faculdade* em relação à segunda”. Dentro do conjunto de representações, a seguir, serão apresentados os conceitos referentes ao estado e a faculdade humana que se integram nas relações sociais.

A partir de uma perspectiva antropológica, Candau (2016, p. 21-23) apresenta uma taxonomia das três diferentes manifestações da memória: a “protomemória”, a “memória de alto nível” e a “metamemória”.

A “protomemória” é uma “memória de baixo nível” onde são enquadrados “aquilo que, no âmbito do indivíduo, constitui os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade” (CANDAU, 2016, p. 22). É a partir dela que se geram os hábitos, os costumes que são praticados sem a ocorrência de um julgamento exercido. São aprendizagens primárias, com um senso de prática, ou um saber herdado, como andar, falar, correr, cumprimentar alguém, ou seja, diversas ações rotineiras realizadas pelos indivíduos.

A “memória de alto nível” é a “evocação deliberada ou invocação voluntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes,

crenças, sensações, sentimentos etc.)” (CANDAU, 2016, p. 23). Refere-se à recordação ou ao reconhecimento.

Em relação à “metamemória”, esta é, por sua vez, “a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela” (CANDAU, 2016, p. 23). Esta memória remete “ao modo de afiliação de um indivíduo a seu passado” bem como “à construção explícita da identidade”.

Assim, as memórias individuais estão ligadas às duas primeiras formas de memória descritas (protomemória e memória de alto nível). Quanto às manifestações coletivas, estas estão ligadas à metamemória. Segundo Candau (2016, p. 24):

a expressão “memória coletiva” é uma *representação*, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo. Essa metamemória não tem o mesmo estatuto que a metamemória aplicada à memória individual: nesse caso, é um enunciado relativo a uma *denominação* – “memória” – vinculada ao que designa – uma faculdade atestada – “como a etiqueta em relação à garrafa”, enquanto no que se refere ao coletivo é um enunciado relativo a uma descrição de um compartilhamento hipotético de lembranças.

A memória coletiva é evocada em enunciados referentes à imprensa, à literatura, uma cidade, um povoado, uma região, etc, ligada à valorização de uma identidade local.

A questão da preservação da memória individual é abordada por Gomes (2004, p. 16) como uma questão social:

No que se refere à memória (com desdobramentos para a história), passam a ser legítimos os procedimentos de construção e guarda de uma memória individual “comum”, e não apenas de grupo social/nacional ou de “grande” homem (político, militar, religioso). Os argumentos que sustentam as novas práticas derivam tanto da assertiva sociológica de que todo indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um. Uma singularidade que se traduz pela multiplicidade e fragmentação do próprio indivíduo e de suas memórias através do tempo, sem que tal dinâmica torne falso (muito pelo contrário) o desejo de uma “unidade do eu”, de uma identidade. É exatamente porque o “eu” do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo.

Dessa forma, nas sociedades modernas, o interesse pela memória individual se dá pela importância social, uma vez que a sociedade é composta por indivíduos complexos. Para Gomes (2004, p. 17):

Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. Seu valor,

especialmente como documento histórico, é identificado justamente nessas características, e também em uma qualidade decorrente de uma nova concepção de verdade, própria às sociedades individualistas. Sociedades que separaram o espaço público do privado, a vida laica da religiosa, mas que, em todos os casos, afirmaram o triunfo do indivíduo como um sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos. Uma sociedade em cuja cultura importa aos indivíduos sobreviver na memória dos outros, pois a vida individual tem valor e autonomia em relação ao todo. É dos indivíduos que nasce a organização social e não o inverso.

Portanto, nas sociedades modernas há a separação entre o público e o privado sem, contudo, implicar em individualismo, uma vez que o coletivo é constituído por indivíduos que compartilham suas memórias e assim a organização social vai sendo tecida coletivamente.

Ao se pensar na questão da memória e nos diários de Carolina Maria de Jesus, leva-se a um relacionamento com o presente. Segundo Meihy (2016, p. 32), a predominância do presente nos diários, marcada na “espontaneidade dos registros anotados à luz do momento da escrita”, leva a se pensar no “peso da memória transparecida” nestes registros:

A não referência larga e direta ao passado mostra a insistência de vestígios presentes na seleção de fatos revelados pela memória sempre “presentificadora”. Por isso, temos que aprender a identificar o teor remissivo, sutilmente instalado em “entradas”, em quinas rápidas, indiretas, que afinal explicam o presente pelo passado e o passado no presente. (MEIHY, 2016, p. 32)

Assim, por meio do presente, a memória também se manifesta na seleção do que será relatado. Ou seja, a partir da memória explicitamente ou implicitamente, a herança cultural que acompanhou a escritora é traduzida subjetivamente nas anotações do cotidiano presente. Além disso, as publicações de Carolina formam uma tríade, iniciada com o primeiro diário, *Quarto de despejo*, segundo Meihy (2016, p. 33):

O curioso em Carolina é que intuitivamente ela mesma formulou uma espécie de tríade continuada de sua memória: *Quarto de despejo*, *Casa de Alvenaria* e *Diário de Bitita*. Sob a lógica da memória, estes textos não podem ser separados porque respondem ao mesmo apelo autoexplicativo. Agrega-se a esta tríade *Meu estranho diário* escrito que também compõe este conjunto valorizando a análise do texto-mãe, *Quarto de despejo*.

A memória referente à sua formação no interior de Minas Gerais transparece nas narrativas de Carolina Maria de Jesus como forma de uma utopia referente a seu passado. Segundo Meihy (2016, p. 34):

A clássica “utopia do passado”, em tantos casos como este, mostra o enlevo dado à invenção do suposto de que o campo – e no caso a cidade pequena – seria o lugar ideal, da pureza, dos bons sentimentos e que, em contraste, a

cidade grande seria o espaço da depravação e da desordem. Sob esta égide, aliás, vale enquadrar atitudes conservadoras de Carolina que condenava a prostituição, a traição amorosa, o álcool, o ócio, a homossexualidade. Tudo remetia à formação tida em Minas. Sua “tradição” forçava que se sentisse diferente ou como ela mesma dizia “exótica”. (MEIHY, 2016, p. 34)

Apesar de ser na cidade grande que seus pensamentos afloraram quando jovem, será na volta ao campo, com a compra do sítio em Parelheiros que Carolina busca a paz, em uma tentativa de “reconstruir o sertão encantado”, “um paraíso reinventado” (MEIHY, 2016, p. 39). Dessa forma, o passado utópico marcava a conduta no presente de Carolina, “Chega a ser emocionante a busca de raízes como forma de sustentar o isolamento metropolitano e solidão expressa” (MEIHY, 2016, p. 36), tanto justificando sua solidão quanto sua conduta e julgamentos de comportamentos humanos.

4.4 A QUESTÃO DA IDENTIDADE

No que diz respeito ao indivíduo, a constituição do que seja a identidade pode estar ligada a três formas de conceituação. Segundo Candau (2016, p. 25):

a identidade pode ser um *estado* – resultante, por exemplo, de uma instância administrativa: meu documento de identidade estabelece minha altura, minha idade, meu endereço, etc. –, uma *representação* – eu tenho uma ideia de quem sou – e um *conceito*, o de identidade individual, muito utilizado nas Ciências Humanas e Sociais.

No caso de uma utilização coletiva, o termo “identidade” pode ser utilizado com um sentido mais amplo, como “semelhança”, utilizando-se do conceito de “representação” segundo o qual os indivíduos se percebem e “produzem diversas representações quanto à origem, história e natureza desse grupo” (CANDAU, 2016, p. 25-26).

As representações produzidas são práticas culturais realizadas como na política (teses sobre racismo, nacionalismo, projetos regionalistas ou étnicos) e no domínio cultural (museus e práticas patrimoniais) (CANDAU, 2016, p. 25-26).

De acordo com Gomes (2004, p.11):

O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado. Embora o ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros, bem como de escrever cartas, seja

praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno. A chave, portanto, para o entendimento dessas práticas culturais é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais.

No caso de Carolina Maria de Jesus, durante seus relatos, ela se preocupa em traçar sua autoimagem de poeta que integra sua identidade. Segundo Perpétua (2016, p. 44):

Das imagens que Carolina tinha do poeta, as que figuram na edição de *Quarto de Despejo* relacionam-se à sua preocupação com a comunidade pobre onde se encontraria inserida. Porém, nos manuscritos, desde os primeiros registros, lemos sua ostensiva necessidade de definir-se em alguma categoria relacionada à escrita ficcional, da qual também faz parte uma abrangente dimensão social. Assim, ela vai traçar, de forma recorrente sua autoimagem de poeta, segundo imagina suas qualidades: o poeta é engajado politicamente, nacionalista, possuidor de uma missão social, que luta assumidamente ao lado dos fracos e oprimidos.

Por se reconhecer como “poeta” Carolina Maria de Jesus não se identifica com os demais moradores da favela, seus pares, nem eles com ela:

Na verdade, o que diferencia a escritora dos membros da comunidade do Canindé não é apenas sua “linguagem clássica”, nem suas “ideias literárias”, mas o fato de ela ter feito do ato de escrever e ler parte de sua vida. Por causa disso, será discriminada pelos vizinhos e vista com desconfiança pela comunidade. Estes, por sua vez, só veem o apego à escrita como um ato de loucura ou uma ameaça da vizinha. E fora do Canindé, aos olhos do público em geral, Carolina não corresponde à imagem de escritora e poeta. (PERPÉTUA, 2016, p. 54)

Assim, para o público em geral uma pessoa que anda como uma indigente na rua não representa um poeta, para seus pares, a escrita era uma ameaça.

Ao questionar “quem” é Carolina Maria de Jesus, a psicóloga, psicopedagoga e Doutora em Literatura Comparada Maria Madalena Magnabosco afirma que parte do seguinte pressuposto:

Podemos partir de diversos pressupostos para responde a essa pergunta, mas quando nos perguntamos “Quem?” perguntamos pela ontologia, pela origem, pelo que principia Ser. E, Ser é linguagem. Nos dizeres de Heidegger (1927): “a linguagem é a morada do Ser”. (MAGNABOSCO, 2016, p. 59)

Portanto, o “Quem” é revelado com base em um contexto social, econômico e histórico no qual Carolina Maria de Jesus se inseria e se fazia existir por meio da escrita, que a acompanhava e a constituía:

Escrever relatando o cotidiano dentro da favela a retirava, por momentos, da ordem do trágico, de uma desolação para com o mundo. Através da escrita diária Carolina se reconstituía, não pela descrição linear do vivido, mas pela (re-)descoberta de s(eu). Carolina se reconhecia pela narrativa, pelo desafio em ultrapassar pela palavra o obstáculo entre sua vida e a realidade sufocante da favela. Escrever para escrever a fome, a dor, a miséria. Escrever para suspender temporariamente a ordem do trágico. (MAGNABOSCO, 2016, p. 60)

Por meio da escrita, Carolina Maria de Jesus se descobre e se redescobre. No entanto, este costume vital que ela atribuía à escrita trouxe ao questionamento se ela se enquadrava no perfil de vítima ou de louca. Para Magnabosco (2016, p. 60) “Uma pergunta astuta para aqueles que não consideravam o Quem, que não ouviam o Ser, mas o substituíam pelo Que”. Portanto, ao “coisificar” e consumir Carolina como tal, colocavam-na, juntamente com seus escritos, “à margem de um cânone literário”, próxima da vitimização ou da loucura. A respeito das consequências das atitudes de Carolina, sob a ótica da mídia na época do sucesso que *Quarto de despejo*, Meihy (2015, p.21) afirma:

Suas atitudes, contudo, confundiam. Jornalistas e políticos a criticavam porque suas ideias, expressas no *diário*, a mostravam como dócil, mas em público ela se erguia agressivamente, próxima do que os norte-americanos chamavam pejorativamente na década de 50 de *uppity black*, ou seja, “preta arrogante”.

Durante a fama e após ela, Carolina Maria de Jesus percebeu que a imprensa interpretava fatos de sua vida e de sua família de forma manipulada e criava casos exagerados ou pitorescos a respeito dela. Esses exageros e o sensacionalismo diante deles contribuíram para visão distorcida da identidade da escritora, mesmo quando seu sucesso já havia acabado:

a mídia continuava comentando desairosamente sua maneira de ser, de se comportar, de se vestir. Dela se esperava, disse a escritora mais tarde, que aparecesse em público acompanhada de sua filha Vera, que deveria usar um discreto vestido branco com um laço no cabelo, e docilmente se referisse a si e aos outros, tratando todos como os mentores gostariam que os tratasse. Dentro deste enquadramento comportamental, Carolina deveria responder de forma não provocativa às questões que lhe eram dirigidas. Pelo menos, estas eram as regras pretendidas pelos seus editores para protegê-la da maneira cruel como estava sendo tratada pela mídia irônica e inconformada. Ela se recusava. Terminantemente. (MEIHY, 2015, p. 34)

Carolina Maria de Jesus reconhecia os abusos por parte da imprensa e de algumas pessoas que a rodeavam, mas ela não fora ensinada a lidar com este tipo de situação de modo a modificá-la (se é que permitiriam que isso ocorresse) ou de forma a agir de uma maneira diferente do que ela fazia: recusas, teimosias, impertinências,

arrogâncias etc. Assim, dificilmente a afastavam do quadro de vítima ou louca. Segundo Magnabosco (2016, p. 60-61):

Desconsiderando essa dicotomia da vítima ou louca, própria da modernidade das letras e corpus cientificistas, Carolina (como Quem) sofreu a passionalidade daqueles que vivem as antinomias da existência sem conhecimento suficiente para compreendê-las e, se possível, transformá-las. Passionalidade da fome, do excesso de falta, da solidão na luta pela sobrevivência. Passionalidade da tragédia na qual se dá a luta incessante entre potências antagônicas, tanto no mundo dos sentimentos como no mundo objetivo do fazer humano, o qual ainda não encontrou palavras e símbolos para representar determinadas vivências e emoções.

Ao perceber que o racismo, as diversas formas de violência, o descaso, a luta pela sobrevivência, a luta para ser reconhecida como escritora, e outras tantas “batalhas” acompanharam Carolina Maria de Jesus em sua trajetória, independente de estar na favela ou no bairro de classe média, a escritora procurou agir corajosamente e passionalmente conforme podia ou sabia, o que muitas vezes parecia algo contraditório. Assim, a contradição é uma marca da identidade de Carolina Maria de Jesus:

Essa patética expressão da coragem torna-se um núcleo que anima Carolina em seus movimentos intermitentes de potência-impotência, de dentro e fora das relações de gênero. A instabilidade de seu humor, o modo passional com que buscava firmar seu espaço no mundo, suas explosões se ritmavam a partir desse núcleo. Afinal, após todas suas histórias, podemos dizer que a passionalidade – nesse contexto histórico-cultural da modernidade – nada mais é do que uma resposta possível às vivências limites, que interditam a luta, a comunicação, a projeção criativa e construtiva da agressividade. É a expressão patética dessa coragem de ainda lutar pela vida de lá onde não existem nem palavras, nem significantes que encenem uma troca comunicativa com o outro. (MAGNABOSCO, 2016, p. 61)

Não apenas as atitudes de Carolina Maria de Jesus, mas também suas palavras, refletem sua forma individual de responder às agruras enfrentadas no seu dia a dia. A repetição de um comportamento pode refletir sua busca pelo como dizer, como enfrentar, como se fazer entender. Segundo Magnabosco (2016, p. 61-62):

Pelo ainda-não-saber-dizer ou pelas fronteiras de sua palavra surge na cena relacional a repetição de um comportamento que reincide como resposta à violência simbólica sofrida por Carolina. O trecho do texto e da vida que se repete pode ser uma comunicação pela fissura, pela ruptura a partir da qual se buscam outras referências, em que se procuram outras respostas às interpelações sobre si própria, isto é, sobre a própria imagem e identidade, tal como nos coloca Homi Bhabha.

Ou seja, ao promover a repetição, Carolina pode estar recorrendo a uma estratégia de comunicação que visa a buscar uma escuta diferente, sob outras leituras

e escritas. No entanto, nem sempre ela encontrou quem “lhe desse ouvidos” da forma como ela pretendia:

Cobrada pelas pessoas quanto a posicionamentos políticos, fidelidade partidária, pertença a grupos religiosos e comunitários, domínio sobre sua linguagem, Carolina torna-se uma mercadoria amada e odiada através da mídia. As brigas, irritações, agressividades de Carolina podem ser a luta dilacerante contra essas pressões para que fosse e pertencesse ao que nem conhecia e, também, contra a distorção ética de sua palavra quando interpretada pelas regras institucionais de um mundo já transfigurado por valores progressistas e partidário-higienistas. Seu humor intransigente e oscilante que a caracterizou como louca pode ser o modo que tinha para dizer: “Não é isso que quero falar. Vocês não estão entendendo. Me ouçam!”. Em outras palavras, recorrendo a Zaratrusta, “seus ouvidos não são para o que diz minha boca”. (MAGNABOSCO, 2016, p. 64-65)

Dáí resulta a imagem de que ela possuía uma identidade contraditória, muitas vezes, vista como “louca”. A inaudibilidade esvazia os sentidos da palavra, que, para Carolina, era sua forma de existir. Segundo Magnabosco (2016, p. 65-66):

Sem sentido, a palavra volta-se contra o próprio sujeito, como em um efeito *boomerang*, e onde poderia haver o início de novos diálogos e novas escutas ocorre apenas uma reafirmação dos significados já instituídos e autorizados por representações legitimadas pela cultura. Nesse momento de impotência, ou melhor, do silêncio ruidoso da palavra, o sujeito fragilizado pelo ainda-não-saber-dizer (já que sem representações que o autorrepresentem) corre o risco de avaliar-se pejorativamente como “fora-da-ordem, louco, nervoso”, isto é, sem condições de trocas simbólicas e comunicativas com o outro.

Assim, Carolina Maria de Jesus não conseguia acertar as palavras para que se pudesse fazer compreendida pela sociedade do seu tempo, ao ponto de, durante sua velhice, ser proibida pelos filhos de escrever, segundo a última entrevista dada por ela a um jornal no ano da sua morte. Essa fala poderia revelar um pouco de exagero (uma vez que é difícil separá-la da prática existencial da escrita), no entanto, demonstra também que suas palavras não foram ouvidas pelo seu tempo.

4.5 MEMÓRIA E IDENTIDADE NEGRA

Para Fernandes (1972) a inexistência de um “esforço sistemático e consciente” para promover uma transformação social real no que diz respeito à questão racial no Brasil, cria uma falsa noção de que basta “esquecer o passado” ou “deixar que as coisas se resolvam por si mesmas”, o que condenam o negro e o mulato pós abolição

a uma “desigualdade racial com tudo que ela representa num mundo histórico construído pelo branco e para o branco” (FERNANDES, 1972, p. 26). Fomentando essa desigualdade, há a ideia da “democracia racial” que há muito tempo é difundida no Brasil e que, segundo Fernandes (1972, p. 26) é resultado de uma “distorção criada no mundo colonial, como contraparte da inclusão de mestiços no núcleo legal das “grandes famílias” – ou seja, como reação a mecanismos efetivos de ascensão social do “mulato””.

Tudo isso se configura, na realidade, como mecanismos que “asseguravam a ordem social escravagista”, dando também continuidade a ela. Como consequência, surgiu a imagem do “negro de alma branca”, ou seja, “o protótipo do negro leal, devotado ao seu senhor, à sua família e à própria ordem social existente” (FERNANDES, 1972, p. 27), sendo o branco o modelo de tudo o que possa ser considerado bom. Assim, a superioridade e hegemonia do branco marcam a ideia da democracia racial existente no Brasil, gerando no negro um comportamento contraditório com relação ao branco e a ele mesmo. Para Fanon (2008, p. 33), “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial...”.

Do colonialismo à modernidade a transformação foi lenta ou inexistente no que diz respeito às questões raciais. No entanto, com a pós-modernidade e o surgimento de mudanças sociais globais, houve o favorecimento do que se chama de “globalização cultural” (descentramento e deslocamento que inaugura novos espaços de protestos e produz mudança relevante nas relações entre a alta cultura e a cultura popular), bem como uma fascinação do pós-modernismo com as diferenças (cultural, sexual, racial, étnica) – silenciamento/voz dos marginalizados (HALL, 2003, p. 337). Em contrapartida, essa abertura ao diferente e ao marginal leva a uma reação contrária (resistência agressiva, busca pelos cânones da civilização ocidental, defesa do absolutismo étnico, racismo cultural, xenofobia) (HALL, 2003, 337).

Assim, faz-se necessária e urgente a tomada de consciência do que é ser negro, não apenas para a valorização da cultura negra pela sociedade, mas como uma afirmação de sua própria identidade, segundo Bernd (1988):

(...) a grande massa da população não tem acesso ao conhecimento científico, continuando a repetir, até por força da inércia, as ideologias racistas a esta altura já profundamente enraizadas nos corações e nas mentes das pessoas. E o que é ainda pior: essas ideologias racistas, que dão fundamento aos preconceitos, são introjetadas até mesmo pelos próprios negros, que ou permanecem em um estado de alienação ou decidem parar para reavaliar a situação, o que muitas vezes desencadeia uma verdadeira “crise de identidade”.

Quanto ao conceito de identidade em si, Hall (2003) coloca que “identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada.” Assim, ao buscar sua própria identidade, o negro procura representatividade enquanto um sujeito cidadão tal qual como os demais cidadãos não negros. De acordo com Filho (2004, p.186):

O negro brasileiro não pode ser tratado como *o outro*, que tanto trabalhou pela grandeza da nação etc. e a quem se deve reconhecimento especial por isso, como não cabe agradecer aos brancos portugueses ou aos índios, mas também não deve tratar-se como *o outro* em nome de sua autoafirmação. Como os demais grupos étnicos, ele é parte da comunidade que fez e faz o país. Se a luta em que se empenha se tornou e continua necessária, isto se deve, como é sabido, ao fato de ter-se tornado alvo de tratamento social e historicamente discriminatório.

Os estudos culturais apresentados por Hall trazem uma forma de pensar sobre cultura como um “projeto de formular estratégias culturais que fazem diferença e deslocam as disposições de poder” (HALL, 2003, p. 11).

De acordo com Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016, p. 16), na América Latina, os estudos pós-coloniais ganham um novo “contorno” e uma nova denominação: “decolonial”. Segundo os autores, partindo da preocupação com que as teorias pós-coloniais caíssem em um vazio, por terem origens britânicas e norte-americanas, com um viés eurocêntrico, os estudiosos decoloniais deslocaram o foco dos estudos pós-coloniais para “os sujeitos coloniais que estão nas fronteiras – físicas e imaginárias – da modernidade” (BERNARDINO-COSTA e GROSGOQUEL, 2016, p.18), sujeitos ativos que se constituem a partir de um “pensamento de fronteira”:

O pensamento de fronteira não é um pensamento fundamentalista ou essencialista daqueles que estão à margem ou na fronteira da modernidade. Justamente por estar na fronteira, esse pensamento está em diálogo com a modernidade, porém a partir das perspectivas subalternas. Em outras palavras, o pensamento de fronteira é a resposta epistêmica dos subalternos ao projeto eurocêntrico da modernidade (Grosfoguel, 2009). (BERNARDINO-COSTA e GROSGOQUEL, 2016, p.18-19)

Os sujeitos tidos como passivos dentro do projeto eurocêntrico da modernidade, postos como subalternos, são vistos pelo projeto decolonial sob uma

outra perspectiva que leva em conta seu “loci enunciativo”, ou seja, uma relação entre o local de fala e o pensamento (BERNARDINO-COSTA e GROSGUÉL, 2016, p. 19).

Nessa perspectiva, a desigualdade existente na divisão de privilégios promovida desde a época colonial é posta em visibilidade:

Na década de 1960, essa diferença colonial nas fronteiras internas dos impérios foi conceituada por Pablo Gonzales Casanova de colonialismo interno em que sobretudo o eixo racial estabeleceu uma divisão de privilégios, de experiências e de oportunidades entre negros e brancos, populações indígenas e brancos, tal como exemplifica a história do Brasil (BERNARDINO-COSTA e GROSGUÉL, 2016, p.20).

Assim, revisitar a memória do sujeito negro sob uma perspectiva não eurocêntrica configura-se como uma resposta crítica e transformadora desse “colonialismo interno”, principalmente no caso do negro, historicamente inferiorizado na sociedade. Sobre o papel da memória na constituição da identidade, Candau (2011, p. 18) teoriza:

A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tal como mostram os trabalhos sobre as lembranças de traumas e tragédias como, por exemplo, a anamnese de abusos sexuais na infância ou na memória do Holocausto. De fato, o jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos: no domínio da “identidade étnica”, a completa assimilação dos indivíduos pode ser contestada pela sociedade que os acolhe, desde que o trabalho de esquecimento de suas origens não tenha se completado. (p. 18)

Fanon relata que “O que nós queremos é ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial” (FANON, 2008, p. 44). Na Literatura, a construção da identidade negra ganhou voz, segundo Cuti (1985, p.15):

A bibliografia do “problema do branco” sobre o negro é imensa. Nela, como não podia deixar de ser, o negro é o problema. As exceções – sinal dos tempos! – estão aumentando, infelizmente a regra, idem. Hoje há um dado considerável na transformação, a presença dos descendentes, mais visíveis, dos escravos. O texto escrito começa a trazer a marca de uma experiência de vida distinta do estabelecido. A emoção – inimiga dos pretensos intelectuais neutros – entra em campo, arrastando dores antigas e desatando silêncios enferrujados. É a poesia feita pelo negro brasileiro consciente.

Na Literatura Negra, a emoção combate a neutralidade, e a experiência de vida surge denunciando o que durante muito tempo ficou escondido pelo silêncio: discriminação, desigualdade, violências inúmeras. Segundo Fanon (2008, p. 33):

Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.

A situação, não se movimentando em sentido único, deve influenciar a expressão.

Portanto, a Literatura Negra configura-se como uma resposta à marginalização histórica sofrida pelo negro ao longo dos anos e se representa enquanto voz que fala contra todas as formas de discriminação.

5 ANÁLISE: A TRAJETÓRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM SEUS DIÁRIOS

5.1 A TRAJETÓRIA DA ESCRITA

Ao falar da trajetória de Carolina Maria de Jesus, adotaremos como base seus diários – *Quarto de despejo* (1960), *Casa de Alvenaria* (1961), *Diário de Bitita* (1986) e *Meu estranho diário* (1996) – estes dois últimos publicados postumamente. Embora as edições realizadas para a publicação dos diários tenham contribuído para um certo distanciamento da enunciação original de Carolina Maria de Jesus revelada nos manuscritos, trataremos aqui de uma trajetória de sua escrita e de sua vida que foi publicada.

Como ela estudou apenas o suficiente para aprender a ler e escrever (um pouco mais que um ano), o autodidatismo a acompanhou por toda a vida, aprendendo inicialmente com a leitura de obras de escritores consagrados, principalmente do romantismo brasileiro. Carolina Maria de Jesus procurou aprimorar sua linguagem, a princípio sozinha, depois, teve o auxílio da filha Vera Eunice. Destacaremos aqui essa evolução autodidata.

Quarto de despejo é iniciado com os relatos de 15 de julho de 1955, uma data comemorativa para a família:

15 DE JULHO Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. (JESUS, 1963, p. 9)

Sobre a linguagem de Carolina, é possível perceber a utilização de períodos curtos, com os fatos relatados de forma clara e objetiva. A esses períodos, coordenados por vezes de modo assindético, Silva (2018) chama de “parataxe da miséria”:

A parataxe da miséria diz respeito não apenas à abolição das hierarquias entre os elementos responsáveis por subordinar certos argumentos norteadores de uma proposição, mas também à aposição sem ordem aparente de elementos disparatados da miséria imperante – formando um catálogo de desgraças e pequenas alegrias –, além de um emprego livre dos

tempos verbais (presente, passado e futuro). É de se notar que – mesmo se a impressão de parataxe da miséria tiver sido, em certa medida, criada pelas próprias intervenções editoriais de Audálio Dantas – o efeito de uma aposição de elementos disparatados da miséria encontra-se na forma em que o próprio texto veio a ser publicado e ajuda a explicitar o que está em jogo na interseção entre a biografia da autora, o livro o referente e o editor. (SILVA, 2018, p. 101)

Assim, a narrativa justaposta, a fragmentação narrativa (própria do diário¹⁷), a contabilidade da miséria (“Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne”), e o emprego livre de tempos verbais (“pretendia”, “impede”, “somos”, “acabou” ...) compõem a “parataxe da miséria” apresentada em *Quarto de despejo* e também em *Casa de Alvenaria*.

A grafia adotada por Carolina é mantida da forma como estava nos manuscritos, com algumas correções feitas por Dantas. Há, portanto, falhas ortográficas, como a omissão do acento gráfico em algumas palavras (“generos alimenticios” e “açucar”); ocorrência de marcas da oralidade como “maguar” (“Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente” (JESUS, 1963, p. 69)) e “recheiado”; erro de concordância verbal – “Tem **pessoa** que quando me vê passar **saem** da janela ou fecham as portas” ” (JESUS, 1963, p. 69, grifo nosso); troca de consoantes como “cosinha”, “civilisados”. Todas essas ocorrências de desvio da norma padrão marcam a oralidade presente na enunciação de Carolina Maria de Jesus, refletida pela pouca escolaridade da escritora, resultante da falta de tempo e de oportunidade para aprender as normas. No entanto, não dificultam a compreensão e o entendimento do enunciado, e representam uma marca no discurso diarístico da escritora em suas primeiras publicações.

Em *Diário de Bitita* as discordâncias com a norma culta diminuem:

Eu achava bonito ouvir a minha mãe dizer: – Papai! – E o vovô responder-lhe: – O que é, minha filha? Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe.

Várias vezes pensei em interrogá-la para saber quem era o meu pai. Mas faltou-me coragem. Achei que era atrevimento da minha parte. Para mim, as pessoas mais importantes eram a minha mãe e o meu avô. (JESUS, 2014a, p. 14-15)

As orações continuam com a presença da justaposição, predominantemente curtas e objetivas. O diálogo entre os personagens, apesar de ser corretamente pontuado, ocorre dentro do mesmo parágrafo, fazendo com que o leitor fique atento

¹⁷ Segundo Lajolo (2011) citado por Silva (2018) a estrutura fragmentada do diário é particularidade do próprio gênero.

às vozes para não misturá-las. O desvio na colocação pronominal – “Mas faltou-me coragem” – representa uma ânsia em se buscar a norma culta e de se distanciar da linguagem cotidiana (fenômeno sociolinguístico da hipercorreção). Apesar disso, é notável o autodidatismo na linguagem da escritora.

Com o objetivo de sanar dúvidas quanto a essa evolução (geradas pela edição do diário na França), é possível comparar a linguagem de *Diário de Bitita* com as cartas que Carolina produziu. Segundo Oliveira (2018, p. 114), há no arquivo de Carolina sete cartas, organizadas por Sérgio Barcellos¹⁸, que não se tem certeza se foram enviadas. O trecho a seguir é de uma carta datada de 31 de dezembro de 1976, um pouco mais de um mês antes da morte da escritora, direcionada ao diretor de cinema Gerson Tavares, com o qual Carolina Maria de Jesus estava trocando correspondência em virtude da possível produção de um filme sobre a vida dela, o qual não foi realizado devido à morte da escritora.

Senhor Gerson Tavares,
 Desejo-lhe felicidade no ano que se inicia. E agradeço-lhe o cartão que me enviou. Escrevo-lhe para relatar como é que surgiu a favela do Canindé.
 No ano de 1948, o general Craveiros Lopes, de Portugal, vinha visitar o Brasil. Ele ia percorrer várias ruas de São Paulo. Não havia casas para o zé povinho, que dormia debaixo dos viadutos e nos terrenos baldios. Então, o Dr. Adhemar de Barros mandou procurar um terreno às margens do rio Tietê, para que os pobres pudessem ficar ali e construir seus barracões.
 E o Dr. Adhemar nos deixou nas margens do Rio Tietê, para que os pobres pudessem ficar ali e construir seus barracões.
 E o Dr. Adhemar saía à noite com os carros de bombeiros, carros do Estado, caminhões e os pobres que eles iam encontrando pelas ruas, ia obrigando-os a entrarem nos caminhões.
 As mulheres choravam dizendo: “Eles vão nos matar, porque nós somos pobres”. Quando o Dr. Adhemar nos deixou nas margens do rio Tietê disse: “Eu aqui vos deixo! E vocês constroem os seus barracões. A prefeitura vai dar um lote de 8 de frente e 12 de fundo para cada família. Pretendo retirá-los daqui, quando eu for presidente do Brasil. Vocês devem mandar os seus filhos às escolas, porque o homem analfabeto, é um esbulho para o nosso Brasil. Quando necessitar de algo, procure a D. Leonor. Eu conto com os votos de vocês”. Eram quatro horas da manhã. Enquanto o Craveiro Lopes permaneceu em São Paulo, nós, os pobres, não podíamos sair nas ruas – outro detalhe: quando o senhor Manoel dormia na favela, ele usava ceroula e camiseta. E as vezes nós acordávamos com alguém batendo batucada nas tábuas do meu barracão. – O senhor conta quantos personagens tem o livro? – Não anotei. Será que o senhor conseguirá mostrar uma favela nas margens de um rio? (JESUS, 1976, citado por OLIVEIRA, 2018, p. 116)

Conforme se observa, a carta possui um trecho com o relato de como a favela do Canindé surgiu. Este relato tem uma linguagem perceptivelmente mais elaborada

¹⁸ JESUS, Carolina Maria de. Cartas de Carolina Maria de Jesus. In: BARCELLOS, Sérgio. **Acervo dos escritores mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte, MG, 1976.

do que em *Quarto de despejo*. Há uma diferença observada na construção das orações e das relações entre elas, como no uso de conectivos que marcam progressão referencial (“então”, “para que”, “quando”, “enquanto”, “e”), uso de orações subordinadas: “... quando eu for presidente do Brasil”, “... para que os pobres pudessem ficar ali”; presença de orações coordenadas sindéticas: “... porque nós somos pobres”. Há alguns deslizes ortográficos, como a falta da crase em “as vezes” e como a colocação pronominal “E agradeço-lhe o cartão” porém estas ocorrências podem estar relacionadas com distração da escritora, uma vez que o vocábulo “às vezes” já foi escrito corretamente anteriormente, bem como as regras da colocação pronominal foram corretamente observadas em outras passagens. É possível encontrar falha na pontuação ao separar o sujeito do predicado por meio da vírgula no trecho “porque o homem analfabeto, é um esbulho para o nosso Brasil”.

Estas considerações sobre a linguagem utilizada por Carolina Maria de Jesus em seus diários são importantes porque a ordem de publicação dos diários não será seguida para a construção da trajetória de vida da escritora, ficando esta variação marcada na representação dos relatos. Assim, para a trajetória da sua infância e da sua adolescência, será utilizada a análise do *Diário de Bitita*, publicado postumamente em 1986. A vida na favela é relatada em *Quarto de despejo*, publicado em 1960. A saída da favela e o sucesso são relatados em *Casa de alvenaria* (1961). *Meu estranho diário* traz relatos com base nos manuscritos de Carolina que integram os dois primeiros diários de Carolina Maria de Jesus, sem edição de Audálio Dantas, trazendo narrativas da vida escritora até a mudança para Parelheiros, em 1963.

5.2 INFÂNCIA

Carolina começa seu relato da infância em primeira pessoa, com dados aparentemente precisos (como o valor pago pelo terreno) e detalhes que nos fazem pensar que ela voltou no tempo. De início, sua memória atenta para coisas que a marcaram em vida:

Os pobres moravam num terreno da Câmara: “o Patrimônio”. Não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço do terreno foi cinquenta

mil-réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar os seus filhos ao relento (JESUS, 2014a, p. 13).

Neste relato que inicia o *Diário de Bitita*, Carolina deixa a entender que, apesar de conhecer a pobreza desde a infância, dessa vez, ela não estava entre “os pobres”, ou seja, entre aqueles que precisavam de intermediação pública para ter onde morar. Por perseguir tanto o sonho de ter um local próprio de moradia, antes de descrever sua casa humilde (casa coberta de sapé e chão de barro), ela comenta sobre a posse do terreno, comprado pelo avô, para que os filhos não ficassem ao relento, fato realmente marcante para quem viveu grande parte da vida em situação de despejo.

Além disso, é importante destacar a questão da água que também aparece no início de suas memórias (“Não tinha água”) e foi um problema persistente na sua vida. Para compreender melhor essa questão, é necessário abrir um parênteses na narrativa da infância e avançar no tempo, quando ela vivia na favela. *Quarto de despejo* não deixou claro ao leitor o suplício de Carolina Maria de Jesus para obter água, devido aos cortes feitos pelo editor. No entanto, em *Meu estranho diário* os relatos foram integralmente transcritos, deixando claro que a água representava um grande transtorno para ela:

30 de outubro de 1958 Deixei o leito as 5 horas e fui carregar agua. Que suplicio! a minha lata esta furada, e eu não sei quando poderei comprar outra. (JESUS, 2014a, p. 33)

31 de outubro de 1958 Dêixei o leito as 5 horas e fui carregar agua. Que bom! Não tem fila. Porque esta chovendo. (JESUS, 2014a, p. 36)

6 de novembro de 1958 Deixei o leito as 4 horas para escrever. Quando aurora surgiu eu fui carregar agua. (JESUS, 2014a, p. 49)

20 de novembro de 1958 Dêixei o lêito as 5 horas e fui carregar agua. – Que fila! Aquilo é a fila do inferno! (JESUS, 2014a, p. 82)

1 de dezembro de 1958 Dêixei o lêito as 5 horas e fui fazer a pinitência: carregar agua (JESUS, 2014a, p. 104)

2 de dezembro de 1598 Dêixei o lêito as 5 horas e fui para o purgatório – A fila de água estava enorme. Eu ando com dó dos favelados. Que levantam as 3 horas para pegar agua para os Nortistas isto é comum. Mas, para os paulistanos isto é um calvario. (JESUS, 2014a, p. 105)

Por esses trechos é possível perceber que Carolina acordava cedo para buscar água para cozinhar, tomar banho e realizar os afazeres diários. Onde a torneira estava representava um local comum de encontro diário entre os favelados e, além das filas longas, havia o contato inevitável com os problemas da favela, que começavam ali para Carolina. Assim, moradia e água marcaram Carolina negativamente.

Voltando às memórias, no trecho “Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre”, ao mencionar a compra, algo incomum a muitos negros da época, é possível perceber o orgulho de Carolina pela ação do avô que “não queria morrer e deixar os seus filhos ao relento”. O avô se chamava Benedito José da Silva, escravo liberto com o fim da escravidão, segundo Bitita, “não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje” (JESUS, 2014a, p. 13). Bitita ouvia as histórias do avô, a respeito de suas origens e da época da escravidão. Ele também era muito conhecido em Sacramento por saber fazer orações em favor de diversas causas e pela inteligência. Quando adoeceu, Bitita relatou:

Eu deixava de brincar e sentava-me ao lado da cama. O meu avô me olhava. Depois fechava os olhos. Eu ficava preocupada fitando o seu rosto, o seu nariz afilado. Eu queria ser bonita igual ao vovô. Que linda boca. Não tinha o nariz chato da raça negra. O vovô era descendente de africanos. Era filho da última remessa de negros que vieram num navio negreiro. Os negros cabindas, os mais inteligentes e os mais bonitos.

(...) De cinco em cinco minutos chegava alguém que ia perguntar:

– O senhor Benedito está melhor?

– Que homem bom! Ele vai para o céu.

Elogiavam-no. Ele nunca brigou com alguém. Nunca foi preso. Não ir preso era menção honrosa. Pensava: “O vovô chegou ao mundo antes, e eu vim depois. Quero ouvir o que falam dele para saber como foi que ele viveu”.

Destaca-se também neste trecho a “menção honrosa” ao avô por não ter sido preso, já que o negro era perseguido pela polícia. Muito curiosa por suas origens, a infância de Carolina Maria de Jesus também é marcada pela falta do pai, que ela não conheceu. O pouco que ela sabia dele ouvia de relatos de pessoas. Ele se chamava João Candido Veloso, tocava violão e não gostava de trabalhar. A presença do avô era a referência masculina positiva que Bitita tinha em casa, apesar de sentir falta de uma relação paterna: “Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe” (JESUS, 2014a, p. 13).

Bitita se apresenta como uma menina muito esperta, curiosa e questionadora. Para muitos, como para a tia, isto era visto como malcriação: “Ela é mal educada”; “Bate, Cota! Bate nessa negrinha!” (JESUS, 2014a, p. 14). A princípio, seus questionamentos revelam muita ingenuidade, mesmo para uma criança: “O que será quatro anos? Será doença? Será doce?”; “Queria ver o que era baile” (JESUS, 2014a, p. 15). Ao ver duas mulheres brigando por homem, ela queria saber se homem era tão bom assim, se comparava-se com cocada, pé de moleque, batata frita, bife, etc. Perguntou certo dia à mãe se ela era gente ou bicho. “Será que as estrelas falam?”

(JESUS, 2014a, p. 16). Percebe-se nesses trechos a construção de passagens com certo tom de humor ao atribuir tanta ingenuidade à época de criança.

Segundo Bitita: “as minhas ideias variavam de minuto a minuto iguais às nuvens no espaço que formam belíssimos cenários, porque se o céu fosse sempre azul não seria gracioso” (JESUS, 2014a, p. 15). Assim, a narrativa da infância vai sendo costurada pelas percepções da narradora adulta com sua habilidade em criar imagens por meio de comparações. A menina segue contando suas proezas como quando colocou na cabeça que queria ser homem para ter força e derrubar uma árvore, conforme viu um homem fazer, queria ser correto, não beber pinga, não roubar. A menina importunou a mãe um dia todo por isso (“Quando eu queria algo, era capaz de chorar horas e horas” (JESUS, 2014a, p. 16).

Bitita revela as falas preconceituosas que recebia das vizinhas: “– Dona Cota, espanca essa negrinha! Que menina cacete! Macaca” (JESUS, 2014a, p. 16); “– Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu matava” (JESUS, 2014a, p. 18). Bitita ia tentando construir sua identidade em relação a sua cor, “Eu pensava que era importante porque a minha madrinha era branca” (JESUS, 2014a, p. 17). O tratamento negativamente diferenciado com relação ao negro deixava a menina confusa:

Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo, diziam:
 – Negrinha! Negrinha fedida!
 A avó de minha mãe dizia:
 – Eles são como os espinhos, nascem com as plantas.
 Não compreendi, mas achei tudo isso tão confuso! Por causa dos meninos brancos criticarem o nosso cabelo:
 – Cabelo pixaim! Cabelo duro!
 Eu lutava para fazer os meus cabelos crescerem. Era uma luta inútil. O negro é filho de macaco, que vontade de jogar pedras.
 O meu prazer era ver uma menina branca suplicar-me:
 – Bitita, atira uma pedra naquela manga pra mim.
 Eu tinha alvo, era só jogar e acertar. Pensava: “Mesmo sendo preta, tenho alguma utilidade” (JESUS, 2014a, p. 95).

Assim, Carolina percebia-se negra em contato com os brancos. E foi notando que, na relação com o branco, o negro era inferiorizado, isto a deixava triste e a questionar:

Fui ficando triste. O mundo há de ser sempre assim: negro para aqui, negro, para ali. E Deus gosta mais dos brancos do que dos negros. Os brancos têm casas cobertas com telhas. Se Deus não gosta de nós, por que é que nos fez nascer? (JESUS, 2014a, p. 95)

Além desta questão do negro *versus* branco, as memórias de Carolina Maria de Jesus também remetem às comidas da infância, algo ressaltado pela presença constante da fome na maior parte da sua vida. Assim, Bitita conta o que almoçou no dia do batismo, qual a sobremesa, como era gostoso comer, queria repetir, as comidas das festas de populares como a Congada, as Festas Juninas, coisas que remetem ao sofrimento de Carolina na batalha contra a fome: “Eu achava o mundo feio e triste, quando estava com fome. Depois que almoçava, achava o mundo belo” (JESUS, 2014a, p. 28). Essa fome da infância era sentida entre uma refeição e outra, diferente da que Carolina passou na favela do Canindé e depois.

Carolina quer deixar bem claro que, desde pequena, ela tinha opinião firmada e relata o episódio de seu batismo: após o batismo, Bitita ia todos os dias na casa da madrinha branca, aguardando receber um doce, até que ela percebeu que a madrinha não estava gostando disso e nunca mais voltou na casa dela, nem mesmo foi ao seu velório devido à opinião firmada.

Ao falar da festa dos negros, a menina nota que os brancos não participavam delas. Há uma passagem que conta sobre um artista que não tinha as pernas e se apresentou na festa tocando violão, mas as pessoas não gostaram e isso chamou a atenção de Bitita:

Vaiaram o pobre homem!
- Fora! Vai tocar lá na China!
Que gargalhada. Todos sorriam, menos eu.
Porque a tristeza que notei no rosto do artista revelava que deveria existir qualquer coisa funesta na sua vida. Seria o complexo por não ter as pernas?
(JESUS, 2014a, p. 27).

Este trecho, que revela o compadecimento da menina com o artista, lembra muito a forma como Carolina Maria de Jesus foi recebida pela sociedade quando ela se apresentava como poetisa ou como cantora. Até mesmo há a ironia de reconhecerem nela uma escritora. O fato de a menina não rir, talvez não seja por ter conseguido perceber algo no interior desse homem, algo complexo para uma criança, mas porque essa memória remete também à trajetória da própria escritora.

Bitita contou que, certa vez, o filho do juiz lhe roubou uma lima e, como sempre cobrava dele a lima roubada, um dia o menino jogou nela um monte de limas. Ela bateu boca com o garoto, depois também com o pai dele, o doutor Brand. Falou que o filho roubava frutas e abusava das meninas. Ao perceber que o homem ia bater nela, ela citou o que Rui Barbosa dizia sobre a conduta dos brancos. O juiz desistiu de bater

nela e se mudou da cidade. Bitita ficou bem vista na cidade por defender os mais fracos. (JESUS, 2014a, p. 32-35). Atitude essa que lembra muito a Carolina Maria de Jesus quando morava na favela do Canindé e era chamada para tomar parte em brigas e discussões, ou para defender os favelados.

Sua memória mantém o mesmo tom crítico e de denúncia contra os maus-tratos dos patrões e patroas contra os negros que trabalhavam para eles, contra a polícia analfabeta, contra políticos, denunciava o abuso sexual das meninas negras pelos filhos dos patrões.

Com a chegada dos italianos, muitos negros passaram a trabalhar para eles por um salário que o negro não sabia o que fazer com ele. Então compravam roupas e sapatos. Enquanto que os italianos compravam mais terras e construíam casas de aluguéis nas cidades.

Acostumada a não questionar, a mãe colocou a menina na escola para obedecer ao pedido de uma mulher branca, a D. Maria Leite: “Minha mãe era tímida. E dizia que os negros devem obedecer aos brancos, isto quando os brancos têm sabedoria” (JESUS, 2014a, p. 126). A personalidade da mãe e a de Carolina eram totalmente opostas. Carolina Maria de Jesus desde cedo demonstrava que era de opinião e procurava se impor em qualquer situação, independente se o interlocutor era negro ou branco. Já a mãe “dizia que o protesto ainda não estava ao dispor dos pretos” (JESUS, 2014a, p. 137).

Antes de narrar que foi pega em flagrante roubando manga no quintal da vizinha, Carolina Maria de Jesus previamente defende sua honestidade que, para ela, é algo inquestionável:

Mas não sentia tranquilidade interior. O meu subconsciente me advertia que havia praticado um ato indigno. Eu não tenho coragem de roubar. Devo e deverei lutar para conseguir tudo com honestidade. Tinha a impressão de que alguém sussurrava nos meus ouvidos – seja honesta, seja honesta, seja honesta –, como se fosse um tique taque de um relógio (JESUS, 2014a, p. 57).

Essa necessidade de assegurar sua honestidade, mesmo quando criança, é uma forma de se contrapor ao estereótipo instituído de que a criminalidade é intrínseca ao negro. Assim, ações que, para uma criança branca, soariam como peraltices da infância criança, para o negro, representavam indícios de criminalidade e desonestidade.

Ao narrar o episódio desse “flagrante”, Carolina Maria de Jesus mostra-se muito esperta ao responder à dona do quintal:

– Então é você quem rouba as minhas frutas. Negrinha vagabunda. Negro não presta.
 Respondi:
 – Os brancos também são ladrões porque roubaram os negros da África. Ela olhou-me com nojo.
 – Imagina só se eu ia até a África para trazer vocês... Eu não gosto de macacos.
 Eu pensava que a África era a mãe dos pretos. Coitadinha da África que, chegando em casa, não encontrou os seus filhos. Deve ter chorado muito (JESUS, 2014a, p. 58).

Mais uma vez se percebe que, desde pequena, Bitita recebe expressões racistas, tanto de parentes quanto de outras pessoas, no caso, a vizinha, como “negrinha vagabunda”, “negro não presta”, “macacos”. Ao ser ofendida na sua etnicidade, a menina desconta referindo-se aos brancos também como ladrões ao tirarem os negros, à força, da África, atribuindo a este continente características de mãe sofredora (“a mãe dos pretos”, “coitadinha”, “chorado muito”, “não encontrou seus filhos”).

Bitita conhecia a história da escravidão por meio de seu avô:

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupávamos ao redor de vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão. Falava dos Palmares, o famoso quilombo em que os negros procuravam refúgio. O chefe era um negro corajoso de nome Zumbi. Que pretendia libertar os pretos. Houve um decreto: quem matasse o Zumbi ganharia duzentos mil-réis e um título nobre de barão. Mas onde é que já se viu um homem que mata assalariado receber um título de nobreza! Um nobre para ter valor tem que ter cultura, linhagem (JESUS, 2014a, p. 60-61).

Bitita ia aprendendo sobre a história de seu avô e de seus antepassados. História cheia de sofrimento e também de muita coragem, de luta e de perseverança. Do avô, Carolina também herdou a religiosidade cristã, que aparece de forma sincrética durante a vida de Carolina Maria de Jesus:

O meu avô rezava o terço. Quem sabia rezar era tratado com deferência especial. Ele recebia convites para ir rezar nos locais distantes. Depois do terço, nós bebíamos licor de abacaxi, e os comestíveis eram variados. Broa de fubá, biscoito de polvilho. Eu ficava vaidosa por ser a neta de um homem que sabia rezar o terço, convencida de que éramos importantes. Eu preferia o arroz-doce preparado com leite puro (JESUS, 2014a, p. 60).

O orgulho do avô é algo muito presente na memória de Carolina, conforme se percebe no trecho, bem como também se observa novamente a descrição das comidas da infância da escritora.

Sobre a mãe de Carolina, Bitita narra que ela nasceu na roça, casou-se ao atingir a maioridade com o senhor Osório Pereira, em um casamento arranjado (ele queria livrar-se da tutela – regime de adoção de crianças negras por famílias ricas para a realização de tarefas que antes eram realizadas por escravos). Desse casamento resultou um filho, o Jerônimo Pereira. Sobre este irmão, as recordações de Bitita não são muito positivas. Ela pensava que ele era o favorito da mãe, por ser mulato e filho legítimo do casamento, já que Carolina Maria de Jesus era fruto de um outro relacionamento da mãe: sem amor no casamento e sem recursos (o marido não sustentava a casa), a mãe começou a trabalhar fora (o que para a época era um absurdo, a mulher casada só deveria trabalhar no seu lar); com essa liberdade, ela passou a frequentar bailes, onde conheceu o pai de Carolina. A separação da mãe de Carolina ocorreu logo após o nascimento dela, com a certeza de que a menina era fruto do relacionamento extraconjugal (JESUS, 2014a, p. 71-72). Osório Pereira casou-se novamente, dessa vez com uma mulher branca que parecia sua avó (“ele dizia que mulher branca não tem idade” (JESUS, 2014a, p. 72)). Bitita relata:

Minha mãe ficou com dois filhos para manter. Minha mãe disse que bebeu inúmeros remédios para abortar-me, e não conseguiu. Por fim desistiu e resolveu criar-me. Não fiquei triste nem revoltada, talvez seria melhor não existir. Porque eu já estava compreendendo que o mundo não é uma pétala de rosa. Há sempre algo a escravizá-lo (JESUS, 2014a, p. 73).

Bitita metaforiza sua vida como um mundo escravizado, uma batalha contra a morte desde o ventre materno. Voltando ainda mais nas memórias, chega na época de bebê, quando ficava com siá Maruca, a mulher que morava com o avô, porque sua mãe trabalhava. Bitita relata que chorava tanto quando bebê que, certo dia, siá Maruca deu pinga para ela beber. Quando a mãe chegou, vendo-a desacordada, levou a filha em uma consulta com o médico espírita, Sr. Eurípedes Barsanulfo. Pela narrativa a seguir, é possível perceber que Bitita está predestinada a algo:

Minha mãe queixou-se que eu chorava dia e noite. Ele disse-lhe que o meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar os miolos, que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explicou-lhe que até aos vinte e um anos eu ia viver como se estivesse sonhando, que a minha vida ia ser atabalhoada. Ela vai adorar tudo o que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa. E sorriu. Deu-me uns remédios pra vomitar o álcool e disse com voz enérgica:
– Você... nunca há de beber. O álcool é péssimo promotor. Porque hei de auxiliá-la sempre (JESUS, 2014a, p. 73-74).

Bitita, portanto, se apresenta como predestinada, desde bebê, a ser “poetisa”. Neste trecho, chama também atenção a fala a respeito da bebida, que era uma grande

causa de ruína dos negros, sendo rechaçada pela Carolina Maria de Jesus adulta. O fato de o médico espírita dizer que irá “auxiliá-la sempre” remete à certa mediunidade que a escritora apresentou enquanto adulta, apesar de negar ser espírita, não atentando para o sincretismo de sua religiosidade.

Conforme a menina ia crescendo, observava a vida dos adultos e ia tirando suas conclusões:

Eu não queria ficar grande, a vida dos grandes é antipática. Ficava nervosa quando mamãe dizia que eu estava crescendo.
Eu já estava conformada: os negros não tinham possibilidades de morar nas casas bonitas com vidraças e jardins. Minha mãe me dizia:
– Minha filha, é tolice ambicionar o que não podemos conseguir, poderemos ser felizes morando dentro de uma casca de ovo.
Que vontade de morar numa rua calçada e com luz elétrica. Mas as ruas que eram calçadas, iluminadas, eram para os ricos. A luz dos pobres eram as lamparinas e querosene e o ferro a carvão.
Os meus parentes bebiam pinga e ficavam embriagados. Brigavam, quebravam os móveis. Que suplício para quem não bebe permanecer no meio dos ébrios! Eu chorava porque queria ficar livre daquele ambiente (JESUS, 2014a, p. 82).

Para Bitita, crescer era um problema por perceber que suas expectativas diante do futuro não eram as melhores. Além disso, havia no âmbito familiar da menina a violência, promovida muitas vezes pelo excesso de bebida. No entanto, o avô procurava animar os netos ao dizer que esta realidade dos negros estava mudando:

O vovô nos contava que os pretos que moravam nas cidades grandes já sabiam ler e tinham até dinheiro nos bancos. Ele não sabia ler, mas procurava saber se os negros já estavam subindo na esfera social. “Oh!”, exclamávamos admirados (JESUS, 2014a, p. 83).

Ao saber de negros pertencentes a outra realidade social que não a sua, Bitita ia pensando nos caminhos a percorrer para superar a então predestinação miserável do negro. Um caminho era o estudo, todavia, o contato da menina com o ambiente escolar não foi dos mais agradáveis:

Minha mãe foi falar com a professora. Eu acompanhava. Quando entramos na escola, fiquei com medo. Nas paredes havia uns quadros do esqueleto humano. O salão era amplo e as classes eram nos cantos. O período matinal era destinado ao quarto ano. [...] Quando eu olhava os quadros dos esqueletos, o meu coração acelerava-se. Amanhã, eu não volto aqui. Eu não preciso aprender a ler. É que eu estava revoltada com os colegas de classe por terem dito quando eu entrei:
– Que negrinha feia!
Ninguém quer ser feio.
– Que olhos grandes, parece sapo.
Minha mãe era pobre. Dona Maria Leite insistiu com mamãe para enviar-me à escola. Eu fui apenas para averiguar o que era escola (JESUS, 2014a, p. 125-126).

Bitita não gostou da aparência da escola e da receptividade negativa dos alunos, apanhou da mãe algumas vezes mas, com motivação da professora, passou a se dedicar nos estudos. Uma motivação com base nos aspectos raciais uma vez que a professora fazia os alunos negros competirem com os brancos e, nesta competição, ninguém queria sair perdendo. No seu primeiro dia de aula, ela aprendeu que deveria deixar de mamar no peito da mãe e também descobriu que seu nome era “Carolina Maria de Jesus” (ela pensava que se chamava Bitita apenas). Assim que aprendeu a ler, não parou mais:

Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance *Escrava Isaura*. Eu, que já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão, decidi que deveria ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava. Analisei o livro. Compreendi que naquela época os escravizadores eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, e os que são cultos não aceitam o jugo da escravidão (JESUS, 2014a, p. 129).

O tempo de frequentar as aulas acabou antes da conclusão do segundo ano de estudo, quando a mãe de Carolina juntou-se com o Sr. Romualdo e este acreditava que o lugar apropriado para os pobres era na roça:

Foi com pesar que deixei a escola. Chorei porque faltavam dois anos para eu receber o meu diploma. Único meio foi resignar-me, porque a decisão paterna vence.

Minha mãe encaixotava os nossos utensílios, eu encaixotava os meus livros, a única coisa que eu venerava (JESUS, 2014a, p. 131).

Além da dor de deixar a escola, um novo medo rodeava a cabeça da menina, a fome:

Eu ficava pensando: “Será que poderemos viver no mato?”. Estava com medo de passar fome. “Isto aqui é muito triste. Não tem atração”. Minha mãe acariciou-me e disse-me:

– Eu nasci na roça. E me criei na roça. Foi o único período de minha vida que fui feliz. Ainda tenho saudades dos tempos em que fui menina. Você, quando era menor, não queria crescer. Eu também não queria. Ninguém quer crescer, mas todos crescem.

Eu já sabia que as leis da natureza são imutáveis. Percorri os olhos ao redor. Apenas árvores e um céu azul com disco solar tépido. Minha mãe prosseguia:

– Eu comecei a sofrer depois que fui residir na cidade, foi na cidade que aprendi a gostar dos vícios, a cidade nos empolga e nos destrói (JESUS, 2014a, p. 132).

O medo de passar fome aparece, pela primeira vez, na narrativa da menina, bem como a correlação entre vida urbana e os seus vícios. Bitita também destaca

neste trecho a sociedade machista e patriarcal, onde prevalece a vontade do homem, então, as duas deixaram a cidade de Sacramento.

Não há referência a quais livros Bitita possuía. Mas ela diz que “nas horas vagas, eu lia Henrique Dias, Luís Gama, o mártir da Independência, o nosso Tiradentes” (JESUS, 2016a, p. 133). Pela leitura, Bitita ia “adquirindo conhecimentos sólidos” (JESUS, 2016a, p. 133). Aos poucos, a nova vida no campo foi encantando Bitita:

Eu estava enamoradíssima da nova vida. Estava desligando-me da compra de quilos de arroz e familiarizando-me com os sacos de cem quilos e com o paiol. Todos tinham possibilidades de fazer doces. Mamãe fazia arroz-doce com leite puro. Eu comia. Ela perguntava:

– Quer mais?

Aquele quer mais ficava eclodindo no meu cérebro. Ganhávamos o leite, o açúcar. O arroz nós plantávamos. Que tranquilidade, não tinha a polícia nos nossos calcanhares. Que silêncio para dormir! (JESUS, 2014a, p. 134)

A fartura e a tranquilidade do campo permitiam que Bitita tivesse uma vida estável e, além de trabalhar na roça, ela podia continuar a aprender com seus livros. No entanto, após quatro anos de trabalho, sua família foi expulsa da fazenda, sob a alegação do patrão de não darem lucro. Na verdade, segundo Bitita, “Nessas fazendas só o fazendeiro é quem tem o direito de ganhar dinheiro” (JESUS, 2014a, p. 138).

A volta para Sacramento não foi fácil, foi um sofrimento ajustar-se novamente aos costumes da cidade, como comprar alimentos por quilo, suportar a violência, a bebida e a perseguição policial aos negros. Para complicar a vida, apareceram feridas nas pernas de Bitita. Surgiu uma oportunidade para trabalhar na lavoura de café, em São Paulo, a família aceitou. No entanto, as condições de vida lá não eram as mesmas:

Não tínhamos permissão para plantar. O fazendeiro nos dava uma ordem de cento e cinquenta mil-réis para fazermos compras num armazém lá em Restinga. Tínhamos que andar quatro horas para ir fazer as compras, o dinheiro não dava. Comprávamos feijão, gordura e sal. Não tomávamos café por não ter açúcar. Não tinha sabão para lavar a roupa de cama. Que fraqueza!

Serviço tínhamos demais até, comida pouquíssima. No fim do ano, ele fazia um baile numa casa que eles diziam ser a fazenda velha. Comprava chope. Dava roupas velhas para os colonos. Até escovas de dentes usadas. Eu ficava olhando e pensando: “Isto é injustiça” (JESUS, 2014a, p. 140-141).

Os maus tratos nesta fazenda marcaram Carolina Maria de Jesus ao ponto de escrever o poema “O colono e o fazendeiro”¹⁹. A família saiu fugida, deixando para trás seus pertences, inclusive os livros de Bitita. Sobre sua experiência no campo, Carolina revela:

Eu não gosto dos fazendeiros da atualidade. Gostava dos fazendeiros da década de 1910 até 1930. Que incentivavam o pobre a plantar. Não expulsavam o colono de suas terras. Atualmente eles fazem assim: dão as terras para os colonos plantarem; quando vai-se aproximando a época da colheita, o fazendeiro expulsa o colono e fica com as plantações, e não paga nada ao colono. O fazendeiro tem uma atenuante: – As terras são minhas, eu pago imposto. Sou protegido pela lei. É um ladrão legalizado. E o colono vem para a cidade. Aqui ele transforma-se. O homem simples não sabe mais amainar a terra (JESUS, 2014a, p. 142).

Vivendo na cidade próxima à fazenda, agora sem nada, Carolina e a mãe conseguem trabalho apenas como domésticas. As patroas combinavam um valor e acertavam outro, decidiram voltar à cidade de Sacramento, Carolina já estava com as pernas cicatrizadas. Foi trabalhando como empregada doméstica em Sacramento, agora já adolescente, que Carolina foi acusada de roubar cem mil-réis do padre Geraldo Magalhães:

Eram dez horas da manhã. A notícia circulou.
– A Bitita roubou cem mil-réis do padre Geraldo Magalhães.
– Credo! Ela vai para o inferno!
Foram avisar mamãe. É a única pessoa que está sempre presente nas nossas alegrias ou nas desditas.
– Você roubou, Bitita?
– Não senhora! Eu nunca vi cem mil-réis.
Eu conhecia só as notas de cinquenta, vinte, dez, cinco, dois e um mil-réis. Fui presa por dois soldados e um sargento. Pensei: “Será que eles vão me obrigar a percorrer as ruas com as crianças gritando: a Bitita roubou cem mil-réis. – A Bitita roubou cem mil-réis!”
Compreendi que todos os pretos deveriam esperar por isso. Quando o soldado ia me bater, o telefone tocou. O padre avisava que havia encontrado o dinheiro na carteira de cigarros. Ele queria me pedir perdão. A família não consentiu dizendo que o negro tem a mentalidade de animal. A prova é visível, eles só sabem dançar e beber pinga. O padre disse que ia rezar, pedir a Deus que me ajudasse na vida. (JESUS, 2014a, p. 145-146)

Esta cena relatada por Bitita revela muitos aspectos em relação ao convívio dos negros e dos brancos. Apesar de haver muitas pessoas na casa para recepcionar o padre, que chegara de Roma, Bitita foi prontamente acusada de ter roubado o dinheiro, por ser negra. Ela presenciara muitos negros sendo presos, muitos

¹⁹ Poesia publicada no jornal Folha da Manhã, em 1941 e declamada várias vezes por Carolina em eventos na época do sucesso de *Quarto de despejo*.

certamente inocentes, como ela. Na época, havia um castigo social de carregar o ladrão pela rua enquanto as pessoas iam lhe dizendo palavras ruins, este era o medo de Bitita. A inocência dela era evidente, primeiro porque ela apenas ficava nas dependências da cozinha e do quintal, não circulava pela casa; segundo porque ela nem conhecia a nota que representava o dinheiro que havia sumido (“Eu nunca vi cem mil réis”). Mesmo assim, foi presa e já ia apanhar quando encontraram o dinheiro. A atitude da família em não permitir que o padre pedisse perdão à Bitita revela a ideologia predominante, desde a época da escravidão, com relação aos negros: que eles “tem a mentalidade de animal” pois “só sabem dançar e beber pinga”. O religioso acatou os argumentos e prometeu rezar pela menina.

As feridas nas pernas de Bitita tinham voltado, dificultando que a menina conseguisse um outro emprego na cidade como doméstica. Ela e a mãe aceitaram trabalhar em uma fazenda, prestando serviços domésticos. Bitita se animou:

Que fazenda! Eu era louca por terras. Invejava os que tinham terras para plantar. Compreendo que os que gostam não a têm. Mas o meu sonho era: “Não hei de morrer antes de adquirir uma gleba de terras para mim. Pretendo plantar muitos arvoredos” (JESUS, 2014a, p. 146).

Aqui, Carolina Maria de Jesus acaba justificando sua ação futura de deixar a cidade e morar no sítio em Parelheiros, fato que foi muito criticado, principalmente pela mídia, em 1963. Tratava-se da concretização de um sonho antigo. No entanto, voltando ao trabalho doméstico nas fazendas, este também não era reconhecido e Carolina e a mãe acabaram saindo da fazenda três meses depois, recebendo pelo trabalho apenas um terço do que tinha sido combinado de salário para as duas. A mãe reclamava pra ela “– Você sabe ler, e eles te fazem de palhaço.” (JESUS, 2014a, p. 148), enquanto ela prometia para si mesma “Prefiro pedir esmolas do que trabalhar para os fazendeiros” (JESUS, 2014a, p. 149). Difícil de superar a herança da escravidão: “Na Europa corria o boato que o negro do Brasil, por ter sido escravo, trabalhava de graça em troca de pinga e comida” (JESUS, 2014a, p. 161).

Em busca de tratamento, Bitita se depara com outra questão que lhe causou marcas antes da tão sonhada partida para São Paulo: a hospitalidade das pessoas. Ouvindo que em Uberaba tinha médicos, ela foi a pé até lá. Lembrou-se que uma preta conhecida morava nesta cidade, a dona Maria Leonaldo. Foi mal recebida – “A dona Maria disse-me que o único lugar disponível para eu dormir era no galinheiro” (JESUS, 2014a, p. 152). Para quem tinha dormido na estrada, ela decidiu ficar, mas não

conseguiu dormir no galinheiro, passou a noite no quintal. No outro dia, cedo, foi mandada embora dali e recebeu recomendações de procurar o Asilo São Vicente de Paulo. No asilo, foi acolhida, mas tinha que prestar serviços de lavadeira, e lavar as roupas de 30 pessoas asiladas. O excesso de trabalho não colaborava com a cura das feridas e ela decidiu retornar a Sacramento.

Sua mãe conseguiu trinta mil réis para que ela tentasse tratamento em Ribeirão Preto. Pagou vinte mil pela passagem e seis mil para dormir. Na Santa Casa, fizeram um curativo nas feridas e solicitaram para ela aguardar na cidade mais três dias para seguir o tratamento. Quase sem dinheiro, ela se lembrou de que uma tia morava nesta cidade e conseguiu chegar até a casa dela perguntando na rua. Segue o relato de como foi o contato com a tia:

Parei na porta e cumprimentei-a:

– A bênção, tia Ana!

Ela não me respondeu. Mesmo sem o convite de “vamos entrar”, eu entrei e sentei. Os meus pés estavam inchados dentro dos sapatos que os comprimiam.

Era sábado. A tia Ana disse-me:

– Você com certeza já jantou.

– Não senhora.

Ela dirigiu-me olhar furioso. Pôs um pouquinho de feijão e arroz e foi dizendo:

– Visitas de boca não me interessam. Visitas de braços, sim. Como foi que você descobriu a minha casa?

– Foi uma mulher quem me ensinou.

Minha tia Ana ficou furiosa, xingando:

– Ah, mulher infame, desgraçada! Ela que vá para o inferno!

Comi e fiquei com fome. Minhas primas estavam vestindo-se. iam fazer um baile, haviam alugado um salão. Decidiram que eu deveria ir porque não me conheciam e não podiam me deixar sozinha.

– Não sabemos se ela é ladra (JESUS, 2014a, p. 164).

A tia Ana era conhecida por todos da família como a mulata que não se misturava com negros e não deixava suas filhas namorarem negros, ao ponto de perder uma filha que faleceu desgostosa da vida por ter sido obrigada a se casar com um branco bêbado, estando apaixonada por um negro. A tia não apreciou a presença de Carolina, neste caso, não por ela ser negra, a tia já tinha desenvolvido um pouco mais de tolerância, mas por Bitita ser mais uma despesa. Bitita foi obrigada a acompanhar a família ao baile, mesmo estando mal vestida e com as pernas doendo demais:

Malvestida, eu era a gata borralheira naquele núcleo. Estava pedindo a Deus para que aquela quadrilha terminasse. Eu não sabia se prestava atenção na música, na dor que eu sentia ou na marcação da quadrilha. Os que dançavam sorriam, e eu com vontade de gemer. Que alívio quando a quadrilha terminou (JESUS, 2014a, p. 165).

Na volta, ela recebeu duas esteiras para dormir no chão da casa, mas não conseguiu dormir, devido à humidade e ao cheiro da poeira. No outro dia, ela foi orientada pela tia a sair pedir esmolas, e que não voltasse se não conseguisse nada. Com aproximadamente dezesseis anos, ela tentou pedir esmolas duas vezes e foi muito humilhada. Voltou à casa da tia e novamente foi humilhada, pegou suas coisas e resolveu voltar para Sacramento:

Procurei a estrada de rodagem pretendendo voltar para a minha terra a pé. Fui andando resignada. Era o início de minha vida, e o destino estava apresentando-me às pessoas desumanas que transitam por este mundo. Os tipos que pensam que são imortais, destituídos das belas qualidades, e com péssimas formações morais (JESUS, 2014a, p. 169).

Chegando à cidade de Jardinópolis, com muito receio de ser mal tratada, procurou a Santa Casa porém, dessa vez, foi bem recebida. Tomou banho, comeu e dormiu bem. As freiras fizeram curativos enquanto ela dormia. Mesmo sendo bem tratada, as feridas não se curavam. Com o passar dos dias, Bitita resolveu continuar sua caminhada até Sacramento:

Quando anoitecia, dormia nas margens da estrada. Será que a minha vida vai ser atribulada assim? Eu não quero pedir esmola. Não quero roubar. Quero ser honesta. Pensava constantemente e não encontrava solução. As pessoas que me viam andando pelas estradas ficavam olhando e comentando:

– Ela deve ser louca! (JESUS, 2014a, p. 172)

Passando pela cidade de Sales de Oliveira, Bitita viu uma placa de “Precisa-se de empregada”, foi aceita, ficou apenas quinze dias, até colocar em ordem a casa, e foi indicada para trabalhar na casa de um casal de médicos. Ali, recebeu tratamento médico, ganhou vestidos da patroa, encontrou novos livros para ler, inclusive um dicionário, o *Dicionário prosódico*, de João de Deus, com o auxílio do qual ela pode ler vários clássicos, com *Os Lusíadas*, de Camões. Mesmo assim, resolver continuar sua caminhada até Sacramento:

Decidi seguir para Sacramento. Levei os livros velhos que estavam no quatinho para eu ler. Quando cheguei à minha cidade, fui recebida com hostilidade pelos meus parentes. Eu já estava mais inteligente e observava as fisionomias rancorosas. Pensei: “Eles não sentem saudades”.

Minha mãe disse-me:

– Quando você chega, eu já sei que vou ter aborrecimentos. Eu já não lhe disse para você ficar por lá? Não é implicância, nem antipatia da minha parte, é para o seu próprio bem. É um espetáculo duro para mim presenciar eles te judiarem.

Mas eu que nas minhas andanças dormia debaixo das árvores, e era humilhada, já estava ficando insensível. Mostrei-lhes os meus vestidos. Ela achou bonito (JESUS, 2014a, p.177-178).

Assim, não houve receptividade nem por parte dos parentes da sua terra natal. A mãe já percebera que a filha não se encaixava mais naquele ambiente e sofria por isso. Bitita notou a diferença de pensamento entre ela e as primas que trabalhavam apenas para comprar roupas. Não havia a preocupação de construir algo além disso, como obter sua casa própria. Ela também ficou mal vista por viajar sozinha, mulher de família jamais faria isso, segundo familiares.

Bitita ia seguindo as orientações de uma freira que disse que as feridas sarariam se ela repousasse. Assim, em Sacramento, enquanto suas pernas iam cicatrizando, ela passava os dias lendo e aprendendo – “Por intermédio dos livros, eu ia tomando conhecimento das guerras que houve no Brasil, a guerra dos Farrapos, a guerra do Paraguai” (JESUS, 2014a, p. 179). Até que um dicionário chamou a atenção das pessoas:

Eu sentava no sol para ler. As pessoas que passavam, olhavam o dicionário e diziam:

– Que livro grosso! Deve ser o livro de são Cipriano.

Era o único livro que os incientes sabiam que existia e existe. Começaram a propalar que eu tinha um livro de são Cipriano. E comentavam:

– Então ela está estudando para ser feiticeira, para atrapalhar a nossa vida. O feiticeiro reza, e não vem chuva; o feiticeiro reza, vem a geada.

Quando a minha mãe soube, avisou-me:

– É melhor você parar de ler esses livros, já estão falando que é livro de são Cipriano, que você é feiticeira.

Eu dei uma risada estentórea. As pessoas que ficam esclarecidas e prudentes sabem conduzir-se na vida. “Eu quero sarar para sair daqui e não mais voltar.” (JESUS, 2014a, p. 179-180)

Não demorou muito e chegou ao ouvido do sargento que ela o havia xingado de farrapo humano e que estava fazendo feitiços. Ela foi presa e a mãe também, por tentar defendê-la. Ficaram presas por cinco dias, sem comer. Apanharam muito. As feridas de Bitita pioraram e a mãe quebrou o braço devido a uma das surras. Um primo pagou a fiança de vinte mil-réis, “Hei de considerar o meu primo Paulo como o meu único parente” (JESUS, 2014a, p. 183). Como não podiam trabalhar, passaram um tempo andando pelas roças pedindo esmolas até que decidiram deixar a cidade de Sacramento com destino às cidades do interior de São Paulo.

Em Franca, ambas procuravam empregos, mas ganhavam pouco, escolhiam entre comer ou morar, não dava para as duas coisas. Passaram a dormir em uma chácara de um palhaço de circo. Bitita ficou muito doente e algo inusitado ocorreu:

Por infelicidade minha, adoeci. Que febre que eu sentia. Estava com disenteria. Gemia dia e noite.

Deitada no chão da chácara do Chicholim, uma noite ouvi parar um carro e perguntar.

– É aqui que tem uma mulher doente?

Responderam que sim. O senhor Arnulfo de Lima entrou, me olhou e disse-me:

– É você mesma.

Disse que ele estava dormindo, na sua casa, e o meu espírito foi lhe pedir um auxílio: um colchão e um médico para examinar-me. Eu ainda não tinha terminado o meu ciclo de existência e não era a hora para desencarnar. Dei-lhe o meu endereço (JESUS, 2014a, p. 191).

O médico tratou de Bitita, aplicou-lhe uma injeção e, no outro dia, após um banho quente, a doença desapareceu. Ela não entendeu o que ocorreu, mas disse que começou a compreender que recebia uma proteção cuja origem desconhecia. Bitita já estava com aproximadamente vinte e dois anos.

A mãe resolveu deixar de seguir Bitita e voltou para Sacramento. Ela continuou a trabalhar como doméstica, na mesma vida sem expectativas. Até que, após trabalhar em várias casas, ficou sabendo de uma professora que precisava de uma criada para acompanhá-la até São Paulo. A capital era a promessa de melhoria de vida para muitos negros do interior. Eram muitas as histórias que circulavam por meio de cartas de parentes que diziam que lá era o paraíso. E assim, com muita esperança de dias melhores, encerra-se o tempo de Bitita no interior:

No dia da viagem, não dormi para não perder o horário. O trem saía às sete horas, mas eu cheguei à estação às cinco. Que alegria quando embarquei! Quando cheguei à capital, gostei da cidade, porque São Paulo é o eixo do Brasil. É a espinha dorsal do nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve ser o figurino para que este país se transforme num bom Brasil para os brasileiros.

Rezava agradecendo a Deus e pedindo-lhe proteção. Quem sabe ia conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranquilidade (JESUS, 2014a, p. 206).

A principal bagagem levada por Bitita a São Paulo foi a esperança. Esperança de dias melhores, de poder trabalhar e não passar fome e de poder comprar sua casa.

5.3 VIDA NA FAVELA

Carolina Maria de Jesus chegou em São Paulo em 1937, com aproximadamente 23 anos. Depois de 11 anos na cidade, sua esperança em dias

melhores já não era a mesma, a vida na cidade grande não era como tinha ouvido falar. Engravidou de uma menina, a qual chamou de Carolina Maria de Jesus, mas nasceu morta. Grávida de outro filho, o primeiro nascido vivo, deixou o trabalho de doméstica, conseguiu uma doação provisória de um terreno da prefeitura em um local que ficou conhecido como a “favela do Canindé”. Construiu pessoalmente seu barraco, antes de ganhar o filho João José. Seu modo de subsistência passou a ser catar papel nas ruas de São Paulo. Em 1950, nasceu seu segundo filho, José Carlos, e, em 1953, Vera Eunice. A rotina da vida na favela com seus três filhos foi publicada em *Quarto de Despejo*. Sem qualquer esperança de mudar de vida pelo trabalho braçal, Carolina Maria de Jesus passa a depositar na Literatura a esperança de modificar sua vida e, agora também, a de seus três filhos. Antes da publicação do diário no Brasil, ela tinha enviado seus cadernos para os Estados Unidos.

Em *Quarto de despejo* os relatos são datados inicialmente de 15 de julho de 1955, aniversário da filha Vera Eunice, e vão até o ano de 1960, com interrupções em alguns períodos dentro desses 5 anos. No dia do aniversário da filha, não há muito o que se comemorar:

15 de julho Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se (JESUS, 2014b, p. 11).

Diariamente, Carolina Maria de Jesus vende o lixo que recolhe para comprar os itens essenciais para a sobrevivência da sua família. O convívio na favela é complicado, principalmente com relação aos filhos:

18 de julho Levantei as 7 horas. Alegre e contente. Depois que veio os aborrecimentos. Fui no depósito receber... 60 cruzeiros. Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite, paguei o que devia e reservei dinheiro para comprar Licor de Cacao para a Vera Eunice. Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa assim que viu o meu filho José Carlos começou impricar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela (JESUS, 2014b, p. 15-16).

O ambiente da favela é caracterizado por Carolina Maria de Jesus como inferno (“Cheguei no inferno”). Neste trecho é possível estabelecer a relação entre a violência que os filhos sofrem e a inveja que ela desperta nas demais mulheres. Em outro trecho, a violência contra as crianças é relacionada à falta de cultura e de solidariedade dos favelados:

Veio a D. Sivia reclamar contra os meus filhos. Que os meus filhos são mal iducados. Mas eu não encontro defeito nas crianças. Nem nos meus nem nos dela. Sei que criança não nasce com senso. Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. O que aborrece-me é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade (JESUS, 2014b, p. 16).

As crianças acabam sendo um motivo para os demais favelados, em especial as mulheres, perturbarem Carolina Maria de Jesus, que possui uma rotina diferenciada por ter o costume de ler e escrever e por sair de casa para trabalhar para sustentar os filhos. Neste caso, ela também associa a implicância com os filhos ao fato de ela não ser casada:

As mulheres saíram, deixou-me em paz por hoje. Elas já deram o espetáculo. A minha porta atualmente é teatro. Todas crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatórios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas (JESUS, 2014b, p. 16-17).

Já no início de seu primeiro diário publicado, Carolina Maria de Jesus deixa claro que não é casada por opção e que não se arrepende disso, vendo as condições em que as mulheres da favela se submetem ao se casarem. Carolina não aceita nenhuma forma de escravização, e ela acrescenta: “Não casei e não estou descontente” (JESUS, 2014b, p. 17). Ao descrever a violência sofrida pelas mulheres, ela cria uma sonoplastia para a cena, com a metaforização entre o tambor/violência e valsa vienense/paz. Mesmo com tanta dificuldade, percebe-se que ela consegue sobreviver e contornar a fome com a venda de material reciclável, nesta época, ela ainda canta e se alegra: “22 de julho Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre

alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço” (JESUS, 2014b, p. 25).

Os relatos sofrem uma pausa depois do dia 28 de julho de 1955. Neste dia, Carolina Maria de Jesus relatou que queimaram cinco sacos de papel que ela havia deixado na rua enquanto procurava por mais papel, o que ela considerou uma grande maldade, já que aquele era seu ganha-pão, mas mesmo assim afirma: “Não estou ressentida. Já estou tão habituada com a maldade humana”. Porém, ela conclui na sequência: “Sei que os sacos vão me fazer falta” e parou de escrever. O diário apenas é retomado em 2 de maio de 1958:

Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.
... Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários (JESUS, 2014b, p. 28).

Esse sorriso amável logo se vai dissipando com as dificuldades enfrentadas para sobreviver “Os meninos estão nervosos por não ter o que comer” (JESUS, 2014b, p. 28). Sobre o que ela faz para se manter, ela afirma: “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (JESUS, 2014b, p. 29).

É importante destacar aqui que o diário ganha mais um personagem: o repórter Audálio Dantas. Ao encontrar Carolina Maria de Jesus na favela e ter contato com seus escritos, ele pede para que ela continue a escrever, sob a expectativa de uma possível publicação. A relação entre Carolina e Audálio fica mais evidente em *Meu estranho diário* (1996) que foi publicado sem os cortes que o próprio Audálio Dantas havia feito para as publicações de *Quarto de despejo* (1960) e de *Casa de Alvenaria* (1961). Trata-se de um relacionamento conflituoso, a princípio de cordialidade e depois com afastamento de Audálio e desconfianças de Carolina, embora ela sempre reconheceu que seu sucesso foi por causa do trabalho inicial dele.

Carolina Maria de Jesus cita diretamente o repórter em partes do diário: “– Estou satisfeita porque o povo da favela não mais aborrece-me. – E eu não mais estou nervosa. Creio que dêvo agradecer ao senhor Audalio Dantas” (JESUS, 1996b, p. 68). Com a possibilidade de publicação dos fatos ocorridos na favela com o nome das pessoas, os favelados passaram a evitá-la, principalmente depois que Dantas publicou uma reportagem sobre ela em 1958. Assim, ao ter um propósito com seus relatos, eles passam a ir além da realidade a que remetem, sendo até uma arma contra a dura vida na favela.

Mesmo com a possibilidade de ter um livro publicado, as condições de vida de Carolina Maria de Jesus continuam precárias. Os relatos do diário prosseguem demonstrando que a vida dela e dos filhos vai ficando mais difícil:

Esquentei a comida Estava com tanta fome, mas eu não comi para deixar para os filhos. Que suplício. Estar com fome ver a comida e não poder comer.
– Chinguei os políticos. A gente já passa tanta fome, e eles ainda quer aumentar os preços dos generos (JESUS, 1996b, p. 45-46).

A possibilidade de publicação do livro de Carolina Maria de Jesus gerou interesse em pessoas que pensavam em se favorecer com isso:

– Tem pessoas quando vem perguntar-me quando é que eu vou receber o dinheiro do livro? E se posso lhes emprestar 50.000, para comprar um bar – pobre de mim! Se eu tivesse esta quantia eu ia comprar terras para plantar arroz e feijão (JESUS, 1996b, p. 71).

O senhor Manoel entrou e começou perguntar-me se ja havia recebido o dinheiro do livro.
Não sei porque o português vive pensando só no dinheiro Chega até irritar-me (JESUS, 1996b, p. 107)

O ambiente da favela nunca agradou Carolina Maria de Jesus, “Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente (JESUS, 2014b, p. 14), “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2014b, p. 32). Também não agrada quem a visitava: “...Havia pessoas que nos visitava e dizia:/ - Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo (JESUS, 2014b, p. 35). Há nos relatos também comparações entre o ambiente de São Paulo e o da favela:

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2014b, p. 37).

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraizo. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as ulceras. As favelas (JESUS, 2014b, p. 85).

A situação de Carolina Maria de Jesus piora conforme a inflação vai aumentando, pois o dinheiro que ela ganha com os materiais recicláveis compra cada vez menos alimentos, começa então a aproveitar qualquer alimento encontrado:

Quando passei perto da fabrica vi varios tomates. Ia pegar quando vi o gerente. Não aproximei porque ele não gosta que pega. Quando descarregam os caminhões os tomates caem no solo e quando os caminhões saem esmaga-os. Mas a humanidade é assim. Prefere vê estragar do que deixar seus semelhantes aproveitar (JESUS, 2014b, p. 78).

E a fome vai virando uma constante:

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome. Os meninos ganharam uns pães duro, mas estava recheiado com pernas de barata. Joguei fora e tomamos café. Puis o unico feijão para cozinhar (JESUS, 2014b, p. 99-100).

Eu estou triste porque não tenho nada para comer. Não sei como havemos de fazer. Se a gente trabalha passa fome, se não trabalha passa fome (JESUS, 2014b, p. 129).

Carolina Maria de Jesus arrumou um porco e começou a criá-lo na favela. Ela passava pelo lixo e recolhia o que achava para alimentar o porco - “Achei um saco de fubá no lixo e trouxe para dar ao porco. Eu já estou tão habituada com as latas de lixo, que não sei passar por elas sem ver o que há dentro” (JESUS, 2014b, p. 129), mas sua fome era algo tão grande ao ponto de ela ter que retirar do lixo, além do material reciclado, também a comida: “Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome” (JESUS, 2014b, p. 162). A tristeza é um sentimento que acompanha o estado físico da fome: “Eu estou tao triste. Estou com tanto nojo do mundo! porque a vida esta insipida – Da qui uns dias não vamos poder comer mais” (JESUS, 1996b, p. 97). A escassez de alimento vai afetando tanto o estado físico quanto o psicológico dela:

Saí triste porque não tinha nada em casa para comer. Olhei o céu. Graças a Deus não vai chover. Hoje é segunda-feira. Tem muitos papeis nas ruas. No ponto do bonde, eu me separei da Vera. Ela disse:
- Faz comida, que eu vou chegar com fome.
A frase comida ficou eclodindo dentro do meu cérebro. Parece que o meu pensamento repetia:
Comida! Comida! Comida! (JESUS, 2014b, p. 174)

Quando a comida aparece na mesa dela, é motivo de comemoração, mas não deixa de analisar sua realidade:

Hoje eu fiz arroz e feijão e fritei ovos. Que alegria! Ao escrever isto vão pensar que no Brasil não há o que comer. Nós temos. Só que os preços nos impossibilita de adquirir. Temos bacalhau nas vendas que ficam anos e anos a espera de compradores. As moscas sujam o bacalhau. Então o bacalhau apodrece e os atacadistas jogam no lixo, e jogam creolina para

o pobre não catar e comer. Os meus filhos nunca comeu bacalhau (JESUS, 2014b, p. 151).

No decorrer de seus relatos, entre a fome e o trabalho, Carolina Maria de Jesus fazia análise da política, dizendo que os políticos só apareciam na favela em épocas eleitorais, fazendo comparações entre eles e a sua realidade: “Quando o arco-iris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-iris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo” (JESUS, 2014b, p. 54). Assim, para ela “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças” (JESUS, 2014b, p. 29).

E assim, entre as idas e vindas diárias para buscar água encanada na única torneira disponível para todos os moradores da favela, entre a batalha pela sobrevivência e contra a fome, contra o medo constante de morrer de fome, Carolina Maria de Jesus vai fazendo seus relatos denunciando o abandono social, cultural, econômico e político com o qual ela, uma mulher negra e mãe solteira de três filhos, e os demais moradores da favela eram obrigados a conviver diariamente.

No dia da assinatura do contrato para a publicação de *Quarto de despejo*, Carolina passou por muitas dificuldades:

5 de maio de 1960 Levantei as 5 horas para preparar as roupas dos filhos para irmos na Livraria. Não vou fazer café porque não tenho açúcar nem dinheiro para o pão. Eu peguei um saco e catei latas, ferros e vidros e uns metais e fui vendê-los. Não tenho tido tempo de ir vender no Senhor Manoel. Ganhei 22 cruzeiros. Comprei 12 de pão. O Senhor Luiz Barbosa, que reside aqui perto da favela, deu-me lenhas. Eu disse-lhe que hoje eu vou assinar contrato com a Livraria Francisco Alves para editar o meu livro. Ele disse-me que já me viu nos jornais e nas revistas e deu-me mais lenhas. Quando voltei peguei as lenhas e pus dentro do saco e voltei as pressas para a favela. ... O José Carlos entrou dizendo que estava com fome. Vamos prepararmos para irmos para a cidade. Vamos ver se o pai da Vera levou-lhe o dinheiro no Juiz. O João voltou da escola alegre por eu ter mandado pão para ele. Nós saímos. Passei no empório do Senhor Eduardo e pedi se ele me vendia uns sanduiches para os filhos. Não tinha pão. Só eu notei os olhares tristes dos meus filhos, porque sou mãe. Nós fomos para a cidade. Passamos pelo Mercado. A Vera olhava no solo para ver se encontrava algo para comer. Não encontrou nada. Começou a chorar e não queria andar. Eu disse-lhe: – Vamos no Juiz ver o dinheiro e eu compro algo para você. Ela empacou-se. Dei-lhe uns tapas. Eu criticava as minhas ações, pensando: coitados! Além de estar com fome ainda apanham (JESUS, 1961a, p. 11).

Em seu relato, Carolina sofre ao ver também o sofrimento dos filhos por estar com fome e por não conseguir resolver isso. A ação de Vera procurar comida no chão era um hábito que já comum para a família. Na livraria, Carolina recebeu 20 cruzeiros

de um repórter e 10 de um senhor por estar parecendo uma mendiga. Ao perceberem a presença da escritora que morava na favela, os repórteres exclamavam “Oh!”. Foi entrevistada e filmada. Ao assinar o contrato, recebeu dois mil cruzeiros, o que deixou os filhos felizes:

... O senhor Lelio de Castro deu 2 mil cruzeiros ao reporter para dar-me. Os filhos ficaram alegres. Eu disse ao João que amanhã vou comprar carne para fazer bife para êle, porque já faz tempo que êle está suplicando-me para fazer. Êle ficou alegre e sorrindo. Percebi que êle estava pensando num prato de arroz com bife acebolado.
As crianças antigas pensavam em *Ciranda-Cirandinha*. Elas eram alegres. As atuais pensam na comida (JESUS, 1961a, p. 14).

Carolina destaca a mudança do estado emocional do filho e faz um comentário em tom de humor e ironia a respeito das crianças da sua atualidade, que deixam de ser alegres por causa da fome. Com o contrato, Carolina prevê que os tempos de miséria se acabaram. A mudança no estado emocional da família foi evidente quando a fome não fazia mais companhia:

Preparei o almoço: arroz, feijão, bife milanês e salada. O João gostou da comida e gritou:
– Viva a Dona Carolina!
Sorri. Êle olhou-me por longo tempo e disse-me:
– Por estes dias temos comida e a senhora não precisa chorar.
Eles estão alegres porque comeram (JESUS, 1961a, p. 16).

Agora Carolina passou a ser a sensação da sua casa por conseguir espantar a fome e da favela por ter saído em jornais e na TV. Ela novamente faz um comentário sobre a mudança no estado de humor do filho:

O João modificou-se. Está mais calmo e sempre sorrindo. Quantas vezes eu disse-lhe:
– João, você é muito bruto!
Mas agora que temos o que comer em casa, êle transformou-se: deixou de ser João Bruto para ser João Gentil. É que a fome deixa as pessoas neuróticas (JESUS, 1961a, p. 16).

Carolina também estava mais calma. O trocadilho com o nome do filho remete a um estado de bom humor em que ela também se encontrava. Passou a ser visitada na favela por repórteres e por outras pessoas como políticos, professores, representantes de igrejas, etc. Carolina descreve o início da sua fama, contrastando com o ambiente da favela:

14 de maio ... Preciso lavar as roupas, porque amanhã eu vou na televisão. Hoje eu estou alegre. Todo mundo olha-me nas ruas. Já estou habituando com a nova vida. Passei no bar do José, na rua Deocleciano e conversei com êle. Disse-lhe que não mais apareço porque não tenho tempo. Eu fui vista em

todos os jornais. (...) Eu fui deitar um pouco porque estava com sono. Mas, quem é que dorme em favela! Com tanto barulho. Não sei como é que os favelados podem ser alegres, com tanta miséria ao redor. Vendo que não podia dormir, levantei. Abri a janela e fitei o espaço. O céu está côr de chumbo, o sol encoberto pelas nuvens que avolumou-se ao seu redor. O pedaço de céu que cobria a favela estava triste e sombrio. (...) As 10 horas eu saí com os filhos. Quando eu estava perto do Mercadinho vi a afluência do povo. Pensei: briga na certa. Vi o Alfredo correndo e um baiano correndo atrás dele, com uma faca na mão. O Alfredo caiu e o baiano foi esfaqueá-lo. Errou o golpe. O Alfredo levantou-se e entrou numa casa. O baiano ficou na rua com a faca na mão do baiano com uma pedrada, mas eu não posso infiltrar-me nessas brigas, porque preciso pensar nos livros que pretendo escrever. Os meus filhos mesclou-se entre o povo. A D. Isaltina chorava. Eu fiquei com dó do Alfredo. Ele é inofensivo. Eu bradava:

– João! José Carlos, Vera! Nós vamos para a televisão! (JESUS, 1961a, p. 20-21)

A cena relatada por Carolina Maria de Jesus contrasta a violência da favela com o objetivo de ser uma escritora de modo a sair daquele ambiente desumano e sem expectativa de melhoria. Uma nova esperança toma conta dela e ela se apresenta muito grata pelo que o Audálio Dantas estava fazendo por ela:

3 de junho ... Estou escrevendo e pretendo continuar a escrever. Agora que eu estou encaixada dentro do meu ideal que é escrever. Tenho impressão que estou regressando ao passado, que estou voltando aos 20 anos, aos 18. Eu fui amante das quadras da vida. Fui amante da primavera, do outono, do inverno e do verão. Agora eu estou de mal com o verão. Fiz as pazes com a primavera e ela adornou meu coração com flores perfumadas e construiu um castelo de ouro para eu residir. O castelo é o coração do reporter, este homem generoso que está tirando-me do lódo. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Depois que conheci o reporter tudo transformou-se. Eu enalteço o reporter por gratidão (JESUS, 1961a, p. 25-26).

A gratidão de Carolina Maria de Jesus só não foi maior que a sua vontade de ser livre para fazer o que quisesse. Por isso, o relacionamento entre Audálio e ela passou a apresentar conflitos:

O reporter disse que fez o prefácio do livro.

– Deixe eu ler.

Ele deu-me. Li. Está de acordo com as narrações do livro. O prefácio agrada. Mostrei-lhe o drama concluído – “A Senhora Perdeu o Direito”. O reporter saiu, chegou o reporter Ronaldo. Ficamos conversando. Eu disse-lhe que ia pedir emprego na rádio para ser dramaturga. O Ronaldo acha que não. Que eu devo escrever. Eu queria ir para o rádio, pra cantar. Fiquei furiosa com a autoridade do Audálio, reprovando tudo, anulando os meus projetos. Dá impressão de que sou sua escrava. Tem dia que eu adoro o Audálio, tem dia que eu xingo-o de tudo. Carrasco, dominador, etc. (...) Xingava o Audálio. Ele não me dá liberdade para nada. Eu posso cantar! Posso incluir-me no rádio como dramaturga e ele não deixa (JESUS, 1961a, p. 27)

Dantas não deu importância ao “drama” produzido por Carolina. Muito menos aceitava que ela se afastasse da escrita dos diários, por isso ela se sentia “escravizada” por ele. Finalmente, Carolina tem seu primeiro contato com livro pronto:

13 de agosto [...] O reporter desembrolhou os livros e deu-me um. Fiquei alegre olhando o livro e disse:
 – O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor.
 E li meu nome na capa do livro.
Carolina Maria de Jesus.
Diário de uma favelada.
 QUARTO DE DESPEJO
 Fiquei emocionada. O reporter sorria:
 – Tudo bem, não é, Carolina?
 – Oh! sim. Tudo bem.
 É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti (JESUS, 1961a, p. 33).

Enfim, o sonho de ser vista como escritora estava consumado. Ela ficou muito emocionada ao ver seu nome na capa de um livro. Carolina e seu livro estavam em alta na mídia. Aparecia em vários jornais, revistas e em programas de Tv. Em menos de uma semana que o diário foi publicado, a fama começou a preocupá-la:

23 de agosto ... Fui na livraria autografar livros. Os filhos reinavam, brincando no elevador. Admirei a tolerância do Dr. Lélio, que suportou os meus filhos sem protestos. E os meus filhos são de amargar. Às 18 horas saímos da livraria. Eu estava ansiosa para chegar na favela. Mas estava com receio, devido aos favelados, que estão revoltados porque eu vou enriquecer. (...) Quando eu voltava pra favela ficava apreensiva com receio de um ataque, porque eles podiam pensar que eu estava com todo o dinheiro que a revista “Visão” disse que vou receber. Mas eu não vi favelado lendo a “Visão”, por isso eu fiquei tranquila (JESUS, 1961a, p. 42).

Os filhos estavam acostumados com a liberdade da favela e extrapolavam com suas brincadeiras nos novos ambientes em que frequentavam, passando muitas vezes por mal educados.

A saída da favela ocorreu no dia 30 de agosto de 1960, mas não para sua casa própria. Carolina aceitou morar em um quarto nos fundos da casa do senhor Antônio Soeiro Cabral, em Osasco, até que ela comprasse sua casa. Sua saída foi um evento com repórteres e câmeras:

... Os jornais já havia noticiado que eu ia mudar para Osasco as 14 horas. Na favela os curiosos já estavam presentes e as crianças rondando o barracão. Não vieram auxiliar-me. A D. Alice disse-me que os meninos haviam mexido nos meus livros. Xinguei-os. Respirei aliviada quando o motorista chegou. O senhor Milton Bitencourt. Ele ficou receioso quando viu os favelados aglomerados ao redor do barracão. Pedi que fosse carregando os cacarecos para o caminhão. Os reporteres iam chegando para filmar a minha saída da favela. O João não estava. Ele subiu no telhado e caiu e feriu a perna. Foi para a Central de Polícia fazer curativo. A D. Alice disse-me que os filhos da D. Juana estavam mexendo nos livros. Que confusão!

Mesmo com a confusão eu estava contente. Era a concretização de um sonho. Os reporteres fotografavam e filmavam. (JESUS, 1961a, p. 245-46)

Além da concretização do sonho de sair da favela, Carolina Maria de Jesus viu seu maior medo também se concretizar: a violência dos favelados contra ela:

A Leila surgiu andando com dificuldade. Veio para instigar os favelados. O motorista partiu com a maquina acelerada. Começaram a atirar pedras. A Leila agitou-se, pegou pedra e atirou dentro do caminhão. Eu olhava as pedras e a direção com receio de atingir os olhos da Vera e do José Carlos, que já estava ferido com as pedradas. Que confusão! Eu não sei de onde surgiu tantas pessoas para presenciara minha partida. A Chica e a Nair xingavam-me e diziam:
 – Você vai embora para não apanhar!
 Eu disse-lhe:
 – Estou aqui há 12 anos e você nunca espancou-me (JESUS, 1961a, p. 46).

Este foi o último “espetáculo” presenciado por Carolina Maria de Jesus no ambiente da favela. Seu sonho de deixar o local definido por ela, muitas vezes, como “inferno”, concretizou-se por meio da publicação de um livro. Nos jornais, saiu a notícia do apedrejamento de Carolina e ela disse que já esperava este gesto: “confeti de favelado é pedra” (Jesus, 1961a, p. 48).

5.4 VIDA NA “SALA DE VISITAS”

Chegando em Osasco, também havia repórteres esperando para fotografar o novo ambiente de Carolina Maria de Jesus:

Os fotógrafos fotografou-me ao lado do senhor Antonio Soeiro Cabral entregando-me a chave. Ele emprestou-me uma cama. Cada gesto do senhor Antonio Soeiro Cabral ia revelando seu grau cultural, solidariedade de gestos que eu desconhecia no nucleo que eu acabava de deixar. Fui recolhendo os cacarecos. Os reporteres partiram. Eu estava cansada. Ageitei as camas e dei banho nos filhos, que ficaram admirados da agua sair quente do chuveiro. Sorriam debaixo do chuveiro. Comeram mortadela com pão e deitaram. Estavam exaustos (JESUS, 1961a, p. 48).

Uma vida que já agradava a família: solidariedade, acolhimento, eletricidade. Carolina Maria de Jesus sentiu falta do Audálio Dantas, que não foi até Osasco, ficou pensando se ele queria que ela continuasse na favela. Ela mal dormiu na sua primeira noite fora d favela, pensando na sua vida: “Agora eu estou na sala de visita. O lugar que eu ambicionava viver. Vamos ver como é que vai ser a minha vida aqui na sala de visita” (JESUS, 1961a, p. 48).

Com a venda dos primeiros dez mil exemplares, ela recebeu duzentos e quarenta mil cruzeiros, em menos de um mês da publicação do diário. Abriu uma conta no banco e depositou parte do dinheiro. A vida dela e dos filhos realmente tinha mudado:

O reporter nos conduziu para a churrascaria na Avenida Duque de Caxias. Os pratos foram variados. O José Carlos molhava o pão no guaraná. Comendo aquela comida granfina, eu pensava nos favelados. E cheguei a conclusão que quem está na sala de visita não sofre, e se sofre, o sofrimento é suave. Eu repreendi os filhos para comportar-se na mesa. A Vera estava alegre, porque é vaidosa. Olhava as mesas com suas toalhas nivas e sorria. O João estava alegre porque o panorama trágico da nossa vida desapareceu. Ele agora sabe que pode almoçar e jantar todos os dias. Eu estava confusa com os modos peralta dos filhos (JESUS, 1961a, p. 54).

Ao comparar a vida na favela com a vida na sala de visita, Carolina Maria de Jesus conclui que se houver sofrimento ali, será fácil de superar. Difícil estava mesmo controlar os filhos para que se comportassem dentro deste novo ambiente já que na favela tinham muita liberdade e poucos protocolos a serem cumpridos.

Com viagens pelo Brasil, muitos momentos de autógrafos e de entrevistas, Carolina notou que seu tempo para escrever e ler estava curto:

17 de setembro Não tenho tempo para escrever o meu *diário* devido aos convites que venho recebendo de várias cidades do interior para autografar livros. Convite que atendo com todo o prazer, porque vou conhecer algumas cidades do Brasil. Eu estou cansada. Não tenho tempo para ler. O reporter disse-me que este entusiasmo do povo passa (JESUS, 1961a, p. 58).

A princípio, Carolina Maria de Jesus não se importou com a falta de tempo para ler e escrever, estava gostando das viagens e dos autógrafos, de ser notada e reconhecida como a escritora da favela. Ela também era muito solidária com as pessoas, chegando a dar mil cruzeiros para duas lavadeiras, que se assustaram quando viram a nota, também deu mil cruzeiros para um preto que queria suicidar-se. Assim, mais pessoas foram aparecendo tentando tirar alguma vantagem de Carolina e, ao negar auxílio, ela vai ganhando inimigos:

... Disse-lhe que quando recebo 100.000 cruzeiros, recebo 200 mil de aborrecimentos. Estou angariando amigos e inimigos, porque não posso satisfazer certos pedidos impossíveis – Há os que querem casas, há os que querem caminhões. Percebo que todos desejam algo, mas eu não posso solucionar. Eu tenho que lutar pelos meus filhos (JESUS, 1961a, p. 65-66)

As visitas que Carolina Maria de Jesus recebe nem sempre eram agradáveis, e ela dizia “eu ainda não habituei com este povo da sala de visita – uma sala que eu estou procurando um lugar para sentar” (JESUS, 1961a, p. 66). Assim, entre aqueles

que propunham sociedade em fábrica e dinheiro para comprar as mais variadas coisas, ela ia concedendo um pouco aqui e outro pouco ali. Certa vez, teve que andar de ônibus lotado com os filhos porque deu o dinheiro que tinha separado para o táxi para um senhor que estava desempregado. Com o tempo, ela foi percebendo melhor seu novo ambiente, “Tenho impressão que estou vivendo num mundo de joias falsas” (JESUS, 1961a, p. 81).

Com a possibilidade de publicar um novo diário com os relatos da vida na sala de visitas, Carolina desabafa:

23 de novembro Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me. Há os que pedem dinheiro e suplicam para não mencioná-los. Tem uma senhora que quer dinheiro para comprar uma casa. Eu não tenho. Ela ficou de mal comigo. Ela quer 500.000 cruzeiros. Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada...
... Todos os dias chega cartas de editor internacional que quer traduzir o livro. Até eu estou abismada com a repercussão do livro (JESUS, 1961a, p. 83).

Na sala de visitas, as pessoas diziam que Carolina Maria de Jesus estava rica. Em dezembro de 1961, ela já tinha depositado em sua conta a quantia de 1.391.500,00 cruzeiros (JESUS, 1961a, p. 101), mas ainda não possuía sua tão sonhada casa própria. Dantas encontrou uma casa, ela aprovou e eles a compraram. A casa ainda estava ocupada e a previsão de liberação era para dia 20 de dezembro. Ela decidiu que passaria o Natal na sua nova casa. Foi todos os dias na imobiliária assegurar a liberação da casa. No dia 24 de dezembro de 1960, Carolina se mudou, agora precisou de dois caminhões para levar seus móveis. Ela teve problemas porque ainda havia 15 pessoas morando lá. E assim foi o natal de Carolina na sua tão sonhada casa de alvenaria:

... Quando cheguei encontrei um nortista confabulando com o senhor Monteiro. Quando entrei o homem que estava confabulando com o senhor Monteiro olhou-me com ironia. Enfrentei o seu olhar. Ele queria impedir-me de entrar na casa.
– Eu comprei esta casa! O senhor Carivaldo disse-me que a casa estava vazia. Era para eu mudar no dia 20.
O homem mudou de atitude. Mudou por completo. E foi almoçar. Eu estava com sono, queria desocupar um quarto para mim. O homem não permitiu. Para evitar encrenca resolvi ficar na sala.
... A tarde os filhos do senhor Monteiro foram chegando e perguntavam:
– Que diabo é isto?
– É a mulher que comprou a casa.
Chegou uma pretinha furiosa olhando-me com rancor, como se eu estivesse invadindo um templo sagrado. Os vizinhos comentavam, confabulando. Um jovem vizinho veio visitar-me e ageitou o tambor de gás do fogão. (...) Jantamos, tomei banho e deitei. Mas as pulgas pareciam formigas na minha

cama. Não consegui adormecer porque os moços que residem na casa começaram a beber e dançar. Eu tinha a impressão de que estava numa buate. Eles reclamavam que os meus moveis estavam impedindo-os de dançar. Adormeci com as gargalhadas e os ritmos musicais. Despertei com as vozes dos filhos desejando Feliz Natal aos pais (JESUS, 1961a, p. 113).

As pessoas continuaram na casa até o dia 11 de janeiro de 1961. Carolina Maria de Jesus já estava furiosa com a tão sonhada casa de alvenaria, com suas paredes sujas, seu jardim sem flor e os indesejados moradores com seus móveis cheios de pulgas, a saída deles da casa, trouxe-lhe alívio momentâneo. Porém, as visitas de pedintes continuavam a lhe incomodar. Recebeu recomendações de diminuir os gastos mas não gostou:

Fui na Livraria. O advogado da Livraria estava presente. Somaram quanto eu recebi até a sétima edição do meu livro. O reporter disse-me que eu gasto muito.

Eu não tinha nada. Tive que comprar tudo. Se estou gastando gasto o que é meu. (...) As observações injustas magoa-me. Recebi dois cheques. O Audálio disse-me para eu por no Banco. Fui ao Banco, depusitei o dinheiro e retirei 10.000 cruzeiros para comprar botinas para a Vera. O Audálio disse-me que eu compro sapatos todos os dias... Se ele continuar aborrecendo-me eu volto a catar papeis (JESUS, 1961a, p. 135).

Carolina Maria de Jesus não estava gostando do controle que Audálio Dantas estava exercendo sobre seus gastos, achava abusivo. Em outra situação em que ela foi pagar a prestação da casa, Dantas a adverte novamente:

Dei o livro de cheque para ele, que somou os meus gastos, repreendendo-me porque gasto muito. Eu disse-lhe que quero internar os filhos e quero trabalhar.

– Que especie de trabalho você quer?

– Radio.

– Oh, não!

Ele foi preencher o cheque.

... Esperamos o ônibus. Quando cheguei fui devolver o relógio de ouro que comprei de Dona Elza, porque não posso dar-lhe os 25.000 cruzeiros. Eu jurei não comprar mais nada, por causa das críticas do reporter. Ele é um detetive na minha vida. Mas eu vou publicar só a “Casa de Alvenaria”. Depois desisto (JESUS, 1961a, p. 138).

A preocupação de Audálio com as despesas de Carolina Maria de Jesus previam que o sucesso não fosse durar tanto quanto ela esperava e que poderia voltar a passar por dificuldades.

Quanto aos filhos na nova vida, apesar de perceber que estavam ficando mais civilizados, Carolina Maria de Jesus recebia acusações frequentes culpando os filhos por coisas ruins que aconteciam na rua. Carolina desabafa: “Estou lutando para ageitar-me dentro da casa de alvenaria. E não consigo. Minhas impressões na casa

de alvenaria variam. Tem dias que estou no céu, tem dia que estou no inferno, tem dia que penso ser a Gata Borralheira” (JESUS, 1961a, p. 151).

Apesar das inúmeras advertências a respeito das despesas, Carolina Maria de Jesus continuava a gastar, a emprestar dinheiro e resolveu reformar sua casa. Gastou muito dinheiro com isso, principalmente porque queria pagar bem aos homens que realizavam a reforma. O diário *Casa de alvenaria* se encerra no dia 21 de maio de 1961 e deixou a entender que Carolina ganhou bastante e também gastou muito, apesar do controle excessivo de Audálio Dantas sobre a vida financeira dela.

Meu estranho diário trouxe ao público as consequências desse tipo de vida adotada por Carolina Maria de Jesus. A narrativa que se refere à vida dela na casa de alvenaria está datada inicialmente em 28 de outubro de 1961. Ela volta a reclamar dos preços dos gêneros alimentícios quando vai à feira. São constantes os bilhetes enviados à Livraria Francisco Alves solicitando dinheiro. Com isso, a recepção de Carolina Maria de Jesus na Livraria foi modificando ao ponto de ela perceber que o Dr. Lélío já não gosta mais de recebê-la:

Saimos do Diário e dirigimos para a Livraria Francisco Alves, o senhor Bertini, quer conhecer o dr. Lélío de Castro Andrade.
Mas o dr. Lélío, não estava. Os funcionários diz que ele está doente. Parece que o dr. Lélío não gosta de receber-me. Mas eu jurei
– Vou abandonar a literatura. Com as confusões que enfrento com o quarto de despejo, fui perdendo o amor pela literatura. E que o senhor Bertini, o representante da editora Abraxas, queria uma fotografia minha com o dr. Lélío. Saimos da Livraria eu fui queixando que vou deixar a literatura de lado. Vou arranjar um emprego. Não me adapto a ser teléguiada. Com o dinheiro que recebi da Europa eu queria dar entrada noutra casa e alugar a que estou morando. Com o aluguel eu ia pagando as prestações da casa. Mas o dr. Lélío e o Audálio, interferiram – querem pagar a casa de uma vez e atrapalha os meus projetos. Avisei ao senhor Bertini, se eu não tiver dinheiro para comprar comida para os meus filhos eu não vou a Argentina. Ele ouviu-me desinteressado, pensei: ele ainda não me conhece. Não sabe que eu sou descendente da bomba atômica (JESUS, 1996b, p. 136-137).²⁰

Carolina Maria de Jesus começa a ficar nervosa com a diminuição do dinheiro que está entrando. Seu livro *Casa de Alvenaria* não estava vendendo bem. Ela culpa a literatura por toda a confusão na vida dela, principalmente por não ter controle da sua vida. Logo ela, que não se casou evitando ser controlada, “Não me adapto a ser teléguiada”. Desde pequena, ela tinha opinião própria e não gostava de ser contrariada. Seu temperamento estava ficando cada vez mais explosivo, “Não sabe que eu sou descendente da bomba atômica”, consequência não apenas da falta de

²⁰ Cabe lembrar aqui que *Meu estranho diário* foi publicado sem edição, ou seja, sem correções ortográficas, com pontuação e com a estrutura utilizadas por Carolina nos manuscritos.

dinheiro e de liberdade, mas também pela desconfiança de que estava sendo enganada: “Fiquei nervosa, um senhor que trabalha na Livraria disse-me que eu devia ter calma e paciência. pensei: mesmo eu sendo explosiva eles querem me embrulhar imagina só se eu fosse calma” (JESUS, 1996b, p. 137).

O estado de espírito confuso e o nervosismo de Carolina Maria de Jesus, resultados da falta de habilidade em lidar com seus conflitos atuais, levavam-na a se lembrar da vida que teve no campo de forma utópica:

– Já fui lavradora, doméstica, catadeira de papel, e agora sou escritora. Mas o quadro melhor de minha vida foi quando eu era lavradora. Morávamos na roça. havia solidariedade entre os colonos. Aos sábados, nos fazíamos mutirão e a noite havia baile tinha um viuvo que queria casar-se comigo. Mas eu não quis porque não tinha confiança em mim Não tenho paciência com as discussões que os casaes ençêtam. É bonito um lar, onde reina a paz e a alegria. Eu queria andar ininterruptamente Resolvi ir visitar os recantos onde eu catava papel (JESUS, 1996b, p. 140).

As memórias da vida no campo remetem a momentos bons, felizes, de solidariedade, de paz. Mesmo que Carolina Maria de Jesus tenha passado maus momentos também no campo, apenas são lembrados os instantes que lhe causavam felicidade e bem estar:

Relembrei os tempos passados. O meu cérebro era povoado de ilusões pensava... eu vou escrever! Eu vou editar um livro! Eu vou comprar um sítio e plantar flores, criar aves como é bonito o cantar dos galos. O cacarejar dos patos As angolas com suas penas preta e branca (JESUS, 1996b, p. 140).

A memória utópica e idealizada da vida no campo representa a fuga de uma realidade que cada vez mais ia entristecendo Carolina Maria de Jesus:

Hoje eu estou super-triste Queria ficar num lugar dizerto, sem ruidos. Como é horrível a vida com a falta de tranquilidade interior Eu tenho a impressão que estou entre milhares de Judas – eu não gosto de ser contrariada. Quando eu era menina, eu pensava sera que eu viver como desejo? Comprar vestidos bonitos, residir numa casa vermelha, a minha côr predileta – Agora que comprei a casa não me foi possível pinta-la de vermelho porque os padres haviam de dizer: a Carolina é comunista gostaria de ter um tumulto vermelho mas os padres não vão permitir porque eles querem mandar no povo (JESUS, 1996b, p. 141).

Uma outra fuga da realidade é a morte. Por isso, ela é constantemente mencionada por Carolina Maria de Jesus neste momento de confusões e de tristezas:

Minha cabeça estava pezada de ideias – pensei: hoje... eu vou enlouquecer! Como é horrível ter o pensamento poético. É porisso que os poetas querem morrer. Ha os que suicidam supondo que vão encontrar tranquilidade no tumulto (JESUS, 1996b, p. 142).

Tenho a alma angustiada
E um desgosto profundo
De viver nesta salada
Que se chama mundo (JESUS, 1996b, p. 142).

Carolina Maria de Jesus não se considera uma pessoa rica, conforme as pessoas pensavam, e se sente consumida pelos aproveitadores que se aproximam dela agora que está vivendo na “sala de visitas”:

A senhora sumiu! Esta Rica! palavra que eu tenho nojo de ouvir! Quando eu vejo um pedaço de doce devorado pelas formiga penso. êste pedaço de docê coincide comigo. Depois que publiquei o quarto de despejo.
Como vae a vida?
– Estou no inferno! (JESUS, 1996b, p. 143)

Para Carolina Maria de Jesus, era difícil viver em um mundo de superficialidades. Ela até recebeu um conselho – fingir: “Você esta no meio dos ricos... quem não sabe fingir ali, não vence. – Fiquei refletindo mentalmente – fingir” (JESUS, 1996b, p. 143). Ela voltou a passar por problemas para comprar comida para os filhos. Foi convidada a viajar para a Argentina, mas disse que não ia para lá porque não tinha dinheiro. Novamente, a morte era um pensamento constante pelo desgosto que sua vida atual estava lhe causando:

A minha vida esta tão confusa A minha vida ficou insipida (JESUS, 1996b, p. 146).

pensei: em que condições chegou a minha vida Eu preciso morrer (JESUS, 1996b, p. 147).

Eu preciso sair deste mundo (JESUS, 1996b, p. 147).

Eu já estou cansada desta confusão (JESUS, 1996b, p. 147).

ja estou enjôada da vida (JESUS, 1996b, p. 147).

ja enjoiei de viver (JESUS, 1996b, p. 149).

Apesar de tanta referência à morte e ao desgosto pela vida, Carolina Maria de Jesus não desistia por causa dos filhos. Portanto, ela teria que se conviver com seu infortúnio: “Na casa de um poeta, a felicidade passa. Mas não estaciona” (JESUS, 1996b, p. 150).

Carolina Maria de Jesus não guardava apenas para si seu estado de espírito confuso, ela escrevia, não apenas no seu diário, mas escrevia para os jornais. Isso favorecia reportagens sensacionalistas a respeito de sua imagem. Por causa de uma carta publicada, a repórter Silvia Donato, do Jornal do Brasil, foi até a casa de Carolina Maria de Jesus para saber o motivo do conteúdo conturbado da carta e a entrevistou:

A senhora não me conhece. Mas eu a conheço. Eu sou do jornal do Brasil, e vim aqui para conversar com a senhora.

– Conversar o que?

– perguntei apreensiva

– Sobre a reportagem que a senhora fez hoje na Última Hora

– E verdade tudo o que a senhora publicou?

– É

Respondo com a voz cansada como se eu estivesse a cem anos no mundo para mim o mundo é igual uma prisão, em que eu estou louca para sair e não ha possibilidade devido as grades que são os meus filhos.

– Foi a senhora que escreveu aquela carta para a Última-Hora?

– Foi.

– Eles não te obrigam escrevê-la?

– Não.

– Qual foi o motivo que a levou a escrever uma carta tão confusa assim?

– sete coisas.

1 Tristezas

2 Desilusão

3 Enjoô da vida e quero morrer

4 Decepção. parece que estou entre os bichos ferozes. Mas o bicho mais feroz é o verme.

5 – Não nasci para ser teleguiada a pior coisa que ha, é a gente enxergar, e andar puchada num cabrêsto como se não enxergasse, ou como se eu fosse (...)

6 Eu queria alugar esta casa e mudar di aqui.

7 – O que aborreçe-me são os pedidos de empréstimos. E eu não posso emprestar.

Ela ouviu-me em silêncio e o fotografo, ia fotografando-me.

– A senhora não tem caso amorôso?

– Não. (JESUS, 1996b, p. 153-154)

Carolina Maria de Jesus ainda era um assunto que dava mídia, portanto os jornais disputavam furos de reportagem sobre ela. Como o Jornal Última Hora tinha algo sobre ela – sua carta confusa publicada – o Jornal do Brasil não poderia ficar atrás e precisava de alguma informação sobre ela que chamasse a atenção do público. Mas Carolina Maria de Jesus lista sete motivos que não eram o que a repórter esperava: ela não estava sabendo lidar com a sua nova vida, com as decepções que ela estava tendo com as pessoas, com a ganância, a ambição desmedida, situações que vinham acompanhadas com o dinheiro. Coisas que antes ela não sabia que existia porque o dinheiro que tinha era pouco e exclusivo para a alimentação escassa da família. Pior ainda era pensar que o dinheiro, que era para libertá-la, escravizou-a. Esse dinheiro tinha vindo com a Literatura, que era algo de que ela gostava demais. A repórter não se conteve com a resposta porque ela esperava extrair de Carolina a confissão de uma recente decepção amorosa, o que não conseguiu, apesar de Carolina realmente ter encerrado um relacionamento amoroso do qual ela dizia que tinha se esquecido, mas reconhecia interiormente que ainda a abalava (“Eu penso no Luiz o dia todo habituei com êle” (JESUS, 1996b, p. 168).

Ao ler a reportagem publicada a partir da entrevista, Carolina Maria de Jesus ficou muito irritada com o comentário da repórter:

Quando cheguei vi os reportes, o dr Lelio, o Miller, Audalio, e outros mas fui direto aos jornaes que estavam expostos
 fiquei lendo-os quase vi a reportagem de Silvia Donato – Dizia que eu menti, dizendo que estou pobre.
 Fiquei furiosa, porque eu não minto. pensei a reportagem foi paga. Eu avisei ao dr. Lelio que ia sair no jornal percebi a sua interferencia – pensei, esta reportagem é paga (JESUS, 1996b, p. 164-165).

Ainda não era hora para Carolina Maria de Jesus ser esquecida. Ela tinha uma viagem agendada para a Argentina e tinha traduções de *Quarto de despejo* ainda sendo publicadas. Ela reconhece o sensacionalismo da mídia mediante seu nome e sua imagem.

As narrativas de *Meu estranho diário* dão um salto de novembro de 1961 para o mês de setembro de 1962. Carolina Maria de Jesus já notava que estava saindo dos noticiários, não era tão fotografada nas aparições públicas. Calculava os gastos para não faltar comida em casa. Já não tinha mais empregada. Seus comentários sobre sua vida, são mais consistentes e menos confusos:

(...) aperfeiçoando-se. Faz dois anos que deixei de ser lixeira para ser escritora. Eu me considero exótica. Tem pessoas que saem das Universidades pra ser escritora. E eu sai da favela. Sai do lixo. Sai do quarto de despejo. E o meu nome corre mundo. Com as traduções do meu livro Fui favorecida por uma classe de brancos nobres e bons. E fui prejudicada por uma classe de brancos incultos, mediocres e oportunistas. Que pensaram que Carolina Maria de Jesus, é uma idiota
 Mas... eu dei uma lição de honestidade nêstes crapulas. Eu levo um minuto para esquentar e levo cem para esfriar (JESUS, 1996b, p. 201).

Com essa fala, Carolina Maria de Jesus demonstra conhecer o grande feito ao publicar *Quarto de despejo*, livro internacionalmente reconhecido, *best seller* em vários países, sem ter saído de uma Universidade. Ela se considera “exótica” por ir atrás daquilo que deseja, inclusive estava aprendendo a dirigir e isto chamava a atenção, “Os pretos ficam habismado quando me vê guiando” (JESUS, 1996b, p. 205). Sabe que seu temperamento é forte e aprendeu a divisão que há também no mundo dos brancos: há os nobres e os oportunistas.

No entanto, a antiga cisão do mundo entre negros e brancos também continua e agora ela percebe muito fortemente, por estar vivendo nesta “sala de visitas”:

O que tenho pavor é de residir na rua Bento Pereira.
 Se uma criança entra na minha casa as mães correm e ritiram os filhos dizendo:-lhes, Vocês não devem brincar com os filhos da Carolina!

E eu cheguei a conclusão que tudo que existe no mundo, é impôsto pelos brancos. Eles é quem cultivam o preconceito.
Tem branco que diz que eu sou orgulhosa.
Eu não sou orgulhosa o que eu não gosto é de pessoas mentirosas, inferiores (JESUS, 1996b, p. 201).

Os filhos de Carolina Maria de Jesus continuavam a ter problemas com os vizinhos, “aqui no bairro tudo que ocorre eles acusa os meus filhos” (JESUS, 1996b, p. 218). Ela já não estava mais aguentando conviver com situações de discriminação e de falsidade: “para mim esta rua não é o jardim das Oliveiras e o tôpo do Calvário” (JESUS, 1996b, p. 235). Certa vez, acusaram-na de roubar um cachorro e um policial bateu na sua porta para conferir e era intriga de uma pessoa que lhe devia dinheiro. Embora eram discriminados na rua, ela não se sentia inferior a ninguém, “Eu não tenho complexo” (JESUS, 1996b, p. 205).

A vida na cidade já não a agradava mais “para mim a cidade grande é um teatro, e esta é uma de suas cenas. Cenas dramáticas Roubos etc” (JESUS, 1996b, p. 222). Carolina Maria de Jesus havia comprado um terreno grande em Parelheiros e tinha planos de construir lá:

O João foi na cidade. falar com Audálio. Eles vão ao banco retirar o dinheiro que veio da Chequeslovaquia Eu agora quero empregar bem o meu dinheiro. Quero construir uma casa em parelheiros e plantar lavouras. É necessário que nós as mulheres devemos voltar para a lavoura. porque o homem da atualidade quer viver só na cidade.
Nós as mulheres estamos ficando superiores... (JESUS, 1996b, p. 223)

Carolina Maria de Jesus procurava um homem para trabalhar em Parelheiros para ela mas como ela já havia trabalhado em lavoura, foi mudando de ideia e pensou que as mulheres também podem tocar uma chácara sem a ajuda dos homens. E a vontade de mudar-se foi ficando constante:

Despertei as 4 horas e fiquei escrevendo até o despertar da aurora. Fico pensando quando eu estiver em parelheiros e despertar ouvindo os gorgêios dos passaros. E os dias há de ser sempre iguaes porque eu já estou cansando da humanidade são perversas invejosos e cruéis. Será que deus arrependeu-se de ter nos criados? (JESUS, 1996b, p. 234)

Desde que nasci que estou procurando um encontro com a tranquilidade (JESUS, 1996b, p. 235)

Carolina Maria de Jesus se sentia mal com a vida atribulada “queixei que eu era uma árvore frondosa e estão me decepando os meus sonhos até ficar só o tronco (JESUS, 1996b, p. 237). Estava difícil de encontrar a tão sonhada paz: “No barracão

da favela eu tinha aborrecimentos Na casa de Alvenaria tenho aborrecimentos. Crêio que vou ter tranquilidade no campo” (JESUS, 1996b, p. 239).

Apesar das dificuldades que iam surgindo, principalmente financeiras, Carolina Maria de Jesus percebe que *Quarto de despejo* continua sendo vendido internacionalmente: “O editor Argentino não me paga diz que não vende o meu livro por causa das greves. Mas êle envia o livro para diversos países. Dizem que o livro foi vendido em vários países e a minha vida continua desorganizada” (JESUS, 1996b, p. 241).

A relação entre Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas foi ficando cada vez mais complicada:

tem dia que eu gosto do Audálio, tem dia que se eu pudesse lhe picava em mil pedacinhos” (JESUS, 1996b, p. 248).

Se não menciono o nome do senhor Audálio no meu Diário, é porque êle dêixou de vir na minha casa. Dizendo que eu sou neurótica
Ele nunca conviveu comigo nem 24 horas (JESUS, 1996b, p. 249).

Em 9 de dezembro de 1962, Carolina relata que a fome está voltando a rondar a sua vida:

Hoje eu estou triste. Não tenho dinheiro para comprar pão para os filhos.
[...] Na favela eu era mendiga. pedia e ganhava. Mas, agora se vou pedir esmola: ouço
– Você é rica!
Se vou procurar trabalho ouço: você é rica! (JESUS, 1996b, p. 257)

O diário é interrompido e os relatos são datados de um ano depois. A vida de Carolina Maria de Jesus continuava rodeada pela infelicidade e por antigos problemas vividos na favela:

09/12/1963

Na favela eu pedia esmola. E pensava que era infeliz. Enganei. Mas o engano é próprio da humanidade. Recordo quando eu estava preparando para deixar a favela eu disse:

Graças a Deus vou viver com os homens da alta categoria!

E o Adalberto disse-me com a sua voz ebria.

– você vae viver com os homens da alta catiguria

E aqui estou eu realizando o meu grande sonho que era ser escritora Oh Sonho! Que a maior vitima são os meus filhos Conteí ao João, o que disse o senhor Luiz.

Que a Vera chorou o ano passado por não ganhar brinquedo., Amanhã vou vender a maquina de escrever para comprar comida para os meus filhos. O José Carlos não tem sapato. Eles dizem que eu sou idiota. Que dêixo o Audálio explorar-me. Não sou idiota. Sou correta. E não gosto de polemica. Quando conheci o Dantas, e êle insistiu comigo para escrever o quarto de despejo.

pedi:

Eu escrevo o livro e o senhor retira-me da favela Mas, não quero ficar na cidade. Quero viver num sitio, porque lá para o ano de 1970, vae ser dificil para o pobre viver aqui dentro de são Paulo (JESUS, 1996b, p. 262)

Carolina Maria de Jesus teve que vender sua máquina de escrever para comprar comida para os filhos. Ela reclama que tinha pedido para morar no campo, mas Audálio não a escutou e comprou a casa na cidade. Ela se recorda de que tinha sido várias vezes advertida sobre a aproximação de pessoas interesseiras que apareceriam no seu caminho:

Agora que estou passando fome novamente, é que compreendo as advertências As advertências são as sementes que planta-se numa época para colher mais tarde. Não me foi possível dormir pensando que não tenho sabão para lavar roupas. E não tenho dinheiro para comprar pão Um barbeiro da cidade Dutra disse-me que eu devia estar recebendo 200 mil cruzeiros por mês Mas os reportes da Russia dizem que nos paises capitalistas, Os pobres trabalham para sustentar os burgueses, tipos que saem da classe média. É a vida. E a classe mais desumana para se viver com ela, é a classe humana que com o decorrer dos tempos vae degenerando-se (JESUS, 1996b, p. 263).

Agora neste novo tempo de dificuldades financeiras, Carolina Maria de Jesus e os filhos não podiam pedir esmolas ou qualquer doação dos feirantes por ser considerada rica:

Fique olhando e invejando as mulheres que passavam com as sacolas rechêiadas Como escritora tenho que gastar com racionamento Quando o meu sinho Dantas me da dinheiro faz tantas recomendações para eu não gastar que chega ao extremo o diabo é que o dinheiro não pode ser transformado em massa de pasteis Eu não tenho amizade ao dinheiro para não ficar avarenta. Fiquei com dó dos meus filhos. Até eles sofrem: porque, quando eles eram favelados podiam catar as frutas que os fêirantes jogavam no lixo. Mas, agora tudo é diferente. – Nos fomos pobres. E depois que me transformei em escritora, me crismaram de rica (JESUS, 1996b, p. 274).

Carolina Maria de Jesus questiona sua falta de autonomia financeira e reclama que isso é diferente com os escritores brancos:

Escrevi o Quarto de despejo, para ter dinheiro e não tenho dinheiro. porque o senhor Dantas deu ordem aos editores internacionais para não me dar dinheiro. porque é que eles não fazem assim com os escritores brancos? e porisso que eu estou ficando racista. E duro para o negro, viver no mundo dos brancos. (JESUS, 1996b, p. 275)

Ela percebe que tem que mudar e fazer com seu dinheiro aquilo que ela realmente queria, “Eu dêixei de ser ingenua” (JESUS, 1996b, p. 275). Com o dinheiro que recebeu inicialmente pelo contrato do filme sobre o quarto de despejo, Carolina Maria de Jesus iniciou a construção da casa em Parelheiros. Ela não suportava mais viver na cidade. Apesar de a casa ainda não estar acabada, lá já havia plantação de

milho e de hortaliças. No dia 18 de dezembro de 1963, Carolina Maria de Jesus, que dormia mal há vários dias, acordou decidida a se mudar:

Deixamos o lêito as 7 horas preparando para irmos a parelheiros. O José Carlos, não queria ir. Xinguei – Cachorro! você deve fundar um sindicato dos preguiçosos e você será o diretor. Eu disse que o João ia acompanhar-me, e a casa ia ficar fechada. Então o José Carlos, decidiu acompanhar-me. Levamos roupas para uza-las e cobertores. Em Santo Amaro comprei toucinho, e carne no açougue 1001. E disse ao proprietario que vou residir em parelheiros. Tivemos sorte. Assim que iamos saindo chegou um onibus de parelheiros e nos embarcamos. Quando cheguei no sitio vi os fios de luz pensei: ja ha possibilidade de mudar – mas para a minha casade campo. Seguiamos os 500 metros. Fico contente quando vêjo a casa. Esta inacabada. Faltam as janelas. pedi a enxada a esposa do Senhor Orlando e fui carpir os tomates. temperei a carne. Fritei o toucinho, e fiz uma sôpa de macarrão. A noite, o José Carlos dormiu no chão. Reclamando que esta habituado com colchão de algodão. Que silêncio gostoso. Não ha radio. Apenas o côoxar dos sapos. Que sono reconfortante. Não ouço aquelas vozes curiosas.
– A Carolina esta rica! (JESUS, 1996b, p. 284)

A mudança não agradou aos filhos, que já estavam habituados com o conforto da casa da cidade. Morar em uma casa inacabada, sem janela, sem energia elétrica, dormindo no chão, não era o que os filhos queriam. No entanto, ali, naquela noite, Carolina Maria de Jesus conseguiu ter uma noite silenciosa e reconfortante. Assim, encerra-se a narrativa da trajetória da escritora Carolina Maria de Jesus em seus diários publicados: com a conquista da tão almejada paz no campo, mesmo que fosse por uma noite²¹.

Ao analisar os quatro diários publicados, é possível perceber que há um ponto em comum entre eles: a esperança. Em *Diário de Bitita* há a esperança de que Carolina Maria de Jesus consiga superar a pobreza trazida da sua infância e adolescência com a chegada em São Paulo. Ao findar *Quarto de despejo*, fica a esperança de que ela deixe o ambiente da favela pela publicação de seu diário e de que ela finalmente consiga afastar de vez a fome e a pobreza da sua vida e da vida de seus filhos. Em *Casa de Alvenaria* a esperança está em Carolina Maria de Jesus finalmente ser reconhecida como escritora (não somente de diários, mas que seus poemas, seus romances e demais textos sejam publicados) e que possa viver disso. Em *Meu estranho diário* ficou a esperança de que Carolina conseguisse encontrar a

²¹ Os diários publicados não trazem como foi a vida de Carolina em Parelheiros, onde a fome também a alcançou. É possível conhecer a trajetória da escritora até o dia de sua morte, em 13 de fevereiro de 1977, por meio de outros textos produzidos com base em depoimentos de pessoas que conviveram com ela. Os pesquisadores Meihy e Levine contemplaram essa trajetória até o final da vida da escritora no livro *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, publicado em 1994 e reeditado em 2015.

paz e se livrar dos inúmeros aborrecimentos (tanto os antigos, como a fome, quanto os adquiridos após a fama com *Quarto de despejo*, como os aproveitadores e oportunistas que tentavam tirar dinheiro dela).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a trajetória de Carolina Maria de Jesus por meio de seus diários publicados é necessário levar em conta que as edições realizadas para as publicações, a partir dos cadernos manuscritos, apresentam um recorte da vida da escritora sob o ponto de vista dos editores. Com exceção de *Diário de Bitita*, cujo texto foi bastante alterado, a partir dos manuscritos, para atender ao leitor francês, os demais diários sofreram cortes na edição, sem alteração na sequência do discurso realizado. Os recortes refletem na construção da imagem da escritora, levando em conta a recepção dos diários no contexto histórico e social em que foram publicados. Ressalta-se que, ao passar pela edição, os diários adquirem o valor autobiográfico, ou seja, transitam da realidade para a ficcionalidade.

No entanto, não se questiona a autoria de Carolina Maria de Jesus tendo em vista que seus manuscritos são a prova da escrita diarística original realizada por ela, por meio de um modo de enunciação própria, interligada a sua trajetória de vida.

Durante sua trajetória, Carolina Maria de Jesus buscou um lugar comum, básico, burguês, com sonhos considerados simples, como ter sua casa própria, criar seus filhos honestamente por meio do seu trabalho e da sua aptidão para escrever. Porém esse “local” lhe foi constantemente negado e ela acabou se situando em um não-lugar por não se subjugar ao que a sociedade procurou determinar a ela, desde pequena.

Na infância, era repreendida por pensar, questionar e falar demais, coisas incomuns no seu meio familiar. Na adolescência, a falta de saúde e a pobreza extrema fizeram com que ela peregrinasse por outras cidades, dormindo em ruas, em casas de parentes e conhecidos onde não era bem-vinda ou em Casas de Misericórdia, atendidas por freiras. Na juventude, seu hábito de leitura proporcionou tanto conhecimento que a vida na sua terra natal já não era mais suportável, não havendo acolhimento nem entre os seus familiares. Na fase adulta, ao passar por várias casas exercendo o trabalho doméstico e não vendo nisso a possibilidade de melhoria na sua condição de vida, na possibilidade de adquirir sua casa própria, alimentou o sonho de chegar à São Paulo, como a terra de realizações dos sonhos. Na favela, Carolina se distinguia e se afastava dos favelados por seu conhecimento. Na casa de alvenaria,

ela e sua família sofreram preconceito social e racial por não permitirem que eles pertencessem aquele mundo que era exclusivo dos brancos.

Como intelectual, Carolina também buscou seu local próprio. No entanto, ela não estava entre as feministas, apesar de evitar o casamento, de aprender a dirigir, de viajar sozinha, e de muitas outras ações incomuns às mulheres da época. Ela não estava entre as mulheres escritoras que tiveram reconhecimento por seu viés literário (Carolina, mulher negra, pobre e pouco escolarizada, ficou conhecida na sua época apenas pelo diário publicado e não como poetisa ou como escritora de romances ou de outros gêneros literários). Ela não pertenceu ao grupo de negros pensadores, no movimento de reconhecimento e valorização da negritude.

Enfim, a trajetória de Carolina Maria de Jesus apresentada nos diários nos permite colocá-la em um lugar: o da ambiguidade. Segundo Meihy e Levine (2015, p. 174), “De certa forma a escritora negra inverteu a ordem regular. Experimentando o sucesso, subtraía do mundo dos homens brancos e de posição social definida a regalia do reconhecimento público”.

Assim, apesar de sua trajetória apresentar vários pontos de intersecção com a da maioria dos negros no Brasil contemporâneos a ela, compartilhando das mesmas condições socioeconômicas, houve um grande diferencial que a permitiu transgredir: a importância dada por ela à leitura e à escrita. Isso possibilitou que sua trajetória ficasse eternizada na literatura, por meio dos diários, diferentemente de muitos outros colegas de infortúnio que viveram no anonimato e, assim, morreram. Sua trajetória de vida deve ser conhecida e sua trajetória literária deve ser reconhecida, revisitada e trazida a público. Carolina Maria de Jesus autora-narradora-personagem representa motivação, superação e resistência.

REFERÊNCIAS

A NOITE. Ano XXXI, nº 10.745. **Poesia, fogões e panelas**. Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1942. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/348970/per348970_1942_10745.pdf> Acesso: 08 mar. 2018

ALENCAR, José de. **Cartas de Erasmo**. José Murilo de Carvalho (Org.). Rio de Janeiro: ABL, 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/cartas_de_erasmo_ao_imperador_-_jose_de_alencar.pdf> Acesso em: 16 jul. 2018.

ANDRADE, Letícia Pereira de. **História e Ficção no Cerne de Quarto de Despejo**. Revista Rascunhos Culturais, V.2, Nº4, p. 107-123. Coxim/MS, jul/dez 2011.

ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

ASSIS, Mariana Santos de. “Antes de ser mulher, é inteira poeta: Carolina e o cânone literário”. In: JESUS, Carolina Maria de. **Onde estaes Felicidade?** Org. DINHA e FERNANDEZ, Raffaella. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

BARRETO, Clarissa. **Literatura produzida por negros, para todos** - Jornal do Comércio, Reportagem cultural, 13/07/2018. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/cultura/2018/07/637774-literatura-produzida-por-negros-para-todos.html>> Acesso em: 18 jul. 2018.

BARCELLOS, Sérgio da Silva. **Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus**. Sacramento, MG: Bertolucci, 2015.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**. Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril 2016. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf>> Acesso em 28 mar. 2019.

BERND, Zilá. **O que é negritude**. Coleção Primeiros Passos – 209. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na Literatura Brasileira**. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Marcos Marcionilo (Trad.). São Paulo: Parábola, 2002.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CASTRO, Eliana de Moura. MACHADO, Marília Novais de Mata. **Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: C / Arte, 2007.

CUTI. Literatura negra brasileira: notas a respeito de condicionamentos. In: QUILOMBHOJE (ORG.) **Reflexões sobre literatura afro-brasileira**. São Paulo: Conselho de Participação e desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985. p.15 - 24

DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. in: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Edição Popular, 1963. Disponível em: <<https://historiaafrosuzano.files.wordpress.com/2016/10/1960-quarto-de-despejo-p1.pdf>> Acesso em 10/01/2018.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira . - Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Tom. **Carolina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FELINTO, Marilene. **Clichês nascidos na favela**. Da equipe de Articulistas. Folha de S. Paulo. Caderno Mais! São Paulo, 29 set 1996. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/29/mais!/28.html>> Acesso em: 22 jul. 2018.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FERNANDEZ, Raffaella. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP : [s.n.], 2015.

_____. **A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus**. 1ª edição. Ebook. Brasília: Edições Carolina, 2018.

_____. Negritude Obliterada nos poemas de Carolina Maria de Jesus. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Nº 59, Jan.-Jun. 2018. Disponível em <<https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28883>> Acesso em: 20 mar. 2019.

_____. **A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus**. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.

FERREIRA, Amanda Crispim. Para além do testemunho, a obra poética de Carolina Maria de Jesus. In: ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva, TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês; (Orgs). **Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na Literatura Brasileira**. Estudos Avançados 18 (50), 2004. p.161-193. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017 Acesso em 04 jun 2016.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. **Campos – Revista de Antropologia**. Artigos. Curitiba, UFPR, 2011 Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/download/28562/18785>> Acesso em 9 out. 2018.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Até onde Carolina nos leva com seu pensamento? Ao poder. In: JESUS, Carolina Maria de. **Onde estaes Felicidade?** Org. DINHA e FERNANDEZ, Raffaella. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovick. Belo Horizonte: UFMG, 2003a.

HALL, Stuart. ¿Qué es “lo negro” em la cultura popular negra? Biblioteca Virtual Universal, 2003b. Disponível em <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/1899.pdf>> Acesso em 11 de out. de 2018.

JESUS, Carolina Maria. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1961a.

_____. **Quarto de Despejo – Carolina Maria de Jesus cantando suas composições**. Produção musical – LP. RCA Victor, 1961b. Disponível em <<https://www.vidaporescrito.com/about1-c1n7o>> Acesso em 14 de out. de 2018.

_____. **Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus**. Trad. David St. Clair. Nova York: New American Library, 1962.

_____. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Edição Popular, 1963a.

_____. **Provérbios**. São Paulo: Luzes, 1963b.

_____. **Pedaços da fome**. São Paulo: Aquila, 1963c.

_____. **Antologia Pessoal**. (Org.) José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996a.

_____. **Meu estranho diário**. José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine (Orgs.). São Paulo: Xamã, 1996b.

_____. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014a.

_____. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014b.

_____. **Onde estaes Felicidade?** Org. DINHA [Maria Nilda de Carvalho Motta] e FERNANDEZ, Raffaella. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014c.

_____. “Minha vida...” In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. 2 edição. Sacramento MG: Editora Bertolucci, 2015.

_____. **Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos**. (Org.) Raffaella Fernandez. 1ª ed.. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

KEHL, Maria Rita. **Bovarismo Brasileiro**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

MACHADO, Marília Novaes da Mata. Os escritos de Carolina Maria de Jesus: Determinações e Imaginário. **Psicologia & Sociedade**. 18 (2): p. 105-110; mai./ago. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/13.pdf>> Acesso em: 2 ago. 2018.

LAJOLO, Marisa. Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. (Org) José Carlos Sebe Bom. **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 1.ed. Versão ePUB 2.0.1. São Paulo: Ática, 2011.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico – De Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha (org.). Coleção Humanitas. UFMG, 2014.

LEVINE, Robert M. Afterword: ‘a fish out of water’. In: JESUS, Carolina Maria de. **I’m going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus**. Trad. Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 1997, pp. 151-163.

MACHADO, Marília Novais da Mata. **Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário**. **Psicologia & Sociedade**; 18 (2): 105-110; mai./ago. 2006 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/13.pdf> Acesso em 11 jun. 2016.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. As fronteiras da Palavra em Carolina Maria de Jesus. In: ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva, TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês; (Orgs). **Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org). O Inventário de uma Certa poetisa. In: JESUS, Carolina Maria de. **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. 2ª ed. Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Anos ou Danos Dourados? Modernização, Escrita Feminina, Diários Mineiros – Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado. In: ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva, TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês; (Orgs). **Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

NIGER. Publicação a serviço da coletividade Negra. Ano 1, nº 3, São Paulo, setembro de 1960.

OLIVEIRA, Danielle Stephanie de Oliveira. A compreensão do sujeito de enunciação sujeito do enunciado nas cartas de Carolina Maria de Jesus. In: BELO, Fábio (Org.). **Direito e literatura contra o racismo – leituras a partir de Quarto de despejo**. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2018.

PENTEADO, Gilmar. A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 49, p. 19-32, set./dez. 2016. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n49/2316-4018-elbc-49-00019.pdf> > Acesso em: 20 jul. 2018.

PERPÉTUA, Elzira Divina. Carolina de Jesus: Pensamento Poético, Linguagem Clássica e Ideal de Vida. In: ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva, TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês; (Orgs). **Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.

RIOS, Flávia. Carolina de Jesus na Cena Cultural Contemporânea. In: JESUS, Carolina Maria de. **Onde estaes Felicidade?** Org. DINHA e FERNANDEZ, Raffaella. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SILVA, José Bonifácio de Andrada e. **Projetos para o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, Publifolha, 2000.

SILVA, José Carlos Gomes da. **História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus**. Artigo produzido para estágio de pós-doutoramento na Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em http://www2.unifesp.br/proex/novo/santoamaro/docs/cultura_afro_brasileira/carolina_maria_de_jesus_biografia.pdf Acesso em: 12 jun. 2016.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2011.

_____. Carolina Maria de Jesus e o Associativismo Político Cultural Negro nos anos 1960. In: ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva, TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês; (Orgs). **Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. Parataxe da miséria e des(p)ejo das palavras em “Quarto de despejo”. In: BELO, Fábio (Org.). **Direito e literatura contra o recismo – leituras a partir de Quarto de despejo**. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2018.

SOUSA, Germana Henriques Pereira. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

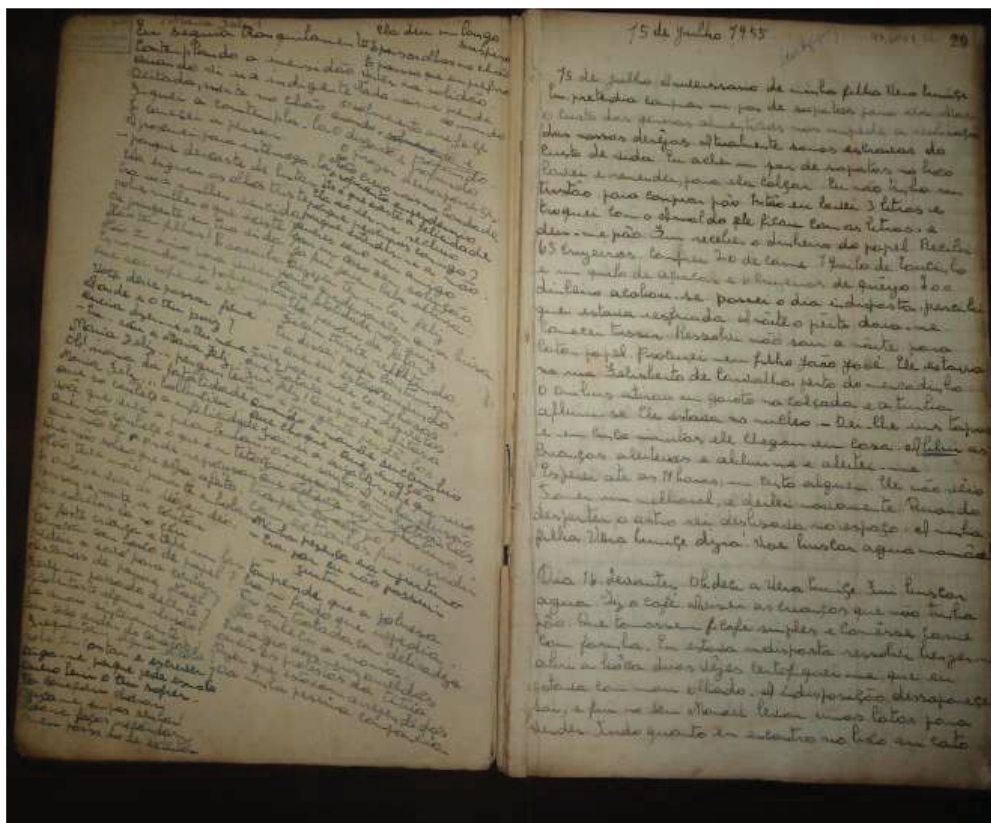
SMITH, Barbara Herrnstein. **Poetry as Fiction**. New Literary History, Vol. 2, nº 2, Form and its Alternatives, p. 259-281. Winter, 1971.

TAUNAY, Carlos Augusto. **Manual do Agricultor Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. (O Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus). In: SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ANEXO 1

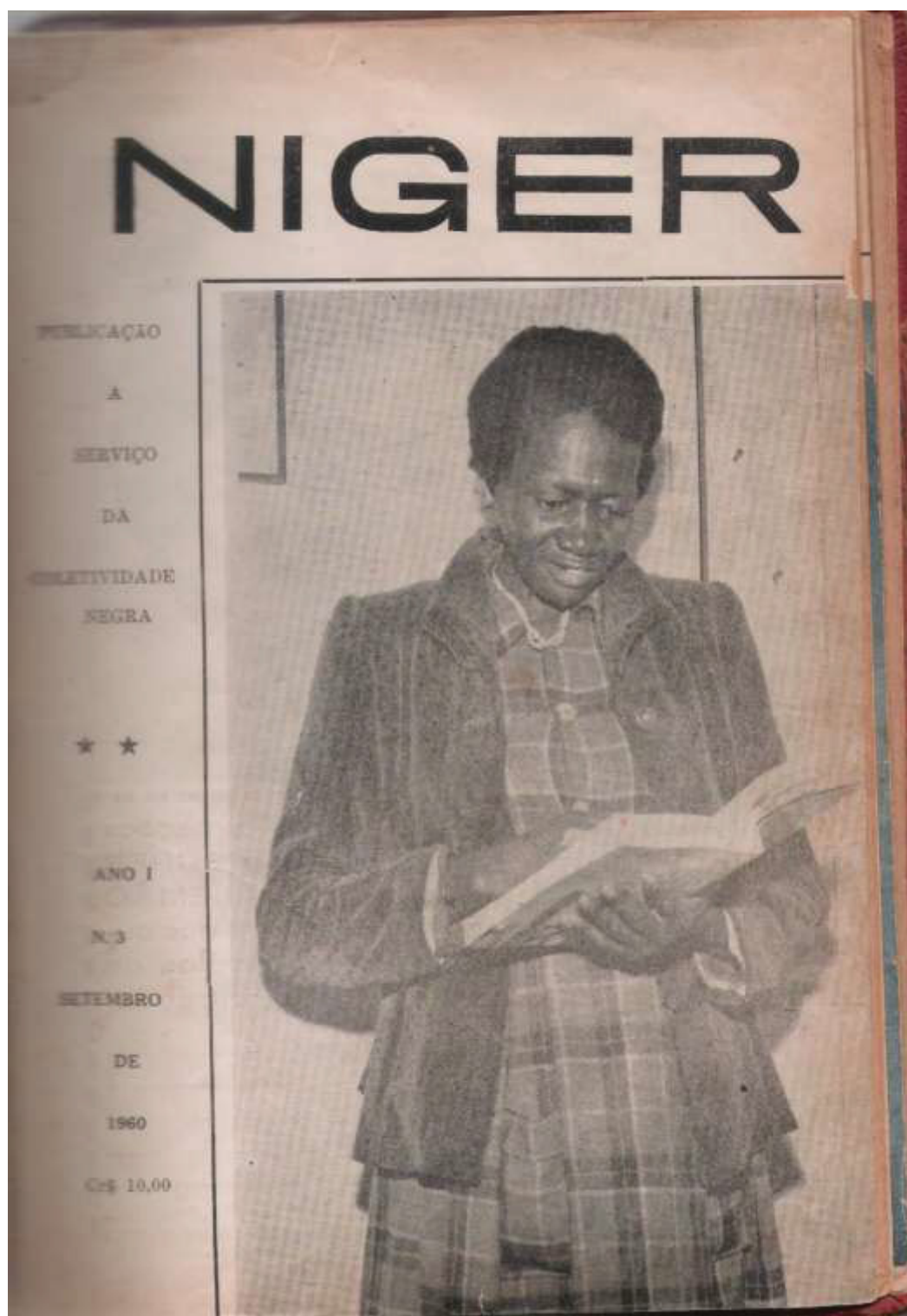
FOTOGRAFIA DE MANUSCRITO DE CAROLINA MARIA DE JESUS



FONTE: FERNANDEZ (2015, p. 72)

ANEXO 2

CAPA DO JORNAL NIGER, SETEMBRO, 1960



FONTE: NIGER (1960)

ANEXO 3

PÁGINA DO JORNAL NIGER, SETEMBRO, 1960

Fosforescência da Vaidade

Querer ser o tal ou a tal é um problema, mas fazer força é outro e bem mais digno.

A vida não é distarce ou pretensão, é mais realidade do que aberração.

A vida não é ter malha nas costas, à moda dos "play-boys", nem usar chapéuzinhos à la "Nat King Cole" e nem roupa à la Sammy Davis, não é sair com modelo "Dior" ou imitações da moda parisiense, como faz muita gente.

Viver é lutar, mas uma luta econômica e estoica; donde saiam progressos palpáveis e visíveis.

Outros há que lutam por causa da aquisição desta ou daquela gravata, meia, cinta, pulseira ou bolsa; dêste ou daquele sapato, relógio, paletó padrão ou tecido.

A esses representantes do snobismo, da aparência, da falsa realidade, a minha condenação; porque, atrás de muitos jovens bem vestidos, muitas mãos andam quase seminuas ou quase descalças; porque, atrás de muitos brindes de gin, usque e tónicas em certos salões de recreação e perdição, há muita falta de pão com manteiga e leite para outros coitadinhos, que mal sabem da realidade, recebendo com riso e alegria os baluartes da ostentação de baixo do mesmo teto.

Aos que lutam dessa maneira, a reprovção, porque é luta sem esteio de dignidade, sem índice de inteligência, sem coeficiente de progresso para o bem e sem garantia para um futuro melhor.

A vida não é banalidades e extravagâncias. Deve consistir no fortalecimento da segurança de todos os meios de conforto e progresso da família, deve consistir mais na realização de um património que represente o bem-estar de quem edifica e des que o cercam.

Num regime de idéias onde imperam só vaidades, com o tempo apenas surgirão rostos pálidos, casebres, misérias, crimes e tristezas angustiantes.

Moços e Moças batalhando por este lado, o lado certo e honrado é querer ver, num futuro próximo, menos bêbados e mais homens, menos casebres e mais casas, menos crimes e mais respeito, menos miséria e mais prosperidade. Sim — encontraríamos mais felicidade e menos infelidades.

LAUBIVINO DA SILVA

Este é o Tempo

Este é o tempo em que a nota é um eco do que escreveu de unidade pode vingar vemo no mês passado.

Ora, a verdade é que existe entusiasmo no coração de muitos negros. O certo é que em qui altura está do seu a idéia de um progresso verdadeiro, olhar para o dadeiro é acalentada por qual horizonte de sua raça e dizer se este horizonte está em ascensão ou declínio.

Não seremos em NIGER profetas de coisas aziagas, mas é ou não é um fato que nós devemos fazer muito mais?

Quem somos nós, além de uma idéia que urge concretizar? Não haverá entre nós os que devoram subrepticamente aquilo que uns poucos reñem para o celeiro da raça?

Já no anterior número de NIGER falamos sobre os negros que se interessam por sua raça.

Existem animais que só andam à noite, às ocultas. Não sabemos quem são esses poucos, ou sabemos?

O que, porém, não pode acontecer é que a pesada luta que se sustenta para o bem-estar de nossa gente seja deturpada, desviada para interesses outros que não os da verdade, do desprendimento, da sinceridade com que todo

Poema da Descoberta

A CAROLINA MARIA DE JESUS

Agora sei que a terra me pertence como pertence ao branco e a descoberta do que é meu por fim me arrebatou e a minha velha alma está liberta.

Agora está liberta a minha alma... e cresce em mim o ardor de sonhos novos: Ah, todo negro é homem entre os homens e pode, irmãos, erguer-se entre os povos!

Pestejai minha entrada entre as faces risonhas, aplaudi o findar do meu longo lamento, este se esvai ao longe, leva-o o vento...

Derrubei as estátuas de faces tristonhas que choravam meu ser, ah, irmãos, festejai! E' primavera e o inverno longe vai!

Um Poema Negro

Sempre interessante é analisar poemas ou um trecho literário qualquer em pormenores, trazendo ao claro o pensamento do autor.

Em 1954 pude ler um poema bem escrito por um de nossos poetas negros, aliás um adolescente que, por intuição pura, descobriu a reivindicação racial através da poesia.

Penso que muitas vezes o fato de um tal poeta negro escrever sobre temas negros advém de circunstâncias exteriores, como um grémio literário frequentado por escritores negros, o fato de ouvir poesia negra, ou, explicito melhor, respirando o citado poeta um clima de poesia racial e ouvindo ele tal poesia, dá-lhe também de escrever assim.

Esse poeta despertou e a fonte de sua inspiração é tão legítima quanto a do outro que começou a escrever levado unicamente pelo subjetivismo.

O adolescente iniciava assim o seu poema:

"Através dos múltiplos contornos de escultura antiga, Deus pincelou-me nos sulcos do rosto a tinta negra, escura..."

E vai descrevendo as pinceladas com que Deus lhe pinta o corpo todo:

"Meneando a cabeça do lado da treva, em pé, diante de mim, meneando a cabeça do lado da treva, pintou-me co' a treva..."

O interesse deste poemeto está na influência, que cresce em tensão e "negritude", ficando brancas no fim apenas as mãos do autor.